



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
EM REDE NACIONAL

MANOELA DE CASTRO MARQUES RIBEIRO

**PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO ENSINO MÉDIO:
IMPLICAÇÕES À JUSTIÇA SOCIAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

FORTALEZA

2024

MANOELA DE CASTRO MARQUES RIBEIRO

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO ENSINO MÉDIO:
IMPLICAÇÕES À JUSTIÇA SOCIAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física. Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Sanches Neto.
Coorientador: Maurício Teodoro de Souza.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R37p Ribeiro, Manoela de Castro Marques.
Práticas Corporais de Aventura no Ensino Médio : implicações à justiça social nas aulas de educação física / Manoela de Castro Marques Ribeiro. – 2024.
149 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Luiz Sanches Neto.
Coorientação: Prof. Dr. Maurício Teodoro de Souza.
1. Aventura. 2. Ensino Médio. 3. Incidente Crítico. I. Título.

CDD 790

MANOELA DE CASTRO MARQUES RIBEIRO

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO ENSINO MÉDIO:
IMPLICAÇÕES À JUSTIÇA SOCIAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física. Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Aprovado em: 29/05/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Sanches Neto (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Profa. Dra. Liana Lima Rocha
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedico essa dissertação a meus/minhas alunos/as, que me motivam todos os dias, apoiando e participando de todas as loucuras que invento, trazendo também novas ideias para melhorar minha prática pedagógica.

AGRADECIMENTOS

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

A meu pai e minha mãe *in memoria*, que mesmo em um plano espiritual, me transmitiram energias positivas em toda minha caminhada.

À minha irmã Elisa, que foi mãe e irmã, me ensinando, guiando, incentivando a sempre buscar meus sonhos.

A meu irmão Fernando e irmã Margarida, que mesmo com a distância, sempre torcem e vibram com minhas conquistas, e meu irmão Antônio Jorge pelas conversas descontraídas e memes, deixando esse momento leve e divertido.

Às minhas sobrinhas Lia e Maria por me darem suporte e inspiração em diversas ocasiões.

À Marcia e Jamile, que são minha família do coração e em todos os momentos estiveram do meu lado.

Ao Sidney, pela assistência emocional e sempre acreditar no meu potencial.

À minhas filhas *pets*, Pandora e Parafina, que do jeitinho delas, estavam sempre presentes nas várias noites em claro durante todo esse processo.

Ao meu orientador e coorientado Luiz Sanches Neto e Maurício Teodoro de Souza, que me ajudaram muito na caminhada desse mestrado tanto na escrita como no ombro amigo nas várias crises de choro.

Aos meus amigos e colegas de turma, que desde antes do primeiro dia de aula mostraram disposição em ajudar e apoiar em todos os momentos com o nosso lema: “o não a gente já tem, vamos em busca da humilhação!”

Às minhas amigas da turma, que nos autointitulamos “as perfeccionistas”. Esse “grupo da Luluzinha” foi essencial para nos apoiarmos enquanto mulheres pesquisadoras.

Aos/as professores/as do PROEF polo UFC, que nos inspiraram e com quem aprendi muito nessa caminhada. Cada um teve uma grande contribuição nesse trabalho. E ao Ari Arcilio Junior, o primeiro secretário do curso, que graças às suas ligações insistentes, não perdi a matrícula e oportunidade de cursar esse mestrado.

À professora Luciana Venâncio que desde o início do curso, além de todos os ensinamentos das disciplinas, contribuiu participando das minhas bancas de pré-

qualificação e qualificação, com ótimas sugestões para melhorar meu trabalho e produto educacional.

Ao professor Giuliano Pimentel e professora Liana Rocha pela disponibilidade e excelentes contribuições tanto na qualificação quanto na defesa da dissertação.

A todos/as estudantes da escola, pelo envolvimento e entusiasmo nas aulas, em especial aos que são monitores da disciplina que além de participaram da pesquisa, me ajudam muito na organização das aulas e outras atividades da escola.

Aos bolsistas do PIBID que além de contribuírem muito com minha prática docente durante vigência do programa, colaboraram participando da pesquisa, ouviram com muita atenção e paciência os intermináveis treinos para apresentação da qualificação e auxiliaram na coleta e organização dos resultados.

Aos colegas dos grupos de pesquisa que faço parte: GEPEFE e AIP, por todo apoio e contribuição desde antes ingressar no mestrado.

Ao núcleo gestor, professores e funcionários da EEEP Maria Ângela da Silveira Borges pelo apoio para que eu pudesse concluir meus estudos nesse programa de mestrado, em especial à Cris Holanda, Elaine, Elber, Karla, Goldembergh, Flávio, Elvis, Roberto, Lima que são amigos e amigas que trabalham comigo e acompanharam mais de perto essa minha jornada.

A meus/minhas amigos/as do grupo "Biritis J.A": Ednaldo, Aníbal, Marciana, Joana, Catherine, Manu, Fabiana, Mara Machado e Mara Pedrosa, Neto, Luana e Luzia. Que estão comigo desde quando ingressei na rede estadual, como amigos/as de trabalho, de luta, dos momentos mais difíceis da minha vida, mas também de encontros étlicos deixando toda essa caminhada mais alegre e leve.

Às minhas amigas Carol e Adriana, que me acompanham desde a graduação. Adriana pelos conselhos, empurrões para dar continuidade aos meus estudos e críticas essenciais para a produção da dissertação. Carol, por ser meu ombro amigo nos momentos de desespero e a vizinha mais parceira que eu poderia ter.

Joga faz o corre essa menina não da bola
Pra quem sempre te quis do lado de fora
Ela escreve a própria história

Escreveu de caneta que é pra ninguém apagar
Durante o café já tá pensando no jantar
Da janela ela, sabe onde quer chegar

Se liga na linha do tempo que
A força dela não tem idade
E essa mulher louca rebelde
Que não aceita viver sem liberdade
O que faz ela sorrir
Não deixa ela desistir
Testando sua paciência
Mais uma na resistência
O que faz ela chorar
Não tem força pra derrubar
Ela sabe bem aonde quer chegar

(Ela Escreve a Própria História
Gabi Fernandes e Tamires, 2023)

RESUMO

É essencial incluir conteúdos como as práticas corporais de aventura (PCA), pouco acessíveis para os/as estudantes, e assim combater essa injustiça social. A problemática da pesquisa perpassa a inquietação de fazer diferente nas minhas aulas e aprofundar a temática das PCA. Dessa forma, as questões norteadoras dessa pesquisa são: Como aprofundar as discussões acerca das práticas corporais de aventura? Como superar as dificuldades e limitações para inserção das PCA na escola? Portanto, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar e refletir os limites, dificuldades e as possibilidades pedagógicas de incluir as Práticas Corporais de Aventura no ensino médio, visando explorar temas relacionados à justiça social. A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual de educação profissional, situada na cidade de Fortaleza-CE, no bairro Praia do Futuro. Os participantes da pesquisa foram nove estudantes de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC), integrantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), e oito estudantes monitores da escola. Este projeto é caracterizado por uma abordagem qualitativa. O método escolhido para realizar a pesquisa foi o descritivo. O instrumento utilizado foi o diário de campo, elaborado pela professora-pesquisadora, Técnica do Incidente Crítico (TIC) produzida pela professora-pesquisadora e bolsistas do PIBID, e grupo focal desenvolvido com estudantes monitores. A partir das pesquisas e experiências profissionais, foi elaborada uma sequência didática como produto educacional, de como trabalhar diversas práticas corporais de aventura no ensino médio. Esse produto será disponibilizado de forma online. Ao refletir sobre as dificuldades, possibilidades e limitações observadas nas aulas de PCA, fica evidente que a falta de equipamento de segurança, a escassez de material e o pouco tempo disponível para as vivências representam obstáculos significativos. Os incidentes críticos mostraram-se uma ferramenta importante na percepção e enfrentamento de injustiças sociais que acontecem nas aulas. Quanto às lacunas da pesquisa, é crucial ressaltar que nem tudo pôde ser analisado das aulas desenvolvidas, deixando espaço para reflexões futuras. Nesse sentido, buscar um amigo crítico para apontar questões não observadas ou pouco debatidas nesta pesquisa pode enriquecer ainda mais o trabalho e contribuir para a ampliação dessas práticas na escola.

Palavras-chave: aventura; ensino médio; incidente crítico.

ABSTRACT

It is essential to include the Adventure Body Practices (ABP) in Physical Education classes to make them more accessible to students, thereby to fight for social justice. This work considers the necessity of making a big difference in Physical Education classes. Initially, some leading questions are presented. How to deepen discussions about the ABP? How to overcome the difficulties and limitations of ABP in order to insertion of them in school? Therefore, this research aims to analyze and reflect the limits, difficulties and pedagogical possibilities of including the Adventure Body Practices (ABP) in high school to discuss themes related to social justice. This work was conducted in a state public school for professional education, located in the city of Fortaleza-CE, in Praia do Futuro neighborhood. The research participants were nine undergraduate students from the Federal University of Ceará (UFC), members of The Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation (PIBID), and eight student monitors from the school. This project is characterized by a qualitative approach and descriptive method. The instrument used was the field diary, drawn up by the teacher-researcher, the Critical Incident Technique (CIT) produced by the teacher-researcher and PIBID scholarship holders, and a focus group developed with student monitors. Based on the research and professional experiences, a didactic sequence was drawn up as an educational product, on how to work with various adventure body practices in high school. This product will be made available online. Reflecting on the difficulties, possibilities and limitations observed in ABP classes, it is clear that the lack of safety equipment, the scarcity of material and the short time available for the experiences represent significant obstacles. Critical incidents have proved to be an important tool for perceiving and confronting the social injustices that occur in the classes. Searching for partnerships with students, with the school board and with the community are the key to developing not only the ABP classes, but also any practice that it is different from the traditional ones. It is crucial to point out that not everything could be analyzed from the classes what makes it relevant for future reflections. In this sense, seeking out a critical friend to point out issues that were not observed or were not discussed enough in this research could enrich the work even more and contribute to expanding these practices at school.

Keywords: adventure; high school; critical incident.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vivência prática de patins.....	68
Figura 2 – Vivência prática do parkour.....	70
Figura 3 – Vivência prática de kitesurf.....	87
Figura 4 – Vivência prática de surf.....	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dissertações do repositório do ProEF relacionados às PCA.....	29
Quadro 2 – Produções relacionadas às PCA.....	35
Quadro 3 – Produções relacionadas às PCA na região nordeste.....	38
Quadro 4 – Incidente crítico 1.....	51
Quadro 5 – Incidente crítico 2.....	53
Quadro 6 – Incidente crítico 3.....	55
Quadro 7 – Incidente crítico 4.....	57
Quadro 8 – Incidente crítico 5.....	58
Quadro 9 – Cronograma.....	62
Quadro 10 – Análise de conteúdo temática.....	63
Quadro 11 – Sequência de aulas.....	63
Quadro 12 – Plano de aula 3.....	66
Quadro 13 – Plano de aula 5.....	66
Quadro 14 – Plano de aula 7.....	69
Quadro 15 – Plano de aula 12.....	73
Quadro 16 – Incidente crítico 10.....	74
Quadro 17 – Plano de aula 4.....	77
Quadro 18 – Plano de aula 5.....	78
Quadro 19 – Incidente crítico 6.....	81
Quadro 20 – Plano de aula 8.....	82
Quadro 21 – Incidente crítico 7.....	83
Quadro 22 – Incidente crítico 8.....	84
Quadro 23 – Incidente crítico 9.....	85
Quadro 24 – Plano de aula 9.....	86

Quadro 25 – Plano de aula 7.....	89
Quadro 26 – Plano de aula 6.....	92
Quadro 27 – Incidente crítico 11.....	106
Quadro 28 – Incidente crítico 12.....	122
Quadro 29 – Incidente crítico 13.....	124
Quadro 30 – Incidente crítico 14.....	127
Quadro 31 – Incidente crítico 15.....	127
Quadro 32 – Incidente crítico 16.....	128
Quadro 33 – Incidente crítico 17.....	142

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIP	Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar e Processos Formativos Colaborativos
AFAN	Atividades Físicas de Aventura na Natureza
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CONPEFE	Congresso dos Professores de Educação Física Escolar
EF	Educação Física
GEPEFE	Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar
IC	Incidente Crítico
PCA	Práticas Corporais de Aventura
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PROEF	Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado do Ceará
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Técnica do Incidente Crítico
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	Primeiras aventuras.....	15
2	OBJETIVOS.....	22
2.1	Objetivo Geral.....	22
2.2	Objetivos Específicos.....	22
2.3	Produto Educacional.....	22
3	MARCO TEÓRICO.....	24
3.1	Terminologia.....	24
3.1.1	<i>Práticas Corporais de Aventura e justiça social.....</i>	27
3.1.2	<i>Caminhos utilizados para o ensino das práticas corporais de aventura segundo a literatura.....</i>	29
3.1.3	<i>Documentos norteadores: BNCC, PCN, Matriz Curricular do Ceará.....</i>	40
3.1.4	<i>Trajatória do ensino das Práticas Corporais de Aventura na escola: narrativas autobiográficas.....</i>	41
4	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	48
4.1	Tipo de estudo.....	48
4.2	Universo da pesquisa.....	48
4.3	Participantes.....	48
4.3.1	<i>Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID.....</i>	49
4.4	Materiais e métodos.....	50
4.5	Procedimentos para a Coleta de Dados.....	51
4.6	Procedimentos para a Análise de Dados.....	61
4.7	Aspectos Éticos.....	61
4.8	Cronograma.....	61
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	63
5.1	Possibilidades.....	64
5.2	Dificuldades.....	77
5.3	Limitações.....	92
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94

REFERÊNCIAS.....	97
APÊNDICE A - DIÁRIO DE CAMPO.....	104
APÊNDICE B - ROTEIRO GRUPO FOCAL.....	144
APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE).....	145
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	147
APÊNDICE E - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM (MENOR DE IDADE).....	149

1 INTRODUÇÃO

1.1 Primeiras aventuras

Para iniciar minha caminhada neste estudo, começo falando do início da minha trajetória enquanto educadora, pois foram as minhas primeiras experiências profissionais que me trouxeram até a temática deste trabalho.

Logo que passei no concurso de 2010 do estado do Ceará, tinha acabado de terminar minha graduação, e como toda recém-formada, tinha muitas dúvidas e inseguranças de como ministrar aula para o ensino médio. No início da minha jornada como professora, não me via como pesquisadora. Eram tantas dificuldades, medos e problemas que não refletia sobre isso.

Comecei a me perceber enquanto professora-pesquisadora quando entrei no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar (GEPEFE)¹. Enquanto estudante, nunca gostei muito de estudar, mas sempre estudei porque minha irmã dizia que era a única maneira de mudar minha vida. Entrei no GEPEFE por muita insistência de uma amiga, porque sabia que essa seria uma forma de me forçar a estudar. Sob a liderança do professor Heraldo Simões, descobri que, além de ser professora, também sou pesquisadora. Tenho gravado muito forte em mim suas palavras, de que tudo que a gente faz na escola pode e deve virar pesquisa. Publicizar aquilo que fazemos na escola é de extrema importância para valorizar nossas práticas e fortalecer cada vez mais a educação física escolar, e essa sempre foi uma característica muito forte do grupo, que fizeram surgir várias publicações de livros organizados por ele como os livros: “Educação Física Escolar: possibilidades metodológicas” (Ferreira, 2015), “Abordagens da educação física escolar: da teoria à prática” (Ferreira, 2019) e “Diálogos acerca da formação de professores em educação física” (CUNHA et al., 2019). Apesar de fazer parte de um grupo de estudos a bastante tempo, não era meu interesse prioritário entrar em um programa de pós-graduação, pois meu maior desejo era cursar um mestrado específico em educação física.

Ao chegar à escola, me entregaram 27 diários de classe, o horário das aulas e um livro com as matrizes curriculares do estado, para elaboração do meu plano anual. As matrizes curriculares do ensino médio foram elaboradas pela

¹ Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar vinculado à Universidade Estadual do Ceará - UECE, fundado em 2013 sob orientação do Prof. Dr. Heraldo Simões Ferreira.

Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC, em meados de 2000, a partir de uma construção coletiva com professores/as da rede pública, técnicos/as da SEDUC e docentes de diversas universidades, para orientar uma organização do currículo, organizada por competências e habilidades, para as escolas da rede pública estadual (Ceará, 2009).

Na minha graduação, só tive acesso aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que eram voltados para o ensino fundamental. Ao me debruçar neste material para planejar minhas aulas, me deparei com uma sistematização dos conteúdos por bimestres e séries que achei bem interessante, mas, ao mesmo tempo, desafiador, uma vez que esse material tinha vários conteúdos que não fazia ideia de como iria trabalhar na escola, e uma dessas temáticas era as práticas corporais de aventura.²

Em um primeiro momento, ao ver a temática de práticas corporais de aventura como uma proposta a ser trabalhada, pensei logo em pular esse conteúdo, mas depois decidi ensinar o assunto apenas de forma teórica. Durante as aulas teóricas, os/as alunos/as se interessaram bastante pela temática, e demonstravam interesse em vivenciar essas práticas, o que me parecia inviável, até que tive a ideia de propor uma prática de patins. Perguntei às turmas se eles/as teriam condições de arcar com o aluguel dos patins, que eu iria negociar um valor acessível com alguém que trabalhasse com isso. Uma das minhas turmas concordou com a ideia e, com isso, consegui fazer a minha primeira aula prática sobre as práticas corporais de aventura na escola.

Depois dessa experiência, mudei para uma escola localizada próxima à praia do futuro, e nesse mesmo período iniciei a prática de surfe na minha vida pessoal, e na mesma hora pensei: acho que é possível levar o surfe para a escola! Conversei com o instrutor que me ensinava a surfar, se ele aceitava fazer um momento de surfe com meus/minhas alunos/as de forma voluntária, e ele concordou na mesma hora. A aula se resumiu a um único momento na praia, com a demonstração na areia, e depois um momento na água com quem se sentisse à vontade. A aula foi um sucesso e desde então os/as alunos/as sempre me perguntam nos corredores e em sala de aula quando vai ter outra aula dessas, e alunos/as de

² Termo utilizado pela BNCC, que mais a diante irei justificar o uso.

outras séries que não tiveram esse momento me perguntam quando eles/as terão essa aula.

Percebendo a empolgação e procura dos/as alunos/as com a temática, venho tentando aplicar e ampliar esse conteúdo nas minhas aulas, mas com muitas dificuldades, pois apesar da minha boa vontade, me falta o conhecimento teórico e prático para aplicação na escola, pois durante minha graduação não tive nenhuma disciplina que abordasse essa temática. Por isso, a justificativa pessoal desta pesquisa se dá a partir da minha autocrítica de que eu preciso ressignificar e melhorar essas aulas, para além dos momentos práticos de patins, *skate*, bicicleta e surfe, e aprofundar as discussões acerca das práticas corporais de aventura.

Ao ingressar no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), reiterei a importância de pesquisar e estudar minha própria prática. Nesse período, passei a fazer parte do grupo de pesquisa AIP³ (Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar e Processos Formativos Colaborativos “Profa. Dra. Adriana Inês de Paula”) que tem como foco principal a pesquisa colaborativa e assuntos relacionados à justiça social na educação física escolar, que me fizeram refletir e ressignificar minha prática docente.

Porém, não basta escrever sobre o que estamos fazendo na escola. É importante fazer uma análise aprofundada da própria prática para trazer novas descobertas e possibilidades. Além disso, há influências na trajetória docente que advêm das vivências com as famílias de origem, as reminiscências dos percursos escolares na educação básica, o ingresso nos cursos de graduação, o trabalho docente nas escolas e nos cursos superiores de educação física e/ou em outros cursos e espaços de formação de professores/as, os questionamentos (auto)críticos a respeito dos próprios contextos de trabalho, as próprias pesquisas de mestrado, as redes colaborativas e as comunidades de parceiros/as em que os/as professores/as participam (Venâncio; Sanches Neto, 2022).

Acerca das vivências com minha família de origem, ser a filha caçula com cinco irmãos sem mãe é uma grande aventura. Meu maior exemplo sempre foi meu pai e minha irmã mais velha. Com o falecimento prematuro da minha mãe, minha irmã mais velha assumiu o papel de mãe, e sempre foi ela quem insistia que eu tinha que

³ Grupo de Pesquisa Educação Física Escolar e Processos Formativos e Colaborativos “Profa. Dra. Adriana Inês de Paula” sem vínculo institucional, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Sanches Neto

estudar. Para meu pai, bastava que a gente concluísse o ensino médio, mas para minha irmã não. Ela sempre dizia que nós tínhamos que fazer faculdade, concurso público, mestrado, doutorado. Entretanto, quando terminei o ensino médio, não consegui ingressar logo na universidade. Naquele período, minha irmã engravidou e eu fui ajudá-la com os cuidados da minha sobrinha, e ela me pagava como babá. Então, percebi que eu tinha que estudar porque aquela não era a vida que eu queria para mim.

Desde a minha infância convivi com a injustiça social do meu irmão, que por ser uma pessoa com deficiência, sofreu muito no seu período escolar e por isso não concluiu os estudos. Essa situação que aconteceu com meu irmão sempre me incomodou, e desde a graduação que me preocupo, estudo e procuro ter um olhar atento para que injustiças como essa e outras não ocorram dentro ou fora do ambiente escolar.

Na escola, minha relação com a educação física sempre foi muito prazerosa. Não tenho muitas lembranças da educação física no ensino fundamental, mas lembro bem do ensino médio. As aulas aconteciam no contraturno e os/as alunos/as que faziam alguma atividade física extracurricular – como escolinha ou seleção da escola, por exemplo – eram liberados/as das aulas de educação física. Com isso, as aulas de educação física eram péssimas. Havia pouquíssimos alunos/as e o professor passava exercícios físicos, mandando a gente correr na quadra. Insatisfeita com essas aulas, resolvi tentar fazer parte do time de vôlei da escola, já que pagar uma escolinha não cabia no orçamento do meu pai. Eu não sabia jogar vôlei. Mesmo assim, o professor responsável por treinar o time da escola deixou-me fazer parte do time, e desde então que me apaixonei pela educação física. Além de treinar na escola, busquei um clube para treinar também, e certa vez, o professor do clube propôs uma aula de vôlei sentado. Eu achei aquela aula tão diferente e interessante, que a partir daquele momento desejei cursar a graduação em educação física.

Na minha graduação, havia ainda a possibilidade de formar-se como licenciado/a e bacharel concomitantemente, mas eu não tinha qualquer pretensão de ser professora na escola, pois imaginava que seria treinadora de vôlei em algum clube. Porém, a disciplina de educação física escolar, com o professor Heraldo Simões, despertou em mim essa curiosidade em ser professora, porque ele usou uma expressão mágica que já estava na minha cabeça: “concurso público”. Ele dizia em

sala: “Olha, quem for para o bacharelado, vai trabalhar em clube, academia, *personal*, mas quem for para a escola, pode fazer concurso público. Só na escola tem essa possibilidade”. Lembrando da fala da minha irmã, resolvi que era aquilo que eu queria, pois para mim seria importante um emprego que me desse estabilidade financeira e profissional para desenvolver meu trabalho de forma tranquila. O professor Heraldo também sempre reforçou a importância da educação física na escola, e nosso papel de valorizar e defendê-la. Foi com ele que aprendi que essa seria minha maior luta durante minha jornada profissional.

Durante minha trajetória docente, costumo me questionar bastante sobre a relevância do que estou ensinando para meus/as alunos/as. Atualmente, tenho me questionado se todo meu esforço em fazer “aulas diferentes” vale a pena. Na aula de surfe, por exemplo, será que vale a pena tanto esforço e chateação para organizar essas aulas, sendo que cada aluno/a passará cinco minutos tentando ficar em pé em cima de uma prancha? Mas, quando vejo uma aluna relatar que não sabe nadar e tem medo de entrar no mar, ficar em pé na prancha e sair do mar com um sorriso no rosto, comemorando e contando para os/as amigos/as suas experiências, vejo que meu esforço valeu a pena.

A temática da minha pesquisa abrange minha própria prática relacionada às PCA. No primeiro dia de aula no ProEF, quando os/as professores/as falaram sobre a linha de pesquisa de cada um/a o professor Luiz Sanches Neto – que posteriormente seria meu orientador – mencionou autoestudo e estudo colaborativo. Aqueles termos que eu não conhecia chamaram-me a atenção para pesquisar minha prática. De modo (auto)crítico, reconheço minhas limitações e dificuldades, bem como o desejo de aprofundar a compreensão do meu trabalho docente e compartilhá-lo. Antes de ingressar no mestrado, eu já me interessava pelas PCA porque vejo como os/as alunos/as gostam e engajam-se. Entretanto, parece-me que eu ainda poderia melhorar meu modo de ensino. Assim, como tema específico, o foco está em pesquisar minha prática nas PCA, em alguns sentidos, identificando como eu já faço e como posso melhorar, quais problemas tenho e como posso resolvê-los para melhorar o meu ensino e a aprendizagem dos/as alunos/as. Como professora-pesquisadora de educação física, trabalho diversos conteúdos temáticos durante o ano letivo e, particularmente, tenho prazer em trabalhar as PCA com os/as alunos/as. Se, como professora, eu mesma acho chato trabalhar mais do mesmo – como vôlei, basquete e futsal –, posso inferir que os/as alunos/as se interessariam mais por temas

diferentes. Além disso, as PCA me fascinam porque não as domino, assim como os/as alunos/as que não as conhecem.

A problemática da pesquisa perpassa a inquietação de fazer diferente nas minhas aulas e aprofundar a temática das PCA, além da vivência do surfe, patins, *skate* e bicicleta. Encontro dificuldade no aprofundamento, pois há problemas que podem emergir. Recentemente, comecei a testar a técnica dos incidentes críticos (IC) proposta por Philpot et al. (2021) nas minhas aulas, fazendo anotações e observações. Ao identificar diversos IC nas aulas, refleti sobre a minha prática por meio de temas que vêm surgindo independentemente das PCA. Durante o 1º bimestre de 2023, consegui capturar alguns IC que emergiram durante a elaboração das aulas. Alguns eu já sabia antecipadamente que iria enfrentar, pois há alunos/as que não queriam participar mesmo sendo uma prática diferente. Também emergiram dificuldades como o tempo que permaneço organizando essas aulas diferentes, sendo que me falta tempo para refletir sobre como aprofundar a temática de forma mais crítica e de fazer com que todos/as participem e se engajem durante o percurso de aprendizagem. Dessa forma, as questões norteadoras dessa pesquisa são: Como aprofundar as discussões acerca das práticas corporais de aventura? Como superar as dificuldades e limitações para inserção das PCA na escola?

Tendo como base minha experiência e dificuldade inicial em trabalhar com essa unidade temática da educação física, esse trabalho tem como justificativa profissional colaborar com outros/as professores/as para a inserção das práticas corporais de aventura no ensino médio.

Deixando claro que o objetivo não é trazer receita de bolo, ou fórmula do sucesso, mas sim compartilhar possibilidades, como uma forma de ajudar outros/as professores/as a buscarem dentro de suas realidades, formas diferentes de abordar esse conteúdo, a partir de uma análise autocrítica do meu trabalho docente.

Por último, mas não menos importante, a justificativa social dessa pesquisa se dá pela percepção que tive ao longo dos anos aplicando esse conteúdo nas aulas, que apesar de muitos/as alunos/as morarem próximo da praia, a grande maioria deles/as não tem acesso a essas práticas corporais por diversos motivos como medo, falta de condições financeiras de comprar o material para a prática ou de pagar profissionais para ensinar as práticas. Sendo assim, faz-se necessário a inclusão dessa temática na escola para combater essa injustiça social.

Com base nas justificativas apresentadas, os objetivos tanto gerais quanto específicos da pesquisa são apresentados no tópico seguinte.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar e refletir os limites, dificuldades e as possibilidades pedagógicas de incluir as Práticas Corporais de Aventura no ensino médio, visando explorar temas relacionados à justiça social.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever as aulas, identificando as possibilidades, dificuldades e limitações quanto ao conteúdo das práticas corporais de aventura no ensino médio;
- b) Desenvolver uma sequência didática sobre práticas corporais de aventura no ensino médio;
- c) Avaliar e (auto)refletir sobre as práticas corporais de aventura no ensino médio, identificando como essas experiências podem contribuir para compreensão de questões relacionadas à justiça social.

2.3 Produto Educacional

Na educação física escolar, os esportes e a ginástica acabam sendo os conteúdos mais trabalhados, deixando de lado os outros componentes da cultura corporal, portanto, incluir outros conteúdos como as práticas corporais de aventura mostra-se necessário. Sabendo que a BNCC pouco contribui para como deve ser a sistematização dos conteúdos no ensino médio, torna-se relevante, conhecer e vivenciar novas práticas que, para a maioria, não são comumente utilizadas no ensino médio.

A partir das pesquisas e experiências profissionais, foi elaborada uma sequência didática como produto educacional, de como trabalhar diversas práticas corporais de aventura no ensino médio. Esse produto será disponibilizado de forma online com os planos de aula contendo objetivos, conteúdo, metodologia, material, avaliação, observações, sugestões de temas relacionados à justiça social e referências no link a seguir:
https://drive.google.com/file/d/1QeZST9bz9qSqMorqMRGJL2hrlaV5S_ZZ/view?usp=sharing

3 MARCO TEÓRICO

3.1 Terminologia

É notória a crescente procura pelas práticas corporais de aventura ao longo dos anos. Antes vista como uma atividade feita apenas por aventureiros/as em busca de adrenalina, hoje a cada vez mais pessoas procuram essas práticas a fim de ter um maior contato com a natureza ou simplesmente experimentar algo novo. A inclusão de modalidades como *skate*, escalada e surfe como esportes olímpicos expressa o crescimento dessas práticas no mundo todo.

Diante dessa procura e inserção das práticas corporais de aventura na BNCC, faz-se necessário pesquisar e discutir como realizar essas práticas na escola, especialmente no ensino médio, onde a BNCC pouco contribui nesse nível de ensino.

Escolher um termo para denominar as PCA ainda parece ser um grande desafio. O mundo acadêmico busca teorizar, conceituar e compreender a origem da palavra. Mas nem tudo cabe em uma definição única. Fazendo uma analogia com a parábola “os cegos e o elefante”, que conta a história do grupo de homens cegos que encontram um elefante pela primeira vez e aprendem a conceitualizá-lo ao tocá-lo. É uma parábola clássica sobre a perspectiva limitada e a interpretação subjetiva da realidade. Cada homem cego experimenta apenas uma parte do elefante, como a presa ou o dorso do animal, portanto, descreve o elefante de acordo com sua experiência individual. Como resultado, suas descrições do elefante diferem entre si. A moral da história destaca a tendência humana de presumir uma verdade absoluta com base em experiências pessoais limitadas. Isso vale para a terminologia para denominar as PCA, com tantas possibilidades, sensações e aplicações diferentes.

Se eu estivesse de olhos vendados (será que não estou?), tocando o elefante (estudando sobre a epistemologia da palavra: prática corporal de aventura), e ouvisse várias pessoas falando que o elefante era diferente daquilo que eu estava tocando (que o termo adequado não era aquele que conhecia como verdade), assumiria certamente a postura de defender aquilo que era o certo na minha percepção. Com certeza iria esbravejar: você está louco! Claro que o elefante (que o termo não é esse) não é isso!!! O elefante (o termo) é o que estou tocando (o que conheço, o que está em documentos) e pronto! Mas em um dado momento (durante o mestrado), após começar a ouvir muitas coisas diferentes daquilo que tenho certeza,

começaria a duvidar das minhas certezas. Após ouvir várias pessoas dizendo que o elefante (o termo) era diferente daquilo que estava “vendo”, iria querer ver o que o outro estava vendo. Meu pensamento seria: deixa eu ver lá o que ele está vendo, porque não é possível ser o mesmo!

Para iniciar esse procedimento investigativo, é importante apontar que na literatura existem diversas formas de denominar as práticas corporais de aventura, não havendo consenso quanto ao termo adequado. Também chamada de esportes de aventura, atividades físicas na natureza, esportes radicais, entre outros. O termo “esportes de aventura” é citado por Pereira, Armbrust (2010), as “atividades físicas de aventura” por Franco (2011), os “esportes radicais” mencionados por Uvinha (2001) as “AFAN - atividades físicas de aventura na natureza” por Betrán (2003), e os “esportes na natureza” investigados por Dias (2008), são diversas definições utilizadas para denominar o referido objeto de estudo (Tahara; Darido, 2016).

Como consequência dessa falta de uma definição terminológica, existe uma predisposição em cogitar que as discussões não progridem de maneira satisfatória para apresentar concordâncias sobre a delimitação do objeto (Pimentel, 2013). “Esse ‘consenso da falta de consenso’ e especialmente a minimização dos supostos danos dessa indefinição às pesquisas na área poderiam resolver a questão.” (Pimentel, p. 688, 2013). Entretanto, para outros, é quando o fenômeno está confuso que a definição acadêmica se torna ainda mais importante, pois revela o objeto por trás das manifestações isoladas (Pimentel, 2013).

Para Pereira e Armbrust (2023), o termo “aventura” deixa mais perceptível e direto, associando ao vocábulo de risco que envolve essa prática, resumindo a busca pelo risco-perigo evidente na Pedagogia da Aventura. Assim como os esportes de aventura têm em comum a predisposição pelo risco e pela aventura, vários com a concepção de apoiar também em ações de preservação ecológica (Uvinha, 2001). De acordo com Pereira e Armbrust (2023), os esportes radicais, são práticas recentes na cultura esportiva, pois se expandiu e atraiu vários apreciadores, apenas a partir da década de 1990, com a difusão pela mídia, a proposta como atividade de lazer e turismo na natureza e a ampliação globalizada do comércio ao redor deles, e justifica o uso do termo esporte por se tratar de uma expressão humana enraizada em nossa cultura.

Para Franco (2008), o termo Atividades Físicas de Aventura alcança os estudantes de uma forma mais ampla, permitindo alternativas de um conteúdo que

poderá abordar essas práticas corporais de forma competitivo ou não, mas que retratam imprevisibilidade e um certo e restrito risco a ser superado no ambiente urbano, ou na natureza, ou em simulações desta em meio urbano.

Já para Dias, Melo e Alves Junior (2007, p. 360), “os esportes na natureza são uma espécie de subcultura esportiva, mas que integram o campo esportivo mais amplo e parece que é assim que devem ser estudados”. De acordo com Dias, Melo e Alves Junior (2007), não devemos estabelecer uma compreensão homogeneizadora do esporte, com uma visão somente das suas dimensões institucionais, burocráticas ou espetaculares. Ao contrário, precisamos analisar uma perspectiva multidimensional, que nos acarrete compreender a complexidade e multiplicidade dos diversos pontos de vista que o compõem. “Trata-se de integrar os aspectos laborais e lúdicos rumo a uma definição mais aceitável de esporte (no sentido de permitir captar com mais acuidade a sua concretude).” (Dias; Melo; Alves Junior, 2007, p. 360). Mas para Pimentel (2013), o termo esporte na natureza não abrange nem mesmo as formas de lazer no meio natural, uma vez que costumes (como a caça), turismo, escotismo e campismo fogem ao contexto esportivo, além de excluir as práticas do meio urbano.

Já o conceito atividades de aventura aparenta preservar a declarada e polêmica generalidade de práticas que tem capacidade de ocorrer no meio natural (turismo, educação ambiental, esportes, rituais indígenas) e no meio urbano (esportes, jogos, entre outros) (Pimentel, 2013).

A escolha do nome "Práticas Corporais de Aventura" pela BNCC está relacionada à ideia de que a Educação Física aborda as práticas corporais, ou seja, a cultura corporal. No entanto, ao analisar outras áreas da Educação Física descritas no documento, como Esportes, Danças, Lutas, Ginásticas, Jogos e Brincadeiras, percebe-se que há uma diferença, pois todas as outras temáticas são apontadas por substantivos, enquanto "Aventura" é denominada como "Práticas Corporais de Aventura", ou seja, uma expressão adjetiva. Essa questão pode parecer insignificante à primeira vista, mas ela chama a atenção para o fato de que, na BNCC, a Aventura é considerada uma característica das Práticas Corporais, e não um nome que denomina uma prática específica, como acontece com as outras temáticas (Pereira; Armbrust, 2021).

Para Pereira e Armbrust (2021), a inclusão da Aventura como uma unidade temática na BNCC representa um crescimento significativo para a diversificação e

aprimoramento pedagógico na área. No entanto, é considerável revisar a nomenclatura atual, "Práticas Corporais de Aventura", uma vez que o termo "Aventura" resume a relação entre pensamento e linguagem de maneira orgânica e complexa, mantendo a polissemia presente em outras temáticas.

De acordo com esse documento, as práticas corporais de aventura, “exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador.” (Brasil, 2022, p. 218).

Também existem diversas formas de classificar essas práticas, e a classificação proposta pela BNCC é baseado no ambiente que será realizado: na natureza e urbana.

As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo etc. Já as práticas de aventura urbanas exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática de *parkour*, *skate*, *patins*, *bike*, etc (Brasil, 2022, p. 218).

Diante de tantas expressões diferentes, admito ainda não conseguir tirar a venda dos olhos e definir com clareza o termo mais adequado a ser utilizado, demandando mais estudos e debates sobre esse tema. Dessa forma, a escolha por utilizar o termo “práticas corporais de aventura”, se dá pelo fato de ser um vocábulo utilizado pela BNCC, documento de âmbito nacional amplamente difundido.

3.1.1 Práticas Corporais de Aventura e justiça social

As desigualdades e injustiças presentes na sociedade são fenômenos complexos que afetam inúmeras dimensões da vida das pessoas. Desde diferenças econômicas e acesso desigual a recursos básicos, como saúde e educação, até discriminação com base em gênero, raça, etnia, orientação sexual e identidade de gênero, as injustiças sociais permeiam as estruturas sociais e impactam diretamente a qualidade de vida de diversos grupos.

Essas desigualdades também se refletem em questões como distribuição de renda, oportunidades de emprego, representatividade política e acesso à justiça. Além disso, as diferenças no tratamento dado a diferentes grupos sociais contribuem

para a perpetuação de ciclos de exclusão e marginalização, dificultando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Carvalho e Peres (2020), define a justiça social como um princípio ético e moral que afirma os direitos fundamentais de todos os seres humanos. Essa visão se baseia na busca pela equidade, solidariedade e no respeito à dignidade humana e esses direitos devem ser protegidos e garantidos pela sociedade como uma questão de princípio inegociável, visando assegurar condições justas e igualitárias para todos.

Carvalho e Peres (2020), defende que a justiça social é fundamental e inquestionável, pois é ela que assegura a justiça individual. Ele enfatiza que a justiça social atua para garantir que o local de nascimento de uma pessoa seja apenas uma circunstância casual, e não uma condenação. Isso significa que a justiça social busca criar condições em que o lugar onde alguém nasce não determine o seu destino de forma injusta ou limitante.

Além disso, o autor destaca que as circunstâncias iniciais podem ser alteradas, pois são naturalmente mutáveis. Ele ressalta a importância da vontade, do poder e dos meios para escolher transformar essas circunstâncias em algo favorável ou desfavorável para alguém. Ou seja, ao promover a justiça social, busca-se criar oportunidades e condições para que as pessoas tenham o poder de transformar suas próprias vidas, independentemente das circunstâncias iniciais em que nasceram (Carvalho; Peres, 2020).

Portanto, compreender e enfrentar as desigualdades e injustiças presentes na sociedade é fundamental para promover mudanças significativas que garantam o respeito aos direitos humanos e a construção de um ambiente mais inclusivo e equitativo para todos os cidadãos.

Em uma sociedade onde as desigualdades e injustiças estão presentes, as práticas corporais de aventura podem representar uma oportunidade de empoderamento e superação para grupos historicamente marginalizados. Ao oferecer acesso a experiências transformadoras e ao contato com a natureza, essas atividades podem contribuir para a ampliação das perspectivas e horizontes de pessoas que enfrentam obstáculos socioeconômicos, raciais ou de gênero.

Além disso, ao promover a valorização do trabalho em equipe, do respeito ao meio ambiente e da superação de limites individuais, as práticas corporais de aventura podem inspirar a construção de uma cultura de solidariedade e equidade.

Elas também podem servir como ferramentas para o desenvolvimento pessoal e coletivo, incentivando a busca por justiça social em diferentes esferas da vida.

É essencial garantir que todos tenham acesso igualitário às atividades de aventura, independentemente de sua origem socioeconômica, raça, gênero ou habilidade física desenvolvendo aulas que não apenas ensinem habilidades técnicas de aventura, mas também abordem questões sociais relevantes, como gênero, preservação ambiental, justiça racial e trabalho em equipe.

Essas práticas demonstram como os esportes de aventura podem ser mais do que apenas atividades físicas, mas também ferramentas poderosas para promover a justiça social e o bem-estar comunitário.

Ao incorporar a noção de justiça social no ensino, os/as professores/as podem contribuir para que os/as alunos/as compreendam os privilégios e as relações de poder injustas existentes na sociedade. Isso fornece elementos para que tanto os processos de ensino quanto de aprendizagem sejam pautados por reflexão e aprofundamento, levando em consideração as questões sociais e promovendo uma visão crítica e consciente sobre as desigualdades (Flor *et al.*, 2024).

3.1.2 Caminhos utilizados para o ensino das práticas corporais de aventura segundo a literatura

Em busca de referências para aprofundar minha pesquisa e procura por ideias e alternativas para aplicar as PCA na escola, foi feito um levantamento dos trabalhos produzidos sobre a temática de práticas corporais de aventura no âmbito do PROEF, conforme tabela abaixo. A escolha desse caminho de investigação deu-se pelo fato de se tratar do mesmo programa de mestrado e ser professores/as que também investigam sua prática pedagógica. Com base nessa pesquisa foi feita a leitura do título e resumo dos trabalhos, e foram selecionadas as seguintes dissertações conforme quadro abaixo:

(continua)

Quadro 1 - Dissertações do repositório do ProEF relacionados às PCA

AUTOR	TÍTULO	ANO	LOCAL
GUIMARÃES, Wanessa Gomes Chagas.	Cultura da infância e educação física: um estudo a partir das práticas corporais de aventura.	2020	PROEF/UFMT

(conclusão)

CAMPOS, Túlio Magno da Silva.	Conteúdos presentes nos discursos de professores de educação física de Ipojuca/PE acerca de suas práticas pedagógicas: uma análise das concepções de corpo e de metodologia de ensino.	2020	PROEF/UPE
SILVA, Marion Costa.	Aplicabilidade da Prática Corporal “Esporte Orientação” no Espaço Escolar.	2020 ^a	PROEF/UNESP
SILVA, Cybele Câmara da.	Práticas corporais de aventura nos anos iniciais: a organização e a sistematização curricular nas aulas de Educação Física.	2020b	PROEF/UFRN
Lima, Jean Fortes de.	Educação Física Escolar e Educação Ambiental: o saber da experiência em uma unidade didática transdisciplinar de práticas corporais de aventura.	2020	PROEF/UNIJUI
MORAIS, G. G.	Práticas corporais de aventura na Educação Física escolar: uma proposta de ensino com base na metodologia crítico-superadora.	2020	PROEF/UFG
SILVA, Henrique Camargo Alves.	O parkour como prática corporal contemporânea: uma proposta de sistematização didática na educação física escolar.	2021	PROEF/FCT

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A seguir apresentarei um breve resumo desses trabalhos, apontando o objetivo, metodologia e resultados encontrados.

Na pesquisa “Cultura da infância e educação física: um estudo a partir das práticas corporais de aventura” proposto por Guimarães (2020), se apresenta visando

“refletir sobre a prática pedagógica das Práticas Corporais de Aventura em articulação com os eixos da cultura da infância.” (Guimarães, 2020, p. 8). O percurso metodológico da pesquisa segue uma

abordagem qualitativa e inspirada na pesquisa-ação, tendo como técnicas de coleta de dados da pesquisa: observação com registro dos fatos vistos e ouvidos em diário de campo da pesquisadora, acompanhada do registro fotográfico e fílmico (Guimarães, 2020, p. 8).

A partir da análise dos dados, a autora teve como reflexão que a criança é o ponto central do processo, não o professor. No entanto, é essencial que o professor tenha o domínio intencional das ações para promover o ensino dos objetos de conhecimento. Reconhecendo que as crianças incorporam elementos lúdicos, interativos, repetitivos e imaginativos em todos os seus comportamentos, os professores podem ajudar a trazer novidades aos materiais e movimentos que as crianças usam em suas aulas. Isso ajuda você a pensar sobre o que está fazendo. A criança escolhe explorar o meio ambiente, reconhecendo que isso faz parte da forma como ela interpreta o mundo. É fundamental cultivar uma sensibilidade que nos permite discernir quando é necessário adotar uma abordagem diretiva e orientada pelo cuidado/educação, e quando é adequado permitir que a criança crie o seu próprio momento. Isso evita tanto a imposição excessiva sobre os corpos das crianças quanto uma forma disfarçada de negligenciar a educação, por meio de brincadeiras que não agregam valor pedagógico (Guimarães, 2020).

O estudo “Conteúdos presentes nos discursos de professores de educação física de Ipojuca/PE acerca de suas práticas pedagógicas: uma análise das concepções de corpo e de metodologia de ensino.” apresentado por Campos (2020), teve como objetivo “analisar os conteúdos presentes nos discursos de Professores de Educação Física de Ipojuca/PE acerca das concepções de corpo e das metodologias de ensino presentes nas suas práticas pedagógicas.” (Campos, 2020, p.8). O percurso metodológico da pesquisa abrangeu “a leitura analítica bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com cinco professores de Educação Física da Rede Municipal de Ipojuca/PE.” (Campos, 2020, p.8). A análise dos dados “foi realizada por meio da Análise de Conteúdo, em consonância com Bardin (2011).” (Campos, 2020, p.8).

Como resultado do estudo, o autor aponta que a produção desse currículo deve levar em consideração as demandas próprias do município de Ipojuca, sendo necessário ponderar a opinião dos professores da rede, já que eles identificam a

especificidade do ensino, por estarem trabalhando no processo. (Campos, 2020, p. 8).

A partir desse processo de formação continuada para a construção de um currículo, surgiu como produto educacional a construção de uma proposta de unidade didática acerca das práticas corporais de aventura para os anos finais do ensino fundamental. Como sugestão, distribuíram as práticas corporais de aventura da seguinte forma: para o 6º ano a temática *bike*, para o 7º ano a temática *parkour*, para o 8º ano *slackline* e para o 9º ano a corrida de orientação. (Campos, 2020, p. 8).

O trabalho “Aplicabilidade da Prática Corporal “Esporte Orientação” no Espaço Escolar” proposto por Silva (2020a) teve como objetivo “analisar a aplicabilidade da Cartilha elaborada para o Esporte Orientação, e a perspectiva desta prática corporal no contexto escolar, entre seus limites e possibilidades.” (Silva, 2020a, p. 9). Sobre a metodologia,

o estudo se classifica como descritivo qualitativo, seguindo os seguintes passos metodológicos: revisão de literatura, pesquisa com *Survey* e análise temática dos conteúdos coletados. Os sujeitos da pesquisa foram quatro (4) professores de Educação Física, sendo três professores da Rede Municipal da Cidade do Rio de Janeiro (Silva, 2020a, p. 9).

Como instrumento da pesquisa,

foram aplicados dois questionários; o primeiro apresentando perguntas fechadas com objetivo de fazer uma diagnose sobre as condições para a aplicação da cartilha. Após aplicação da cartilha, foi aplicado o segundo questionário de perguntas abertas para avaliar o material didático (Silva, 2020a, p. 9).

Os resultados da pesquisa apontam que a cartilha oportunizou aos professores alternativas pedagógicas para evidenciar a corrida de orientação, mostrando ser possível essa prática na escola. (Silva, 2020a, p. 9).

Na pesquisa “Práticas corporais de aventura nos anos iniciais: a organização e a sistematização curricular nas aulas de Educação Física.” referido por Silva (2020b), teve como objetivo “analisar e refletir os limites e as potencialidades das Práticas Corporais de Aventura nos anos iniciais do ensino fundamental.” (Silva, 2020b, p. 10). A pesquisa teve “uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação,

com uma população formada pelos alunos da Escola Municipal João Paulo II (Natal/RN).” (Silva, 2020b, p. 10). Como percurso metodológico,

a intervenção pedagógica foi realizada com duas turmas, uma de 4º ano e outra de 5º ano, ambas com 32 alunos do turno matutino, acontecendo durante as aulas de Educação Física do terceiro e quarto bimestre de 2019. Como instrumentos de pesquisa, foi utilizado o diário de campo, registros de fotos e vídeos utilizados na descrição e análise da intervenção, além das produções elaboradas durante as aulas (Silva, 2020b, p. 10).

Como conclusão, a autora reconhece a proposta das PCA presente nos documentos municipais do Natal como exequível para turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Entretanto, considera que, ao analisar e reconhecer o seu campo de atuação, os professores têm competência de ampliar os horizontes das PCA para além das sugeridas no documento. Também foi identificado pela autora a presença de algumas dificuldades, como: a demanda de apoio em alguns momentos da aula para controle dos riscos, bem como o obstáculo, quanto à falta de equipamentos específicos, circunstâncias possíveis de serem contornadas e solucionadas com algumas adaptações, considerando as perspectivas que as PCA trazem para tornar diverso as práticas corporais da cultura de movimento dos alunos. (Silva, 2020b, p. 10).

O estudo “Educação Física Escolar e Educação Ambiental: o saber da experiência em uma unidade didática transdisciplinar de práticas corporais de aventura.” exposto por Lima (2020), teve como objetivo

refletir acerca dos limites e possibilidades de uma unidade didática transdisciplinar de Práticas Corporais de Aventura desenvolvida nas aulas de Educação Física da turma dos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino do Município de Dois Irmãos das Missões/RS (Lima, 2020, p. 7).

Acerca do método utilizado na pesquisa,

trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, classificada com base nos procedimentos técnicos utilizados como uma pesquisa ação crítica. A pesquisa foi composta por sete (07) educandos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, sendo quatro (04) masculinos e três (03) femininos, entre 14 e 18 anos de idade. (Lima, 2020, p. 7).

Para o procedimento de coleta dos dados, “foram desenvolvidas dez (10) aulas de Práticas Corporais de Aventura, tematizando o *Trekking* e o *Slackline*.” (Lima, 2020, p. 7). A análise dos dados

foram realizadas através de um questionário semiaberto, anotações do diário de campo, registros fotográficos e através de um grupo focal que teve como intuito avaliar as aprendizagens, percepções e possíveis mudanças de concepções dos mesmos com relação às temáticas abordadas. (Lima, 2020, p. 7).

O resultado dessa pesquisa destaca a relevância da Educação Física como uma disciplina com condições de favorecer de forma eficaz para a consciência ambiental dos estudantes pelas Práticas Corporais de Aventura, proporcionando situações de aprendizagem que incentivam mudanças de comportamento que auxiliam a mudar a relação deles com a natureza na concepção da Educação Ambiental. (Lima, 2020, p. 7).

Na pesquisa “Práticas corporais de aventura na Educação Física escolar: uma proposta de ensino com base na metodologia crítico-superadora.” proposta por Moraes (2020), teve como objetivo “desenvolver uma sequência didático-pedagógica das Práticas Corporais de Aventura a partir dos tipos de deslocamentos proposta por Inácio *et al.* (2016)”. (Moraes, 2020, p. 9). Essa pesquisa “trata-se de uma Pesquisa-Ação que utilizou como instrumentos de experimentação as aulas formais de EF e para coleta de dados: questionários, diários de campo e registros iconográficos.” (Moraes, 2020, p. 9).

A pesquisa evidenciou que existem diversas possibilidades relevantes para o ensino das PCA na escola, incluindo a utilização de uma sequência didática como meio de planejamento e diversificação das práticas corporais de aventura oferecidas em um determinado período. No entanto, é importante mencionar os limites existentes, como a falta de materiais disponíveis para uso nas práticas. (Moraes, 2020, p. 9).

O trabalho intitulado “O *parkour* como prática corporal contemporânea: uma proposta de sistematização didática na educação física escolar.” escrito por Silva (2021), teve como objetivo “organizar e implementar uma proposta de sistematização didática da prática do *Parkour* na Educação Física escolar, a partir da concepção de uma prática corporal de aventura urbana.” (Silva, 2021, p. 8). Esta pesquisa é “um estudo de natureza qualitativa, o instrumento escolhido para a coleta de dados foi o

Diário de Campo, no qual foram descritas/anotadas as principais observações no decorrer das intervenções.” (Silva, 2021, p. 8). Como conclusão, o estudo indica ganhos advindos da intervenção pedagógica do Parkour nas aulas de Educação Física. O planejamento e a avaliação dessa intervenção são realizados com base nas dimensões dos conteúdos propostos pela BNCC. (Silva, 2021, p. 8).

Também foi feito um levantamento da busca de outros trabalhos produzidos no Brasil. A escolha desses trabalhos se deu por serem autores citados com frequência nas produções do PROEF, conforme quadro abaixo:

Quadro 2 - Produções relacionadas às PCA (continua)

AUTOR(A)	TÍTULO	ANO	LOCAL
TAHARA, A. K.	Aderência às Atividades Físicas de Aventura na Natureza, no Âmbito do Lazer. (MESTRADO)	2004	UNESP
TAHARA, A. K.	Práticas corporais de aventura: construção coletiva de um material didático digital. (DOUTORADO)	2017	UNESP
FRANCO, L. C. P.	Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo. (MESTRADO)	2008	UNESP

(conclusão)

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C.	Lutas, Capoeira e Práticas corporais de aventura: práticas corporais e a organização do conhecimento.	2014	Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.).
BOCCHINI, D.; MALDONADO, D. T.	Andando sobre rodas nas aulas de educação física escolar.	2014	MOTRIVIVÊNCIA
ALVES, Carla da Silva Reis; CORSINO, Luciano Nascimento.	O Parkour como possibilidade para a educação física escolar.	2013	MOTRIVIÊNCIA

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O estudo “Aderência às Atividades Físicas de Aventura na Natureza, no Âmbito do Lazer.” proposto por Tahara (2004), teve como objetivo “investigar, na visão de praticantes regulares, os principais elementos desencadeadores de aderência às atividades físicas de aventura na natureza, no âmbito do lazer.” (Tahara, 2004, p. 7). A metodologia utilizada foi uma abordagem qualitativa do tipo exploratória. As considerações apresentadas pelo autor foram que é possível “reconhecer as potencialidades e a abrangência dos níveis qualitativos propiciados pela interação humana com o meio ambiente natural, por meio das vivências de atividades físicas de aventura na natureza.” (Tahara, 2004, p. 7).

Em 2017, no doutorado, Alexander Tahara investigou novamente as PCA com a pesquisa “Práticas corporais de aventura: construção coletiva de um material didático digital.” que teve como objetivo

elaborar, implementar e avaliar um material didático digital de acordo com as habilidades propostas na Base Nacional Comum Curricular, para o ensino das Práticas Corporais de Aventura (PCA) urbanas em aulas de Educação Física do Ensino Fundamental 6º e 7º anos (Tahara, 2017, p. 8).

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, e teve como resultado do estudo que,

mesmo ocorrendo determinadas dificuldades, como as instalações físicas e materiais ruins das escolas, a insuficiência de recursos tecnológicos, entre outros, foi possível verificar que os professores puderam utilizar o material didático produzido, especialmente quando a ênfase era na parte teórica e em sala de aula (Tahara, 2017, p. 8).

O estudo “Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo.” proposto por Franco (2008), teve como objetivo “arrolar uma série de atividades relacionadas às Atividades Físicas de Aventura possíveis de serem realizadas na escola, apontando as três dimensões do conteúdo.” (Franco, 2008, p. 7). A metodologia utilizada no estudo foi “mostrando ser possível explorar e descrever essas atividades como uma possibilidade pedagógica real na escola” (Franco, 2008, p. 59). Como resultado da pesquisa, “é possível inserir A.F.A. na escola; que essas atividades são significativas pedagogicamente e são bem aceitas pela comunidade escolar.” (Franco, 2008, p. 7).

Na coleção “Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento – Livro 4” organizado por González; Darido; Oliveira (2014), com proposta de abordar o esporte educacional, traz um capítulo intitulado “Práticas Corporais de Aventura” de autoria de Franco; Cavasini; Darido (2014), onde apresentam sobre origens e escolha de terminologia e algumas classificações das PCA. No texto, justificam a escolha do termo “prática corporal de aventura” porque

essa perspectiva, de que pode ocorrer em qualquer ambiente, facilita a disseminação dessas práticas e a inclusão em programas esportivos educacionais, como o PST. Além disso, preferiu-se o termo ‘práticas corporais’ em vez de ‘atividades’, por dar um sentido mais sistematizado a esse conjunto de conhecimentos que, espera-se, seja incluído mais frequentemente em propostas escolares e nos núcleos do PST (Franco; Cavasini; Darido, 2014, p. 105).

O capítulo também discorre sobre o porquê e como se deve ensinar as PCA, além de sugerir alguns planos de aula acerca das PCA.

Já a escolha de selecionar o trabalho de Sousa (2016) e Rocha (2017) foi pelo fato da escassez de pesquisas relacionadas às PCA na região nordeste do país.

Quadro 3 – Produções relacionadas às PCA na região nordeste

AUTOR(A)	TÍTULO	ANO	LOCAL
SOUSA, Dandara Queiroga de Oliveira.	Esporte de aventura na escola: possibilidades de diálogo com a mídia-educação.	2016	UFRN
ROCHA, Liana Lima.	Surfando para a vida: um estudo sobre o papel do surfe como prática pedagógica libertadora.	2017	UFC

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O estudo “Esporte de aventura na escola: possibilidades de diálogo com a mídia-educação.” de Sousa (2016) teve como objetivo “compreender como o esporte de aventura pode se materializar no âmbito da EFE a partir da mídia-educação como metodologia de ensino.” (Sousa, 2016). Foi utilizado o método da pesquisa-ação. Como resultado, a autora apresenta

a constatação de que os estudantes ampliaram, por meio de uma aprendizagem significativa, seus conhecimentos sobre o esporte de aventura experienciado, demonstrado tanto pelos conteúdos midiáticos construídos e apresentados pelos mesmos, quanto ancorados pelo referencial teórico especializado que dialogamos; Percebemos que a mídia-educação, diante das possibilidades de uso por nós exploradas, nos trouxeram um panorama de ampliação do espaço-tempo de convivência e aprendizagem, bem como diversas formas de expressão do conhecimento adquirido, agindo de forma crítica, reflexiva e criativa, sendo fundamental no processo de aprendizagem da modalidade estudada (Sousa, 2016, p. 11).

O estudo “Surfando para a vida: um estudo sobre o papel do surfe como prática pedagógica libertadora.” de Rocha (2017), teve como objetivo “estudar o surfe como uma prática educativa para a formação humana cidadã e a inclusão social de jovens.” (Rocha, 2017, p. 10). A metodologia utilizada foi qualitativa com uma abordagem etnográfica. A autora apresenta como resultado da pesquisa que “foi possível vislumbrar o surfe como uma prática educativa para a formação humana cidadã e a inclusão social dos jovens.” (Rocha, 2017, p. 10).

Percebi durante essa busca por produções acadêmicas que há muito tempo já se produz e pesquisa sobre as PCA na região sul, sudeste e centro-oeste do Brasil, mas parece que na região nordeste ainda estamos iniciando. Tal constatação

deu-se após análise dos trabalhos de Rosa *et al.* (2019) e França *et al.* (2023). Também me chamou atenção, ao participar de um evento relacionado à educação física escolar (CONPEFE), somente uma palestra apresentada sobre as práticas corporais de aventura na escola era de professores da Bahia e Pernambuco.

Conforma a revisão sistemática sobre as práticas corporais de aventura na escola feita por Rosa *et al.* (2019) de 2008 a 2018, cinco estudos exclusivamente do âmbito escolar foram incluídos com a definição dos descritores: esportes, aventura, práticas corporais, conteúdo educação física, esporte na natureza, práticas em meio ambiente, educação física e professores de educação física (termos usados conjuntamente) nas seguintes bases de dados: *Scielo* (Scientific Electronic Library Online); Google Acadêmico, *Redalyc* (Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal) e *Lilacs* (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde).

A revisão sistemática feita por França *et al.* (2023), abrangeu o período de 2012 a 2022, foram utilizadas as bases de dados indexadas: Periódicos CAPES, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO, Scopus, Web of Science, Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal (Redalyc), EBSCO, MEDLINE/PubMed e Educational Resources Information Center (ERIC). Para a busca, foram considerados os descritores: práticas corporais de aventura, esportes de aventura, esportes radicais, atividades de aventura, esportes na natureza, Educação Física, Educação Física escolar e escola, usando-se os operadores booleanos AND e OR. Dos trabalhos analisados (22), somente dois são da região nordeste do país.

Após leitura desses trabalhos, identifiquei que no âmbito do PROEF não existem professores pesquisando sobre a PCA no ensino médio, revelando a importância desse trabalho para professores que trabalham nessa modalidade de ensino. Também foi possível identificar nessas produções diversas possibilidades para desenvolver as PCA, mesmo sendo propostas para o ensino fundamental, é possível adaptar para aplicação no ensino médio. As dificuldades como estrutura, falta de formação e equipamentos necessários para a prática são problemáticas que aparecem tanto nas produções estudadas como na minha prática docente, apontando que ainda precisamos avançar nos estudos para buscar superar essas dificuldades.

3.1.3 Documentos norteadores: BNCC, PCN, Matriz Curricular do Ceará.

Até chegar nos documentos atuais que norteiam a educação brasileira, um caminho foi percorrido, tendo início em 1996, quando é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. (Brasil, 1996). No ano seguinte, 1997, surge os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano (Brasil, 1997), em 1998 o PCN para o ensino fundamental do 6º ao 9º ano (Brasil, 1998), e em 2000 são lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) (Brasil, 2000). Em 2009, a Secretaria de Educação do Ceará lança as Matrizes Curriculares do Ensino Médio, tendo como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNEM) (Ceará, 2009). Em 2017, é homologada a versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e em 2018 é apresentada a versão da BNCC do Ensino Médio (Brasil, 2018).

As leis, diretrizes e documentos apresentados acima orientam o trabalho pedagógico e trazem fortes influências para a educação física escolar. No que se refere às PCA, os PCNs fazem referência a essas práticas como uma possibilidade de ser trabalhado como um tema transversal relacionado ao meio ambiente (Brasil, 1998). Já na BNCC, aparece como unidade temática a ser desenvolvida nos anos finais, sendo dividido em práticas corporais de aventura urbanas para o 6º e 7º anos, e práticas corporais na natureza para o 8º e 9º anos (Brasil, 2017).

Já na matriz curricular do ensino médio do Ceará, utilizando o termo “esportes alternativos”, é proposto desenvolver essa temática no 1º ano do ensino médio, no 4º bimestre do ano letivo. No 3º ano do ensino médio, no 1º bimestre, o documento utiliza o termo “atividades corporais alternativas” como conteúdo a ser trabalhado, detalhando como conteúdo a ser desenvolvido os termos “esportes radicais” e “esportes da natureza” (Ceará, 2009). Apesar de Franco, Tahara e Darido (2018) afirmarem que a proposta curricular do Ceará não apresenta conteúdo relacionado às PCA, tal afirmativa é equivocada, pois essa pesquisa objetivou analisar a inserção desse conteúdo no ensino fundamental, e a proposta curricular estadual do Ceará é voltado para o ensino médio.

3.1.4 Trajetória do ensino das Práticas Corporais de Aventura na escola: narrativas autobiográficas

Como já dito na introdução, desenvolvo as PCA na escola há algum tempo, mas insatisfeita da forma como faço hoje. Para melhor entendimento do leitor, irei detalhar minhas primeiras experiências com as PCA e como realizo atualmente essas aulas.

Em 2010, ao ingressar na rede pública estadual do Ceará, fui lotada em uma escola de ensino médio profissionalizante de Fortaleza. Essa escola tinha os cursos técnicos de enfermagem, segurança do trabalho, informática e eventos. No começo foi bem difícil desenvolver um trabalho com os alunos/as, pois entrei no lugar de uma professora muito querida pelos estudantes.

Ao iniciar o ano letivo, durante os planejamentos, me deparei com o conteúdo “esportes alternativos”, e como fiquei sem saber o que fazer, decidi que iria dividir a turma em grupos, em que cada grupo iria ficar com um tema para apresentar em forma de seminário sobre a história, equipamentos de segurança, modalidades, competições. Escolhi algumas atividades que achava que os alunos não conheciam, como: asa delta, montanhismo, arvorismo. Com esse conteúdo, também tinha a temática de lazer para desenvolver, e aproveitava para fazer uma relação do lazer com esses esportes alternativos. Durante a apresentação dos seminários, os alunos falavam também se conheciam ou não aqueles esportes, se tinham vontade de praticar. Não me recordo como surgiu exatamente a ideia de fazer uma aula prática de patins, mas com certeza partiu de algum aluno.

Diante da sugestão dos alunos, perguntei se eles topariam arcar com o custo do aluguel dos patins. Fiz essa mesma pergunta em todas as turmas que estava ministrando o conteúdo, e somente uma turma se mostrou disposta a assumir esse custo. Com isso, fui até a Avenida Beira Mar de Fortaleza, onde já é conhecido na cidade como um local que as pessoas alugam patins e bicicleta, e praticam a modalidade. Perguntei em vários quiosques sobre o valor do aluguel do equipamento e se iriam até a escola levando esse material. Dessa forma, consegui viabilizar o material para a prática.

Já na escola, precisava organizar com os alunos como seria essa aula. Comecei fazendo um levantamento de quem iria alugar os patins, e quem iria trazer de casa. Eles também poderiam dividir o aluguel e patins com um colega. Ficou

combinado também com os alunos, que a participação nessa aula contaria como parte da nota, aqueles que não participassem da aula, perderiam pontos na nota parcial. Dessa forma, deixei o líder de sala responsável por receber o dinheiro dos alunos e o número do calçado. Combinei de receber o dinheiro (tinha medo dos alunos desistirem da aula no dia, e a pessoa que ia alugar os patins reclamar de levar patins a mais) e número do calçado antes do dia da aula, para passar as quantidades de patins para o responsável por trazer os patins do dia da aula. Feito isso, também providenciei com a coordenação um comunicado para os pais, autorizando a participação na aula.

Com tudo organizado previamente, no dia da aula, os alunos estavam bem ansiosos, principalmente os alunos que nunca tinham andado de patins. A pessoa responsável pelo aluguel do material chegou na escola, organizamos tudo na quadra, e levei os alunos. Na quadra, os alunos foram pegando os patins, colocando nos pés, e tentando se equilibrar. Os que já sabiam andar de patins, ficaram andando livremente na quadra. Quem não sabia andar, a pessoa que trouxe o material, ficou auxiliando, dando as primeiras orientações, já que eu não fazia ideia de como ensinar a andar de patins. O objetivo da aula era de os alunos experimentarem a prática, tentasse andar. Percebi nessa aula, a cooperação entre eles. Alunos que já sabiam andar de patins, ajudando os que não sabiam. Até os que não sabiam, também ajudavam os colegas a se equilibrar, a se levantar. Foram vários tombos, mas também foi bem divertido. No final, a maioria já estava conseguindo andar sem cair tanto. A pessoa que levou o material, também levou uns cones, e ficou dando desafios de andar em zigue-zague, por exemplo, para aqueles alunos que já sabiam andar. No final, ainda organizaram um trenzinho, em que fizeram uma fila, segurando-se pela cintura, e andando todos juntos. É necessário informar que nessa aula não teve equipamento de segurança, e foi uma observação negativa apontada pelos alunos. Eu não me atentei para essa questão, nem a pessoa que levou os patins levou material de segurança como capacete, cotoveleira, joelheira. Apesar disso, não houve acidentes na aula.

Não me recordo o motivo, mas o fato é que não fiz mais essa aula nessa escola. Acredito que não houve interesse novamente dos estudantes. Só voltei a fazer essa prática de patins anos depois, na escola em que trabalho atualmente.

Ainda relacionado às PCA, recordo-me de uma vivência de arvorismo que fiz nessa mesma escola. Não foi um momento da aula de educação física escolar, foi uma espécie de premiação para uma turma que tinha se destacado em alguma

atividade da escola. Durante as apresentações dos seminários sobre os esportes alternativos, uma turma trouxe a existência de um percurso de arvorismo gratuito em um parque da cidade (parque do cocó).

De posse desse dado, busquei informação de como poderia levar os alunos para fazer essa prática. Na época, o parque tinha um projeto direcionado para escolas, com uma visita guiada, explicando sobre a fauna e flora do local, além do acompanhamento no percurso de arvorismo. Mas o passeio tinha uma limitação: só poderia participar do arvorismo uma quantidade limitada de alunos por dia (aproximadamente 15). Diante disso, além de ter que escolher somente uma turma para ir (por isso o critério escolhido foi o destaque em um evento da escola), ainda teria que selecionar os alunos daquela turma que iriam. O critério de escolha foi notas boas na disciplina de educação física e aqueles que gostariam de fazer a prática de arvorismo. Feito isso, o outro passo era conseguir o ônibus através da secretaria de educação e autorização dos pais para participação da aula.

Após essa organização inicial, a aula aconteceu com o primeiro momento sendo uma caminhada na trilha do parque do cocó, onde uma profissional do parque explicou sobre a fauna, flora, preservação do meio ambiente, etc. Em seguida fomos direcionados para o circuito de arvorismo, que teve novamente uma explicação sobre o que é o arvorismo, o cuidado com meio ambiente, material de segurança necessário, e o passo a passo de como deveríamos fazer o percurso. Alguns alunos estavam com medo, mas acabaram indo, encorajados pelos colegas. Eu e o outro professor que estava acompanhando a turma também fizemos o percurso. Eu achei o percurso bem desafiador, em alguns trechos exigia muito equilíbrio e força, além de provocar medo em alguns trechos que geravam grau maior de desequilíbrio. Mesmo assim, adorei a experiência e, assim como os alunos, também nunca tinha participado de uma prática de arvorismo.

Apesar dos alunos terem adorado o momento, não consegui fazer novamente com outras turmas, pela dificuldade de conseguir o transporte para levá-los, além da quantidade reduzida de alunos que poderiam ir, mas o parque também proporcionava a prática de arvorismo aberto ao público de forma gratuita nos fins de semanas, e sempre indico essa opção de lazer para meus alunos, ainda que o parque com frequência fecha a atração por falta de manutenção.

Posteriormente a esses dois momentos, só voltei a propor atividades práticas relacionadas às PCA quando mudei de escola em 2015. Nesse ano, fiz o

pedido de remoção para a escola atual que leciono, pois era mais próximo da minha residência, no bairro praia do futuro. Essa escola foi inaugurada em 2015 e era profissionalizante. No início os cursos ofertados eram: logística, mineração, petróleo e gás e portos. Atualmente os cursos oferecidos são: administração, informática, petróleo e gás e portos. Por ser uma escola nova, no seu primeiro ano, só foi ofertado o 1º ano do ensino médio, e cada ano era ofertado o ano seguinte, até completar o total de 12 turmas para todo o ensino médio.

Em 2017, uma amiga me convidou a ir fazer uma aula experimental de surfe. Gostei tanto que decidi que faria aulas e comecei a aprender a surfar, e após algumas aulas, percebi que seria possível levar essa aula inicial de surfe para minha aula de educação física escolar. Falei com o professor que me ensinava a surfar, Itim Silva, e perguntei se ele poderia fazer um aulão com meus alunos, ensinando o movimento da subida na prancha para os alunos. Ele prontamente atendeu meu pedido, e no segundo semestre de 2017 retomei a ideia de fazer as práticas corporais de aventura na escola de forma prática. Nesse ano, fiz a mesma sugestão de aluguel dos patins para os alunos, e dessa vez, todas as turmas toparam, assim como adoraram a ideia de fazer uma aula de surfe na praia. Optei por fazer essas práticas somente com os 3 anos, pois eram alunos um pouco mais maduros, que eu já conhecia e confiava mais. Sobre a aula de patins, segui a mesma organização que já tinha feito na outra escola: fazer uma lista com os alunos que iriam alugar os patins, o número do calçado e o recolhimento do valor do aluguel de forma antecipada. A aula aconteceu na quadra da escola e foi um grande sucesso.

A aula de surfe aconteceu da seguinte maneira: no dia marcado previamente com meu professor de surfe, ele foi para a praia do futuro, local próximo da escola, levando alguns instrutores e pranchas que ele já tinha disponível na escolinha de surfe. Vale ressaltar que ele não me cobrou nada por isso. Tudo foi feito de forma voluntária. A aula foi dividida em dois momentos: um momento na areia, em que o professor de surfe ensinou como deveria ser o movimento da subida na prancha, e os alunos repetiam o movimento também na areia. No segundo momento, ia para a água, aquele aluno que quisesse experimentar tentar ficar em pé na prancha, acompanhado de um instrutor. Como tinha muitos alunos para participar, cada aluno tinha direito a 3 tentativas de pegar uma onda. Dada a proximidade da escola com a praia (um quarteirão de distância), eu fui a pé com os alunos até a praia me encontrar com o professor de surfe. Mesmo sendo muito próximo, tinha muito medo desse

deslocamento dos alunos até a praia, pois precisava atravessar uma avenida muito movimentada, que não tinha sinal. Dessa forma, além do comunicado de autorização assinado pelos pais, e da ajuda de outros professores da escola que também me acompanharam durante a aula, conversei bastante antes com os alunos. Combinei que eles deveriam redobrar os cuidados, pois qualquer coisa que acontecesse com eles, a responsabilidade seria minha. Combinei também que eles iriam andar o tempo todo na calçada, e só iriam atravessar a pista com minha autorização. Na praia, o banho de mar não seria permitido. Somente os alunos que iriam fazer a prática na água é que poderiam entrar no mar. Também não poderiam se afastar da turma e do local que fossemos ficar durante a aula. A aula também foi um sucesso e depois disso, as turmas de 1 e 2 anos ficaram me perguntando quando seria a vez deles também.

Apesar do sucesso das aulas, algumas dificuldades foram percebidas por mim. Minha maior dificuldade ainda é até hoje o período de organização anterior a aula, pois os alunos demoram muito para dizer se vão alugar ou não os patins (além de mudar de ideia diversas vezes), o número do calçado, fazer o pagamento e trazer o comunicado assinado pelos pais. Eu passo várias aulas cobrando essas informações até conseguir finalizar tudo, mesmo tendo a ajuda dos líderes e monitores da turma. Outra dificuldade que encontro na aula de patins, é a quantidade de alunos que não sabem andar de patins, e demandam maior atenção. Na primeira turma que fiz a aula, quando vários alunos vieram me perguntar como eles iriam conseguir andar, eu não soube explicar, pois nunca ninguém me ensinou a ensinar a andar de patins. A pessoa responsável por levar o material para alugar é que deu umas instruções básicas para eles começarem. Como eram muitos, essa pessoa não dava conta de passar as instruções para todos, mas depois que vi ele dando as orientações, comecei a também repetir a explicação. Mesmo assim, ainda não dávamos conta de ajudar a todos. Dessa forma, muitos começaram a tentar sozinhos, com ajuda de colegas que já sabiam andar, e até mesmo com colegas que também não sabiam andar. Foi muito bacana ver que eles estavam se ajudando. Eu não precisei pedir. Eles de forma autônoma começaram a tentar sozinhos ou com ajuda dos próprios colegas. E no final, mesmo com todas as dificuldades e tombos, a aula foi muito divertida e satisfatória, pois a maioria terminou a aula conseguindo dar algumas patinadas sem cair.

Já no surfe, a maior dificuldade ainda é até hoje, encaixar os horários da escola com o horário da aula de surfe, pois como a aula acontece fora da escola, e tem o tempo de deslocamento, além do tempo que os alunos levam para trocar de

roupa e se organizar para sair da escola, isso acaba levando um tempo maior, requerendo o tempo de aula de outros professores. Os professores não reclamam de ceder essas aulas, nem a coordenação, mas para acontecer essa aula, eu preciso me sentar com a coordenação com bastante antecedência, para ver se não terá alguma avaliação ou outra atividade da escola.

Em 2019, o teto da entrada da escola desabou (não houve vítimas), fazendo com que a escola fosse interditada, e de forma provisória fomos deslocados para um prédio de uma universidade particular, adaptado para receber a escola. O prédio não tinha quadra esportiva, nem pátio ou algum espaço para as aulas práticas de educação física. Após algumas reuniões da escola com a SEDUC, consegui a disponibilização de ônibus para levar os alunos para fazer alguma aula prática fora daquele ambiente. Diante desse cenário, consegui fazer a aula de patins no calçadão da beira mar. A aula de surfe aconteceu na praia do futuro como nos anos anteriores, e neste ano incluí a prática de bicicleta, que fizemos no parque Adahil Barreto.

Para a prática de bicicleta, segui a metodologia parecida com a que faço nos patins. Fui em busca de uma empresa que aluga bicicletas, negocie o preço e, no dia combinado, a empresa levou as bicicletas para o parque. A primeira dificuldade encontrada, foi os alunos que não sabiam andar de bicicleta. Mais uma vez, me deparei com uma prática que não aprendi na universidade a ensinar. A solução encontrada veio através de um aluno, que conhecia um projeto chamado “*bike anjo*”, que de forma voluntária ensina a andar de bicicleta. Com a informação dada por esse aluno, entrei em contato com o projeto através da rede social “*facebook*”, e pedi ajuda para ensinar meus alunos. Eles prontamente atenderam meu pedido, e no dia da aula marcada, 3 voluntários foram nos encontrar na praça. Aproveitei a oportunidade para aprender a ensinar a andar de bicicleta com eles. Foi um momento muito bacana e rico na praça. Os alunos que já sabiam andar de bicicleta ficaram andando pelo parque de forma livre, e eu fiquei com os voluntários do projeto, aprendendo e ensinando os alunos que não sabiam andar de bicicleta. Todos que participaram desse momento terminaram a aula conseguindo andar de bicicleta sozinho.

Outra dificuldade encontrada foi o deslocamento das bicicletas dos alunos que já tinham o equipamento e não precisavam alugar. Foi bem difícil organizar isso, pois como as aulas aconteciam em um lugar distante da escola, o deslocamento deles era feito por ônibus cedido pela SEDUC, e no dia dessa aula, vários alunos teriam que levar as bicicletas dentro do ônibus. O problema é que eram muitas bicicletas, e alguns

transportes eram mais simples e não tinham compartimento de carga para colocar as bicicletas. Após muita conversa com o motorista, ele aceitou levar algumas bicicletas que não couberam nos compartimentos de carga, com os estudantes no ônibus. Foi uma decisão arriscada, pois em caso de acidente, a bicicleta sendo levada de forma inadequada poderia trazer mais problemas para a escola e para o motorista que permitiu. Apesar dessas dificuldades, a aula aconteceu também de forma satisfatória, e os alunos gostaram bastante do momento.

No ano de 2020, devido à pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, com a mudança das aulas para o ensino remoto, pedi para os alunos gravarem um vídeo em casa praticando alguma atividade relacionada às PCA. No ano de 2021, com a abertura gradual, fiz a prática do surfe e bicicleta, não sendo obrigatória a participação dos alunos devido às incertezas que ainda tínhamos com esse retorno.

Já no ano de 2022, voltei a fazer as aulas práticas como já vinha fazendo nos anos anteriores, mas um fato inusitado aconteceu nesse ano. Recebi uma denúncia na ouvidoria da SEDUC relatando que eu estava prejudicando os alunos, pois cobrava valores (o aluguel dos patins) para os alunos participarem das aulas. Fiquei muito chateada com essa situação, pois nesse ano específico, foi quando eu mais me preocupei com os alunos que não teriam dinheiro para alugar os patins. Perguntei de forma individual para os alunos que não iam participar da aula se o motivo era por conta do dinheiro, e nenhum desses alunos disse que esse seria o motivo. Importante salientar que tive total apoio do núcleo gestor, pois reconhecem a forma com que trabalho e sabiam que essa denúncia não tinha fundamento. Mesmo com esse apoio, pensei diversas vezes que não iria mais fazer essas atividades na escola, mas ao passar em sala e relatar para os alunos o que tinha acontecido, eles insistiram para eu não deixar de fazer essas aulas, pois eles gostavam muito. Foi nesse momento que entendi que a denúncia feita tinha o único objetivo de me prejudicar e, por isso, decidi resistir.

4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

4.1 Tipo de estudo

Este projeto é caracterizado por uma abordagem qualitativa. O método escolhido para realizar a pesquisa foi o descritivo. Segundo Gil (2014), o método descritivo é uma técnica de pesquisa que consiste em descrever as características de um fenômeno, tendo como objetivo principal descrever e analisar a realidade observada, realizada por pesquisadores atentos com o desempenho prático. Dessa forma, esse método proporciona uma visão clara e detalhada do objeto de estudo, permitindo a identificação de padrões e generalizações.

4.2 Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual de educação profissional, situada na cidade de Fortaleza-CE, no bairro Praia do Futuro. A instituição oferece o nível médio integrado ao ensino profissionalizante com os cursos técnicos em administração, logística, petróleo e gás, portos e informática. A referida escola de ensino médio profissionalizante possui 12 turmas, quatro de cada série, tendo em média 45 alunos por turma. A escolha desta escola se deu por ser o lócus de atuação profissional da pesquisadora.

4.3 Participantes

Os participantes da pesquisa foram nove estudantes de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC), integrantes do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), e oito estudantes monitores da disciplina de educação física da escola, que demonstraram interesse em participar e estarem conforme os critérios de inclusão.

Os/as bolsistas do PIBID participantes da pesquisa são estudantes do 4º semestre do curso de licenciatura em educação física da UFC, que estavam desenvolvendo as atividades do PIBID no semestre em que a pesquisa foi aplicada. Já os/as estudantes da escola são monitores escolhidos pela professora-

pesquisadora no início do ano letivo, conforme o interesse dos/as estudantes na disciplina e em ajudar com a organização das aulas e eventos esportivos da escola.

Os/as estudantes integrantes do PIBID contribuiram para pesquisa a partir da observação das aulas e incidentes críticos que ocorreram durante o percurso investigativo. Já os/as estudantes monitores da escola participaram de um grupo focal para avaliar as aulas que participaram durante a pesquisa.

Uma vez que aceitarem participar da pesquisa, os/as alunos/as receberão o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Desse modo, os critérios de inclusão ficam definidos da seguinte forma: aceitar participar da pesquisa; ter o TCLE assinado. Foram excluídos da pesquisa todos que não se enquadraram nos critérios de inclusão, bem como aqueles que porventura não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A justificativa da escolha de estudantes bolsistas do PIBID foi devido à escola fazer parte do programa. Já a definição dos estudantes monitores da escola ocorreu por serem estudantes mais envolvidos na disciplina, que participam ativamente tanto das atividades como no apoio da organização das aulas.

4.3.1 Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), executado no âmbito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, tem por objetivo incentivar a iniciação à docência por meio de ações didático-pedagógicas que aproximem o licenciando da realidade escolar, articulando ensino superior e educação básica, colaborando para o desenvolvimento da qualidade da educação básica brasileira (Brasil, 2010).

Segundo o Decreto Nº 7.219, de 24 de junho de 2010, são objetivos do PIBID:

- I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- II - contribuir para a valorização do magistério;
- III - elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- IV - inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter

inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
V - incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como coformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e
VI - contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (BRASIL, 2010).

O PIBID vinculado à Educação Física é compreendido como uma possibilidade de introduzir o estudante da graduação no ambiente escolar, que se tornará seu local de trabalho, oportunizando melhores condições para o entendimento dessa realidade. Além disso, proporciona a produção do conhecimento de ser professor, fazendo relações dos saberes assimilados na formação inicial, a experiência de trocas com os professores de Educação Física e à docência compartilhada (Matter *et al.*, 2019).

Essas contribuições de experiências oriundas de um programa onde a escola é a principal responsável do processo formativo, tornou saberes que oportuniza a formação inicial de professores contextualizados com o campo de atuação futura, contribui para a construção da identidade docente e a ligação entre teoria e prática colaborando para avaliar a prática pedagógica dos bolsistas no ambiente profissional (Matter *et al.*, 2019), além de contribuir para o desenvolvimento de análise crítica da própria prática de maneira mais consolidada e autônoma por parte dos professores (Santos; Ribeiro, 2017).

4.4 Materiais e Métodos

O instrumento utilizado foi o diário de campo elaborado pela professora-pesquisadora, a Técnica do Incidente Crítico (TIC) proposto por Philpot *et al.* (2021) que foram capturados tanto pela professora-pesquisadora como pelos/as bolsistas do PIBID, e grupo focal realizado com estudantes monitores da escola.

O diário de campo trata-se de um caderno de anotações onde o pesquisador registra as observações, conversas informais, manifestações dos interlocutores quanto aos vários pontos investigados e suas impressões pessoais (Minayo, 2010). Já a técnica do incidente crítico consiste em “identificar fatores significativos que contribuíram para o sucesso ou fracasso de um determinado evento ou prática” (Flanagan, 1954).

Na técnica do incidente crítico, em vez de buscar opiniões subjetivas e estimativas, são registrados comportamentos concretos para embasar as reflexões e avaliações fundamentais. A coleta e organização desses comportamentos permitem identificar as demandas essenciais de uma atividade. A lista de comportamentos críticos serve como uma base sólida para deduzir as necessidades em termos de habilidades, treinamento e outras características (Flanagan, 1954).

Já o grupo focal pode ser descrito como originada das diversas abordagens de trabalho em grupo, extensivamente exploradas na psicologia social. A ênfase recai na escolha dos participantes com base em certos critérios, desde que compartilhem características que os habilitem a discutir o tema central da interação e contribuir com o material discursivo/expressivo (Gatti, 2005).

4.5 Procedimentos para a coleta de dados

Com o objetivo de avaliar e se familiarizar com os instrumentos utilizados na pesquisa, foi executado um teste piloto. O estudo piloto vai além da simples função de ajustar instrumentos e métodos. Ele funciona como estímulo para aprimorar não somente essas ferramentas, mas também prepara quem conduz a pesquisa, proporcionando mais confiança e experiência para comandar o estudo definitivo (Zaccaron; D'ely; Xhafaj, 2018).

Durante o estudo piloto, ao fazer as anotações das aulas juntamente com os/as bolsistas do PIBID presentes nas aulas, alguns incidentes críticos foram capturados conforme quadros abaixo:

(continua)

Quadro 4 - Incidente crítico 1

Observação: Aula prática sobre corrida de orientação.			
Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.		Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, que faz o curso técnico em administração. A aula era sobre práticas corporais de aventura. Aula prática de corrida de orientação. Os alunos receberam um mapa da escola, com pontos marcados em que deveriam em grupos, passar por esses pontos (que estavam sinalizados com um cone), e tirar uma foto para provar que tinham passado em todos os pontos marcados no mapa.	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
No final da aula, ao comentar com os alunos sobre o que acharam do percurso, perguntei se tinham achado difícil encontrar os pontos marcados e os alunos relataram que alguns	Após relato dos estudantes, na aula seguinte, debati com a turma sobre o acontecido. Demonstrei chateação com a atitude de burlar as regras da atividade. Fiz um comparativo com	Durante a atividade, vários alunos demonstraram indignação com a atitude de alguns em burlar as regras da atividade e tentar trapacear para tirar vantagem. Na aula seguinte, ao dialogar sobre o acontecimento da	Questões sobre falta de honestidade, trapaça e dificuldade em seguir regras.

(conclusão)

<p>cones não estavam no local indicado. Foi constatado que alguém mudou os cones do lugar original com objetivo de esconder e dificultar a localização das próximas equipes que passassem no local.</p>	<p>questões de honestidades que muitas vezes cobramos no meio político.</p>	<p>aula, alguns alunos concordaram com minhas colocações sobre a falta de honestidade. Para outros (os alunos que depois assumiram a culpa por ter mudado o cone de lugar), relataram que havia uma brecha na regra. Que na verdade as regras não estavam claras. Já que era permitido pegar no cone para tirar a foto, mas não foi falado que deveriam devolver o cone no mesmo lugar.</p>	
<p>Adaptado de Philpot <i>et al.</i>, 2021.</p>			

(continua)

Quadro 5 - Incidente crítico 2

Observação: Organização das aulas sobre patins, de quem iria alugar o material.

Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.

(continua)

<p>Descrição da professora:</p> <p>Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.</p>	<p>Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, que faz o curso técnico em portos. A aula era sobre práticas corporais de aventura, em que estava organizando a turma para saber quem iria alugar o material (patins) para a prática.</p>		
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
<p>Algumas alunas me procuraram para relatar que não teriam dinheiro para alugar os patins, nem conseguiriam emprestado com alguém.</p>	<p>Desde o primeiro momento que propus a atividade, deixei claro que não gostaria que nenhum aluno deixasse de participar da aula por falta de dinheiro para alugar o material. Dessa forma, quando as alunas me procuraram para falar que não teria o dinheiro, primeiro perguntei se algum colega que já ia alugar o material,</p>	<p>Diante do meu pedido, alguns alunos se disponibilizaram em dividir o aluguel do material.</p>	<p>Questões sobre desigualdades socioeconômicas.</p>

(conclusão)

	<p>ou ia trazer de casa poderia emprestar/dividir com essas alunas. Alguns alunos se colocaram à disposição para dividir. Uma aluna que não arrumou ninguém para dividir sem custos, eu, juntamente com o núcleo gestor, pagamos o aluguel dela.</p>		
Adaptado de Philpot <i>et al.</i> , 2021.			

(continua)

Quadro 6 - Incidente crítico 3

Observação: Organização da aula de surf.	
Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.	
<p>Descrição da professora:</p> <p>Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.</p>	<p>Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, e que faz o curso técnico em logística. A aula era sobre práticas corporais de aventura, em que eu estava organizando a turma para a aula prática de surfe. Estava fazendo um levantamento dos alunos que não iriam para aula prática, buscando saber o motivo da não participação.</p>

(conclusão)

O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
<p>Durante a aula em que estava fazendo o levantamento de quem não preencheu o formulário de inscrição para participar da aula, e quem não trouxe a autorização dos pais (pré-requisitos para participar da aula), questionei o motivo da não participação. Naquele momento, nenhum aluno disse o motivo. Após me dirigir para quadra com a turma, um grupo de 2 alunas e 2 alunos me procuraram para falar que não iriam participar da aula, por não se sentir à vontade com o próprio corpo.</p>	<p>Diante da fala desses estudantes, ainda tentei convencer, dizendo que eles/elas poderiam ficar de blusa e short. Que não precisavam entrar na água. Que poderiam ir com a roupa que se sentisse à vontade. Mas não teve jeito. Os estudantes continuaram falando que não se sentiam à vontade para fazer a aula na praia por vergonha do próprio corpo.</p>	<p>Não houve ação dos outros estudantes, pois eles me procuraram para falar o motivo de forma particular. Não queriam expor o motivo para os colegas.</p>	<p>Questões de autoestima, imagem corporal, concepções de corpo.</p>

Adaptado de Philpot *et al.*, 2021.

(continua)

Quadro 7 - Incidente crítico 4

Observação: Organização da aula de surfe.			
Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.	Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, e que faz o curso técnico em administração. A aula era sobre práticas corporais de aventura, em que estava organizando a turma para a aula prática de surfe. Estava fazendo um levantamento dos alunos que não iriam para aula prática, buscando saber o motivo da não participação.		
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
Durante a aula em que eu estava fazendo o levantamento de quem não preencheu o formulário de inscrição para participar da aula, e quem não trouxe a autorização dos pais (pré-requisitos para participar da	Diante da fala desses estudantes, falei que estava bem chateada com o motivo que para mim era insensato. Após demonstrar minha insatisfação, o aluno disse que na verdade não iria para a aula por não se sentir à vontade com a turma.	A partir da fala desse aluno, houve um grande e demorado debate na turma. O aluno expôs algumas situações que o deixavam desconfortável. E alguns alunos/as da turma também colocaram atitudes que incomodavam.	Questões de <i>bullying</i> .

(conclusão)

<p>aula), questioneei o motivo da não participação. Naquele momento, um aluno relatou que não iria para aula pois era o dia do seu aniversário, e outros 2 colegas falaram que não iriam porque seu amigo não iria.</p>	<p>Percebi que se tratava de uma situação de bullying e fiz uma roda de conversa para debater sobre o tema.</p>	<p>Tentou intermediar o debate.</p>	
---	---	-------------------------------------	--

Adaptado de Philpot *et al.*, 2021.

Quadro 8 - Incidente crítico 5

(continua)

<p>Observação: Aula prática de surfe.</p>	
<p>Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.</p>	
<p>Descrição da professora:</p> <p>Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.</p>	<p>Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, e que faz o curso técnico em petróleo e gás. A aula era sobre práticas corporais de aventura. Uma aula prática de surfe, que aconteceu na praia próxima da escola. Essa aula aconteceu em parceria com um projeto social que minha amiga desenvolve. A aula foi dividida em dois momentos: o primeiro na areia, com participação de todos, e o segundo, quem quisesse iria fazer o momento na água com um instrutor de surfe.</p>

(continuação)

O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
<p>Durante o segundo momento da aula, que era tentar ficar em pé na prancha no mar, alguns alunos não quiseram participar (era facultativo esse momento), ficaram sentados na areia, um pouco distante do mar. Junto com esses alunos, havia um professor da escola que me acompanhou na atividade. A responsável pelo projeto, que é minha amiga, ao chegar na praia para acompanhar o andamento da aula, avistou um aluno fumando um cachimbo. Ela imediatamente pediu para o aluno apagar o cachimbo,</p>	<p>Após minha amiga presenciar essa situação, veio até mim para relatar o acontecido. Como me disse que o aluno não apresentou resistência em atender o pedido dela, e estava preocupada em acompanhar os alunos que estavam no momento da água, decidi que não precisava mais intervir na situação. Entendi que naquele momento a situação estava resolvida.</p>	<p>Pelo relato da minha amiga, os alunos que estavam próximos desse aluno, não esboçaram nenhuma reação quanto ao ato do aluno. Como se aquilo fosse algo normal e corriqueiro. O professor que estava próximo, falou que não tinha percebido que o aluno estava fumando.</p>	<p>Uso de entorpecentes associado à prática de surfe.</p>

(conclusão)

pois ali não era o local e momento apropriado para aquilo. O estudante atendeu o pedido dela.			
Adaptado de Philpot <i>et al.</i> , 2021.			

A elaboração desse teste piloto foi essencial para aprimorar o uso da técnica do IC e ajustar alguns detalhes para o procedimento da coleta de dados.

Desta forma, a coleta de dados foi feita nas aulas de educação física relacionadas às práticas corporais de aventura, nas turmas de 2º ano do ensino médio a partir dos registros no diário de campo e identificação de incidentes críticos que tenham relação com justiça social da professora-pesquisadora e bolsistas do PIBID.

Ao encerrar as aulas, foi organizado o grupo focal com oito estudantes que são monitores da disciplina e três bolsistas do PIBID que atuaram como observadores. No início do encontro, foi apresentado o objetivo da pesquisa e encontro, recebi os TCLE assinados e foi oferecido um lanche para deixá-los/as mais à vontade em participar da pesquisa. O encontro ocorreu em um laboratório da escola e durou aproximadamente 1 hora e 30 minutos de diálogo. Todo o encontro foi gravado em aplicativo gravador de voz, e foi posteriormente feita a transcrição do áudio para análise.

Esse percurso se coaduna ao meu objetivo, pois ao fazer o registro das minhas aulas por meio de observação (auto)crítica, poderei apontar as limitações, dificuldades e possibilidades para aplicação das PCA na escola, além de capturar incidentes críticos com potencial para trabalhar temas relacionados a justiça social e as PCA.

A pesquisa foi desenvolvida em cinco etapas metodológicas. Primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico com base nas propostas dos autores que discutem a temática. No segundo momento, foi realizado um planejamento das aulas sobre as PCA para os alunos do 2º ano do Ensino Médio, abrangendo aulas quanto às PCA. No terceiro momento, foram realizadas as ações pedagógicas sobre as PCA. No

quarto momento, foi produzido pela professora-pesquisadora o diário de campo com a descrição das aulas e observações críticas do momento observado. Na quinta etapa, foi realizado um grupo focal com estudantes monitores para avaliação das aulas desenvolvidas.

4.6 Procedimentos para a análise de dados

A análise dos dados foi realizada por meio de análise temática dos diários de campo e triangulação dos dados obtidos a partir dos diários de campo da professora-pesquisadora, falas dos/as estudantes monitores no grupo focal e análise dos incidentes críticos observados. A análise temática é um conjunto de técnicas de elaboração de categorias de análise por meio da análise de tema, ou seja, consiste em descobrir o núcleo de sentido que compõe a narração (Minayo, 2013). Já a triangulação consiste em interpretar por meio de diferentes fontes de evidências (MINAYO, 2013).

4.7 Aspectos Éticos

Como procedimentos éticos a pesquisa foi adotado a resolução no 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2013), que garante a integridade dos seres humanos participantes da pesquisa e na Resolução 510 de 2016 (Brasil, 2016), que estabelece normas das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, por envolver a dados obtidos dos participantes da pesquisa. Antes do início da coleta de dados, o responsável pela instituição, já citada como cenário da pesquisa, foi solicitado a assinar o Termo de Anuência, autorizando a realização da pesquisa na instituição. Foi solicitado aos participantes da pesquisa que assinassem, de forma voluntária, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual constará informações claras acerca da justificativa, objetivos e procedimentos da pesquisa, com o objetivo de esclarecer quaisquer dúvidas acerca da participação na pesquisa. Os participantes da pesquisa foram avisados de que sua identidade será preservada e poderão desistir a qualquer momento do estudo, não sofrendo nenhum risco ou dano físico, mental ou social. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo comitê de ética com parecer n° 6.435.862.

4.8 Cronograma

A pesquisa e as demais atividades necessárias para a elaboração e defesa da dissertação foram realizadas no ano de 2023 e 2024, de acordo com o cronograma abaixo:

Quadro 9 – Cronograma

MÊS	ATIVIDADES PREVISTAS
JANEIRO	Levantamento do referencial teórico
FEVEREIRO	Levantamento do referencial teórico
MARÇO/ ABRIL/MAIO	Escrita do marco teórico
JUNHO/JULHO/AGOSTO	Escrita do marco teórico
SETEMBRO	Intervenção, registro e coleta de dados
OUTUBRO	Qualificação
NOVEMBRO	Análise e interpretação de dados
DEZEMBRO	Elaboração do texto final
ABRIL/2024	Revisão final e entrega da dissertação para a banca.
MAIO/2024	DEFESA DA DISSERTAÇÃO
JUNHO/2024	Entrega da versão final da dissertação

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse tópico foram apresentados os resultados e as discussões a partir da análise dos diários de campo, grupo focal e incidentes críticos observados.

Para análise dos dados, foram definidas três categorias: dificuldades, possibilidades e limitações. As informações registradas no diário de campo, grupo focal e incidentes críticos foram interpretados subjetivamente de acordo com a análise de conteúdo temática de Minayo (2010), conforme quadro abaixo:

Quadro 10 – Análise de conteúdo temática

POSSIBILIDADE	DIFICULDADE	LIMITAÇÃO
Diversão	preconceito com o surfe	tempo de aula
incentivo/cooperação/aprendizagem	estudantes não conseguiram experimentar a prática de kitesurf	
atribuir nota à participação	medo/incentivo/cooperação/aprendizagem	
debate sobre temas relacionando as PCA com questões de justiça social	não autorização dos/as responsáveis	
Medo	equipamento de segurança	
	falta de engajamento nas aulas em sala	
	Medo	

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Abaixo segue um quadro resumo com a sequência de todas as aulas relacionadas com as PCA:

Quadro 11 – Sequência de aulas

(continua)

AULA	DATA	TEMA
01	FEV	ESCOLHA DOS CONTEÚDOS
02	FEV	APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

(conclusão)

03	02 E 03/08	ORGANIZAÇÃO DO BIMESTRE
04	09 E 10/08	CONCEITOS E CLASSIFICAÇÕES DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA E ASPECTOS HISTÓRICOS DO PATINS, <i>SKATE</i> E <i>PARKOUR</i>
05	21/08	VIVÊNCIAS DE PATINS/ <i>SKATE</i>
06	23 E 24/08	AVALIAÇÃO DA AULA ANTERIOR/ ORGANIZAÇÃO DAS PRÓXIMAS AULAS
07	28/08	VIVÊNCIA DE <i>PARKOUR</i>
08	04 E 06/09	ASPECTOS HISTÓRICOS E EQUIPAMENTOS DO SURFE E <i>KITESURF</i>
09	12/09	VIVÊNCIA DE <i>KITESURF</i>
10	19/09	VIVÊNCIA DE SURFE
11	25 E 27/09	ORGANIZAÇÃO DAS APRESENTAÇÕES DE TRABALHOS PARA QUEM NÃO PARTICIPOU DAS VIVÊNCIAS
12	02 E 04/10	APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Foram encontrados inúmeras dificuldades, possibilidades e limitações durante todo percurso investigativo, mas será destacado para analisar e discutir os planos de aulas e reflexões que se verificou os pontos em comum entre mim e estudantes monitores para realização das PCA na escola e serão descritos e analisados abaixo.

5.1 Possibilidades

O primeiro ponto em comum observado foi as estratégias utilizadas para maior engajamento dos/as estudantes, conforme plano de aula apresentado a seguir:

Quadro 12 – Plano de aula 3

<u>PLANO DE AULA – AULA 3: ORGANIZAÇÃO DO BIMESTRE</u>	
<u>SÉRIE:</u>	2° ano.
<u>CONTEÚDO:</u>	Práticas corporais de aventura.
<u>OBJETIVO:</u>	Organizar como serão realizadas as próximas aulas
<u>METODOLOGIA:</u>	Anteriormente à aula, foi elaborado um formulário no <i>google forms</i> , com informações sobre número do pé para aluguel dos patins, se iria dividir o material com alguém, e a última pergunta foi questionando se gostariam de fazer aula de <i>kitesurf</i> ou bicicleta. O primeiro momento da aula será destinado para retirar dúvidas dos/as estudantes sobre o questionário enviado e cobrança para que todos/as respondam o formulário. Em seguida, será explicado como serão as próximas aulas, como serão avaliados/as nesse bimestre e serão retiradas dúvidas dos/as estudantes. No final da aula, será enviado um vídeo explicativo de como serão as aulas para os/as responsáveis.
<u>RECURSOS NECESSÁRIOS:</u>	Formulário no <i>google forms</i> , vídeo explicativo enviado para responsáveis via <i>whatsapp</i> .
<u>AVALIAÇÃO:</u>	Será questionado se os/as estudantes ainda têm dúvidas sobre como irão acontecer as próximas aulas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Nesta aula, que foi destinada para organização e explicação de como seriam desenvolvidas as PCA, foi possível observar algumas possibilidades para realizar e obter êxito nas atividades que seriam desenvolvidas, como a busca por parcerias dentro e fora da comunidade. Essas parcerias vão desde a colaboração com os estudantes, gestão e professores da escola, até a busca por parcerias com projetos sociais, empresas públicas e privadas com objetivo de viabilizar essas aulas.

Outra possibilidade é atribuir nota para a participação nas aulas e determinar um trabalho para aqueles/as que não puderem ou quiserem participar das atividades propostas. Os motivos para não participação nas aulas são os mais

diversos, desde a não entrega do comunicado assinado pelos/as responsáveis, doenças, faltas no dia da aula, medo, vergonha, desinteresse, até a não autorização dos pais. Dessa forma, a elaboração de um trabalho sobre a temática colabora com o envolvimento do/a estudante na aula, de outra forma.

Durante o grupo focal, ao questionar os/as estudantes sobre a participação nas atividades, uma aluna afirmou que foi “uma vivência que a pessoa teve e só fez porque a senhora forçou.” (E3). Essa fala gerou um debate no grupo, trazendo reflexões sobre o tema:

Eu acho que para a gente pode ser um forçamento, mas, por outro lado, pode ser um incentivo, até porque você não quer que a gente fique sem nota e, porque você, quer que a gente passe pela experiência. Eu tô falando isso porque teve muita gente lá da sala que não queria fazer, mas depois que fez gostou da experiência. Mas eu acho que forçar não seria a palavra. (E4)

Eu acho que não foi uma forma de forçar, não foi nada forçado, foi tudo um incentivo para que todo mundo tivesse aquela experiência, porque a senhora sabia que ia ser único, ia ficar na memória e que seria bom para a pessoa ter a experiência, para conhecer coisas novas, para poder sair da zona de conforto e se dar liberdade de experimentar outras coisas. (E8)

Eu não vi tantas pessoas assim “ah, eu vou porque é nota”, eu vi uma ou outra pessoa fazendo isso, mas de qualquer forma participou, então, eu também acho que essa forma da senhora “forçar” entre aspas, né? Foi uma forma que a senhora, encontrou de também trazer essas pessoas que estão muito dentro da zona de conforto como a E8 falou, porque eu acho que é uma forma de incluir todo mundo, essas coisas que a senhora faz, mesmo tendo pessoas que não querem ou não participam, então acho que é uma forma que a senhora realmente encontrou para disciplinar as pessoas mesmo. (E7)

Até porque não era completamente obrigatório, quem não quisesse poderia fazer um trabalho, mas as pessoas preferiam fazer a prática. Por quê? Porque é mais divertido. E também da oportunidade de a gente conhecer coisas novas além da nota, então não é forçar, é incentivar. (E6)

Identifica-se na fala dos/as estudantes, que ao atribuir nota à participação é possível estimular e incentivar o envolvimento na aula. Para E4, a palavra “forçar” não seria adequada, pois na percepção dele/a alguns/as alunos/as que não queriam participar, gostaram da atividade após realização. E6 ressaltou que não era totalmente obrigatório, pois foi dado a opção de fazer um trabalho para aqueles que não se sentiam à vontade em participar das vivências.

Na aula sobre a experimentação dos patins e *skate*, foi possível identificar diversas possibilidades, conforme análise da aula a seguir:

Quadro 13 – Plano de aula 5

PLANO DE AULA - AULA 5 – VIVÊNCIA DE PATINS/SKATE	
<u>SÉRIE:</u>	2º ano.
<u>CONTEÚDO:</u>	Práticas corporais de aventura.
<u>OBJETIVO:</u>	Experimentar a prática de patins/ skate.
<u>METODOLOGIA:</u>	Os/As alunos/as irão se deslocar até a quadra e pegarão os patins para ficar se deslocando livremente durante a aula. Será colocado alguns cones para aqueles/as que já dominam a prática fazerem deslocamento em ziguezague. https://drive.google.com/file/d/1qkcKmZq4CRwb1L8c6cOU1P5We4dhlqQ/view?usp=sharing (vídeo da vivência de patins/skate).
<u>RECURSOS NECESSÁRIOS:</u>	Patins, skate, cones.
<u>AValiação:</u>	Observação na participação e envolvimento na aula.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Durante essa aula, foi percebida como possibilidade a cooperação entre os/as estudantes que já dominavam a prática dos patins e aqueles que nunca tinham vivenciado tal experiência. Além disso, foram observados alguns/mas alunos/as fazendo os movimentos explicados em sala. Também pude presenciar o quanto eles/as estavam se divertindo e superando seus medos, conforme depoimentos e figura 1 a seguir:

Eu acho que na minha turma, por exemplo, teve mais um sentimento de união. Porque tinha muitas pessoas que tinham medo de fazer tais coisas e a turma começou a acolher essas pessoas. Incentivar. Bora fazer? Vai ser divertido. Tem gente que está aqui para a nossa segurança, não vai fazer mal para você. Bora fazer, bora fazer. Inclusive a E9. Toda vez que ela ia fazer alguma coisa, a turma começava: IIIIEEEEE!!! Eu acho que teve esse sentimento de união e leveza. (E6)

Quando teve a aula de patins e skate, eu ensinei várias pessoas a andar de skate e pessoas que eu nunca pensei que se interessavam pelo skate. Chegaram em mim e falaram: ei me ensina porque eu tenho muita vontade de aprender, de subir no skate e tal, e isso me deixou muito feliz por eu ser um atleta de skate, ver que outras pessoas se interessam pelo skate, mas tem medo e por eu estar ali ensinando, porque é ótimo ver que outras pessoas querem aprender. (E8)

A nossa união, pessoas que a gente achava que não ia fazer. A própria E9, até a senhora achava que a E9 não ia fazer, e ela acabou fazendo todas as aulas, porque a gente incentivou, a gente forçou ela, meio que assim. E ela

gostou até das coisas, menos dos patins, ela odiou os patins. O resto ela fez. (E6)

Por mais que a gente tivesse medo, sempre tinha alguém ali para incentivar a pessoa a fazer aquilo, sabe, vai, vai ser massa. Se cair, levanta, não vai dar em nada, então vamos? Vai! não vai ter outra oportunidade de fazer isso. Então, eu acho que o incentivo dos colegas também foi bastante importante para que esse medo, essa barreira mesmo fosse quebrada. (E8)

Apreendi que não precisamos ter medo de algo. Por mais que tenhamos medo, a gente precisa quebrar a barreira do medo para ter algo divertido. A gente precisa do apoio das pessoas como incentivo, porque quando as pessoas estão incentivando a fazer algo, você cria uma vontade. Você diz: Ah, tão me apoiando a fazer isso. Então, se algo der errado aqui para mim, se eu cair ou acontecer algo comigo, elas vão me ajudar. Então, eu acho que a questão do incentivo é questão da presença das pessoas te apoiando. É questão da querência que você tiver, por mais que você tenha medo, superar o medo é fazer algo que tipo no final, vale muito a pena. (E5)

Pelo que ouvi bastante depois das aulas, foi um sentimento de, como eu posso dizer, alegria mesmo, sabe? deu para perceber que depois das aulas, as pessoas da turma ficaram mais alegres, ficaram mais leves. (E8)

“Nos patins, muita gente ficou na dúvida: Ah, eu vou ficar caindo toda hora. Não sei se eu vou ficar caindo, eu vou e foi.” (E1)

Figura 1 - Vivência prática de patins



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

A superação de um obstáculo não é resultado apenas do esforço individual. Em geral, é fruto do trabalho em equipe de alunos que se apoiam, incentivam e celebram cada obstáculo superado, independentemente de quem tenha alcançado a vitória. Isso realça a importância da união e da solidariedade do grupo (Tomio; Dascastagné; Tahara, 2018).

Essa vivência ilustra como as atividades de aventura podem promover a cooperação, solidariedade, autoconfiança e realização dos alunos participantes. Esses elementos são especialmente significativos e necessários, sobretudo levando em conta a idade da turma envolvida (Tomio; Dascastagné; Tahara, 2018).

Schittler *et al.* (2011) afirmam que a realização de atitudes de cooperação, integração, superação de limites e medos são elementos ligados aos aspectos sócio-pedagógicos e uma poderosa ferramenta de construção social.

Algumas possibilidades foram percebidas também na aula de *parkour*, conforme plano de aula e reflexão a seguir:

Quadro 14 – Plano de aula 7

PLANO DE AULA - AULA 7 – VIVÊNCIA DE <i>PARKOUR</i> .	
<u>SÉRIE:</u>	2º ano.
<u>CONTEÚDO:</u>	Práticas corporais de aventura.
<u>OBJETIVO:</u>	Experimentar movimentos básicos do <i>parkour</i> .
<u>METODOLOGIA:</u>	<p>Será elaborado um circuito utilizando vários espaços da escola. A primeira estação do circuito será no pátio da escola, utilizando bancos de cimento, os/as alunos terão que passar pelo banco com auxílio dos braços, em seguida deverão se equilibrar e andar por cima de outro banco.</p> <p>Na segunda estação, eles/as terão que saltar uma sequência de bancos do anfiteatro da escola, seguido de um rolamento no final.</p> <p>Na terceira estação, irão passar por um corrimão com auxílio dos braços.</p> <p>Na quarta estação, terão que passar por um corrimão, em seguida subir e pular uma mureta.</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1IYwM6XpBH2SQEPGdIMS_Zt8GI4MYOBIQe/view?usp=sharing (vídeo da vivência de <i>parkour</i>).</p>
<u>RECURSOS NECESSÁRIOS:</u>	Bancos, corrimão e mureta disponível no ambiente da escola, tatame.
<u>AValiação:</u>	Observação da participação e envolvimento nas atividades.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 2 - Vivência prática do *parkour*



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Sobre o medo nessa e em outras aulas, E8 afirmou: “ao mesmo tempo que o medo assusta, ele também incentiva a pessoa a querer descobrir o novo”. Reforçando minha percepção de que o incentivo dos/as colegas foi importante para encorajá-los/as, E1 disse: “Não teve muito bloqueio assim, porque muitos da sala ficaram incentivando a galera e eles foram. Eles foram porque também foi uma coisa nova que eles aprenderam, uma diversão lá na hora. E foi algo novo para eles.”

O medo é um sentimento presente durante essas aulas e nas falas dos estudantes: “O que eu ia falar é que as pessoas têm medo do desconhecido. Quando a gente conhece uma coisa, a gente tende a não ter tanto medo, porque a gente conhece, quando a gente não conhece a gente.” (E6)

Eu queria falar sobre a perda do medo, porque tem muita gente que não fazia essas práticas de aventura porque tinha medo de fazer alguma coisa, tipo, eu não vou fazer parkour porque eu posso me quebrar, eu posso cair (como a professora Cris) então, até pode, mas é difícil quando só tem que pular uma grade. (E5)

Assim como em outras práticas corporais, nas atividades de aventura, os aspectos motivacionais associados à prática exercem uma atuação relevante em sua realização. De fato, esses fatores podem ser significativos tanto para aderir à prática quanto para mantê-la. A busca por prazer e emoções instigantes são a base das atividades de aventura. Isso evidencia que a superação de limites e a vontade de vivenciar experiências novas, repletas de emoção, representam características motivadoras para aqueles que praticam atividades de aventura (Nascimento-Cardoso; Rodrigues, Fukushima, 2018).

Além de considerar os aspectos físicos associados a essas práticas, é fundamental prestar atenção aos fatores emocionais, que têm a capacidade de motivar as pessoas a participarem delas. Ao se envolverem, é possível obter benefícios tanto do ponto de vista físico quanto psicológico, o que contribui de maneira significativa para a melhoria da qualidade de vida (Nascimento-Cardoso; Rodrigues, Fukushima, 2018).

Sobre aqueles/as que tinham mais dificuldades em fazer os movimentos, demonstravam medo e ficavam com vergonha, eu precisava incentivar muito a participação, reforçando que não tinham que se preocupar em fazer o movimento exatamente da forma correta, enfatizando que nem eu conseguia fazer também alguns movimentos.

Freire (1996) enfatiza a importância de ir além da mera repetição mecânica de gestos. Ele ressalta a necessidade de os educadores compreenderem o valor dos sentimentos, das emoções e dos desejos dos alunos, assim como as inseguranças que precisam ser superadas. Ao lidar com o medo e a insegurança, estimulando a coragem, os educadores podem promover um ambiente de aprendizagem mais significativo e acolhedor.

Durante a aula de surfe, foi observado como possibilidade ver os/as alunos/as se divertindo, superando os medos, conseguindo ficar em pé na prancha, vibrando com as próprias conquistas e dos/as colegas, revelando aprendizagens significativas, como relatado pelos/as estudantes:

Eu não via interesse no surfe. Tipo, qual é a diferença entre surfar e andar de skate? Eu não senti tipo, para mim é normal, só que quando eu senti a prancha andar sobre água ali foi diferente. Eu tive uma visão diferente do surfe. Eu vi como se fosse tipo um esporte, realmente muito, muito legal e eu senti vontade de fazer. Então, é questão de visão, muda a visão A perspectiva sobre o esporte em si. Muda completamente a visão da pessoa. (E5)

“É que nem aquele ditado que todo mundo fala, se a gente cai, a gente levanta de novo. Eu vi muita gente, tipo, na hora do surfe, quando caia, tem gente que incentivou a ir de novo, quando ia fazia até melhor na hora do surfe.” (E1)

muita gente também que ficou assim, no caso, tipo, incentivando. Eu vi gente, tipo, tinha um caso lá na nossa sala, tem o E10 e o E11, e acho que a E12. Eles já surfavam há algum tempo. Na hora, eles começaram até ensinar a galera lá. Na hora que eu vi que muita gente aprendeu com eles. (E1)

Foi um aprendizado de viver, tipo, eu nunca fiz surfe. Nunca tinha feito esse negócio, mas, tipo, no momento que fiz, eu parei, né? Acabou aí, eu parei e pensei: por que eu não fiz isso antes? Se isso é tão bom. Tipo, eu não tenho medo, tanto medo assim que antes eu tinha muito medo de entrar no mar, aí eu fiz, eu fiquei pensando, porque eu não fiz isso antes, porque isso é tão legal. Tão bom. Causa uma adrenalina tão boa, uma memória tão boa com as pessoas de que a gente gosta. (E3)

Silva (2021), também pôde constatar em sua pesquisa que as atividades desenvolvidas contribuíram para mudança de percepção dos estudantes em relação as PCA, correlacionando com a educação física.

Os sentimentos relacionados ao medo também estavam presentes na aula de surfe e para os/as estudantes, o medo horas foi uma dificuldade, pois alunos/as deixaram de participar da aula por medo, horas foi uma possibilidade, estimulando a superação do medo, conforme falas abaixo:

“A senhora falava assim, não precisa ter medo, vai ter uma pessoa lá, uma pessoa lá para ficar com a gente, tal coisa. A senhora sempre incentivava. Mesmo assim eu não fui por quê? Porque eu não sei nadar. (E2)

Quando eu fui surfar, eu estava morrendo de medo, ainda mais quando o cara começou a levar, eu disse: moço, eu não sei nadar não, viu? Aí depois ele disse: “Não, nós estamos no raso ainda”. Foi a sensação, tipo diferente, muito diferente. Eu nunca tinha surfado na vida, tipo, foi a primeira vez que saí andando, assim. Fico tipo, meu Deus, a sensação é muito boa. E a senhora propôs isso. Porque eu não sei em qual outro momento eu teria a oportunidade de surfar. Então foi algo tipo, absurdo. (E5)

Sobre essa parte do medo, eu não fui para o surfe, nem para o kitesurf também porque eu tenho um certo trauma assim, porque quando eu era pequeno eu estava em uma piscina funda, só que eu estava com uma boia. Aí, quando eu saí da piscina, eu estava com minha tia, aí ela falou assim “Vai, entra na piscina”, aí eu “Não, não sei nadar, não vou entrar”, aí ela me empurrou, quando ela me empurrou, eu caí assim e fiquei afundando. (E2)
Na minha sala, no caso, tinha muita gente também que, tipo, na hora, estava com medo mesmo de fazer o esporte e se machucar. Mas na hora que começaram a aprender como era com o instrutor ensinando, começaram a aprender mais lá na hora. (E1)

Eu acho que o medo sempre vai estar em momentos em que a gente está experimentando coisas novas, tanto que lá na sala tem pessoas que eu nunca imaginei que iriam entrar na parte da água no surfe, ou então andar de patins, ou skate. Mas fizeram e falaram que tinham medo tanto por ser algo novo que elas nunca tinham feito e tanto por ser algo considerado radical que poderia machucar, então eu acho que o medo é um sentimento que vem nas pessoas tanto por... não só em questão de traumas mas também questões de experimentar coisas novas, que eles nunca tiveram contato ou que nunca conseguiram vivenciar. (E7)

Após o encerramento das vivências, foi feito o levantamento dos/as alunos/as que não participaram para fazerem um trabalho, sendo também uma possibilidade para um debate crítico sobre a temática. Foi feita a divisão das equipes, seleção e escolha dos temas e combinado o dia da apresentação, que ocorreu conforme o quadro 15:

Quadro 15 – Plano de aula 12

PLANO DE AULA – AULA 12 – DEBATE SOBRE TEMAS RELACIONADOS À JUSTIÇA SOCIAL.	
<u>SÉRIE:</u>	2º ano.
<u>CONTEÚDO:</u>	Práticas corporais de aventura.
<u>OBJETIVO:</u>	Debater e refletir sobre temas relacionados à justiça social e as PCA.
<u>METODOLOGIA:</u>	Organizado anteriormente, os/as estudantes foram divididos em equipes e tiveram que preparar uma apresentação segundo o tema escolhido. Eles/as também tinham que enviar a apresentação um dia antes da aula. No momento da aula, cada equipe será chamada para apresentar seu tema, e depois será aberto ao diálogo com o restante da turma sobre o que foi apresentado.
<u>RECURSOS NECESSÁRIOS:</u>	<i>Notebook</i> , projetor de imagens, caixa de som.
<u>AVALIAÇÃO:</u>	Observação da participação e envolvimento na aula.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Como em toda atividade proposta para os/as estudantes, alguns/as conseguem desenvolver melhor os temas propostos, outros/as não. Nas equipes que percebi pouco aprofundamento no tema, intervi e apontei questões para ampliar o debate. Nas turmas com pouco aprofundamento nos temas, percebi que a turma ficou mais dispersa, com sono e pouco envolvida com as apresentações. Já nas equipes que conseguiram trazer questões relevantes para o debate, resultou em maior envolvimento e participação da turma.

Durante uma apresentação de trabalho sobre gênero no surfe, surgiu uma fala machista de um aluno (Quadro 16 – Incidente crítico 10), provocando alvoroço na turma. Alguns/mas riram, outros/as mostraram-se extremamente incomodados/as e esperando uma ação minha, mas deixei o aluno concluir a fala para provocar um debate sobre aquelas falas.

Quadro 16 – Incidente crítico 10

Observação: Apresentação de trabalhos sobre temas relacionados à justiça social.			
Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.		Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, que faz o curso técnico em petróleo e gás.	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
Aluno estava apresentando o trabalho sobre gênero no surfe e teve fala machistas durante a apresentação.	Deixei a apresentação terminar, para em seguida estimular um debate e reflexão sobre o tema.	Alguns/as riram das falas. Várias alunas mostraram-se incomodadas com a fala, esperando minha intervenção.	Machismo.
Adaptado de Philpot <i>et al.</i> , 2021.			

No surfe, como esporte de aventura, há concepções de surfistas como indivíduos corajosos, fortes e ágeis. Essas conceituações costumam estar associadas a corpos masculinos, o que leva as surfistas do sexo feminino a buscarem melhorar seu desempenho e associar qualidades e capacidades geralmente ligadas à masculinidade (Nepomuceno; Monteiro, 2019).

No contexto do surfe feminino, é crucial promover a criação de uma cultura corporal e esportiva mais inclusiva, baseada em perspectivas amplas sobre os corpos e questões de gênero. Essa abordagem deve considerar as diversas interpretações de masculinidade e feminilidade. É fundamental pensar em novos espaços, iniciativas sociais e atividades que incentivem a participação das mulheres tanto no mar quanto em outros ambientes (Nepomuceno; Monteiro, 2019).

Para Fernandes Lopes (2021), muitas mulheres enfrentam preconceito por parte de suas famílias, que insistem em expressões obsoletas e carregadas de interpretações sexistas, como "Lugar de mulher é na cozinha, pilotando fogão". Apesar das barreiras ainda presentes, as mulheres têm mostrado sua capacidade para desempenhar qualquer papel que escolham.

Na pesquisa de Rocha (2023), os/as professores/as participantes consideram importante abordar a questão de gênero e destacam a necessidade de estarem qualificados para promover esse debate na escola, uma vez que as formações existentes não oferecem suporte adequado e há escassez de materiais didáticos para abordar essas questões de maneira direta ou integrada, no contexto do ensino e aprendizagem de temas relacionados à Educação Física.

A perpetuação de atitudes machistas é mais um aspecto limitante que precisa ser denunciado no contexto escolar, sendo essencial para promover reflexões em prol da formação cidadã dos alunos (Silva, 2021).

Ainda de acordo com Silva (2021), a escola desempenha um papel crucial na desconstrução das normas sociais colocadas a homens e mulheres, proporcionando, teoricamente, um ambiente propício para questionar as convicções dos alunos e promover uma compreensão mais ampla da pluralidade. Assim, a inclusão de atividades de aventura na educação física escolar, pode ser um elemento positivo na desconstrução e superação de ideologias machistas. A novidade dessas atividades, aliada a uma intervenção pedagógica eficaz, pode promover a participação respeitosa de meninas e meninos.

Propor o tema sobre racismo no surfe foi uma mistura de sentimentos, pois, ao mesmo tempo que tinha a necessidade em trazer esse tema pelo erro cometido na outra aula, tinha receio de tratar o tema por falta de conhecimento e não ser meu lugar de fala, mas nada como colocar os/as alunos como protagonistas para apresentar o tema, e saíram reflexões importantíssimas não só para os/as estudantes como para mim também. Poder aprender com os/as estudantes são o que mais admiro na minha profissão. Mas para Venâncio *et al.* (2021), professores/as de educação física precisam dedicar-se no estudo da temática, em vez de evidenciar a invisibilidade social e política das mulheres negras e os estereótipos relacionados aos elementos da cultura, como as perspectivas de comportamentos no esporte, na dança, entre outros.

Para E7, o tema proposto trouxe reflexões com diferentes perspectivas:

Sobre os temas, eu achei, tipo, bastante legal e importante porque, por exemplo, no meu tema, eu nunca parei para pensar que foi racismo no surfe. Eu nunca parei para pensar que tinha racismo no surfe, sendo que o surfe é algo na minha mente, né, é algo tão inclusivo. (E7)

Além do tema sobre o racismo, o tópico sobre inclusão e marginalização do *skate* também trouxe reflexões importantes que não tinha refletido a respeito. A aluna que apresentou sobre a marginalização no *skate* falou de situações que ela e amigos/as passam todos os dias, trazendo para o debate questões reais, provocando reflexão e envolvimento de toda a turma no tema:

o meu tema foi o tema que eu queria muito falar para todo mundo, sei lá, eu podia pegar aquele tema e falar para a escola todinha, porque o tema foi: por que o skate ainda é tão marginalizado, sabe? E eu vivo isso todo dia, quando eu vou andar de skate, eu vejo, eu tô ali vivenciando e poder chegar na minha turma e falar e mostrar os atletas cearenses que a gente tem aqui que pouquíssima gente conhece, para mim foi uma honra. Então, para mim, foi muito gratificante fazer aquele trabalho, poder falar e mostrar para outras pessoas que o skate não é como é tão falado, né? Porque o skate agora só é falado porque é olímpico e tem Raissa leal. Tem Leticia Bufoni e várias outras pessoas, né? Então, eu acho que foi bastante importante. Eu fiquei muito feliz de ter pegado aquele tema. (E8)

Para além de assegurar a inclusão dessas práticas, é fundamental questioná-las em relação a diversas questões, como gênero, etnia, classe social, entre outras. Isso envolve ir além da visão limitada de uma aprendizagem voltada unicamente para a saúde ou desempenho físico. É importante desenvolver uma formação integral, que vá além de concepções puramente técnicas, que estimule a capacidade de reflexão crítica sobre essas práticas (Rocha, 2023).

Freire (1987) enfatiza a importância de levar em consideração o conhecimento prévio e a experiência de vida dos alunos no processo educativo. Ele defende a ideia de que os educadores devem reconhecer e valorizar o conhecimento que os alunos já possuem, utilizando-o como ponto de partida para a construção de novos saberes. Ele acredita que essa abordagem promove uma educação mais autêntica e significativa, permitindo que os alunos se engajassem ativamente no processo de aprendizagem e se tornassem sujeitos críticos e reflexivos.

Dessa forma, utilizar os temas geradores, propostos por Freire (1987), servem como ponto de partida para a construção do conhecimento. Ao escolher temas geradores que estejam relacionados à vivência e à realidade dos estudantes, os educadores podem promover uma aprendizagem mais engajada e contextualizada, permitindo que os alunos se envolvam ativamente na reflexão crítica sobre sua própria realidade e na busca por soluções para os desafios que enfrentam.

5.2 Dificuldades

Na aula sobre os conceitos e aspectos histórico de diversas PCA, foi observado a dificuldade de concentração dos/as estudantes, conforme apresentado abaixo:

Quadro 17 – Plano de aula 4

PLANO DE AULA – AULA 4- CONCEITOS E CLASSIFICAÇÕES DAS PCA E ASPECTOS HISTÓRICOS DO PATINS, <i>SKATE</i> E <i>PARKOUR</i> .	
<u>SÉRIE:</u>	2° ano.
<u>CONTEÚDO:</u>	Práticas corporais de aventura.
<u>OBJETIVO:</u>	Aprender sobre os conceitos e classificações das PCA. Compreender aspectos históricos e culturais relacionados aos patins, <i>skate</i> , <i>parkour</i> .
<u>METODOLOGIA:</u>	Será feito uma apresentação de <i>slide</i> com os conceitos e classificações das PCA. Em seguida, serão apresentados vídeos de como surgiram os patins, <i>skate</i> e <i>parkour</i> . Logo depois, serão apresentados vídeos com orientações gerais sobre como cair nos patins e como serão as atividades de <i>parkour</i> .
<u>RECURSOS NECESSÁRIOS:</u>	<i>Notebook</i> , projetor de imagens, caixa de som.
<u>AVALIAÇÃO:</u>	Os/As estudantes serão avaliados a partir da observação e perguntas durante a aula.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No que diz respeito a essa aula, fui capaz de observar como uma dificuldade durante a aula, que a apresentação em sala ficou cansativo para os/as alunos/as. Ainda que eu tenha elaborado um material com muitas imagens e vídeos, mesmo assim os/as alunos/as com pouco tempo já estavam cansados e sonolentos. A fala dos/as alunos corroboram com essa minha observação:

muitas pessoas dormem ou não prestam atenção, porque realmente é questão de ser, como posso dizer, muito chato, não só porque é a senhora que dá aula, ou qualquer outro professor, mas em qualquer matéria, em qualquer canto, a aula teórica sempre é mais chato do que a prática, mas sempre é necessário (E5)

O que eu queria falar é que muitas pessoas não prestam atenção na questão da aula teórica porque acham mais chato, obviamente, do que a prática. Porque aquela coisa que está explicando e formando, mas eu creio que seja necessário. Obviamente, não foi todo mundo que prestou atenção na aula. A senhora viu que muitas pessoas não sabiam fazer o que a senhora ensinou na teórica (E6)

Eu não gosto muito de aula teórica, não só em educação física, eu acho isso em todas as matérias, porque no meu caso, eu tenho *deficit* de atenção, eu não consigo só ouvir, mesmo tendo o slide eu também não consigo só ver. Eu não consigo ouvir e ver a tela fica de um lado para o outro, mas é porque eu não consigo. Eu acho que tem gente também que não consegue. (E4)

No diálogo com os/as estudantes, percebe-se a dificuldade deles/as em se concentrarem, seja por desinteresse no que está sendo exposto, seja por dificuldade de aprendizagem. Mas E5 e E6 destacam a importância desses momentos.

Na aula sobre a experimentação dos patins e *skate*, foi possível identificar algumas dificuldades, conforme análise da aula a seguir:

Quadro 18 – Plano de aula 5.

PLANO DE AULA - AULA 5 – VIVÊNCIA DE PATINS/SKATE.	
<u>SÉRIE:</u>	2º ano.
<u>CONTEÚDO:</u>	Práticas corporais de aventura.
<u>OBJETIVO:</u>	Experimentar a prática de patins/ <i>skate</i> .
<u>METODOLOGIA:</u>	Os/As alunos/as irão se deslocar até a quadra e pegarão os patins para ficar se deslocando livremente durante a aula. Será colocado alguns cones para aqueles/as que já dominam a prática fazerem deslocamento em ziguezague. https://drive.google.com/file/d/1qkcKmZq4CRwb1L8c6cOU1P5We4dhlqQ/view?usp=sharing (vídeo da vivência de patins/skate).
<u>RECURSOS NECESSÁRIOS:</u>	Patins, <i>skate</i> , cones.
<u>AValiação:</u>	Observação na participação e envolvimento na aula.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Mesmo com todo planejamento e esforço para engajamento de todos/as na aula de patins/*skate*, foi identificado como dificuldade a falta de material de segurança, alguns alunos/as que não participaram por diversos motivos como: falta no dia da aula, não autorização do/a responsável (mesmo com vídeo explicativo e à disposição para esclarecer dúvidas) e desinteresse.

Na fala do/a estudante E3, ela/a destaca a dificuldade de participação por falta de autorização dos/as responsáveis: “tem também tem as partes dos pais, mas pouca gente também, tipo uma ou duas pessoas não foram por causa dos pais”.

No que se refere às questões relacionadas à segurança, foi um erro não ter exigido material de segurança para a prática, mas alguns fatores levaram a esse descuido. A pessoa responsável pelo aluguel dos patins só tinha disponível alguns capacetes, e não dei a devida importância para esse contratempo. Essa falha também foi apontada pelos/as estudantes:

Eu acho, também, que realmente teve mesmo um déficit dessa questão de equipamentos, né? Principalmente na parte dos patins e do skate, que tem a joelheira, cotovela, né? capacete, tudo, né? Mas eu não vi, mas realmente eu usava quando era criança porque eu tinha medo de me machucar, e teve pessoas que realmente tiveram impacto, a menina que torceu a perna, né, alguma coisa assim, aí eu acho que não sei, eu acho que com a joelheira não sei se tivesse acontecido, ninguém sabe, né? Mas eu acho que realmente teve esse déficit (E7).

Eu acho que deveria ter tido os equipamentos, pelo menos nos patins, porque quando eu andava de patins, eu usava os equipamentos. Mas eu acho que o skate é mais saber cair, sabe? Porque, querendo ou não, é um esporte que, se você não tiver equilíbrio, querendo ou não, uma hora ou outra, você vai cair no chão. (E8)

E7 e E8 relembram que quando eram crianças utilizavam equipamentos de segurança ao andar de patins e concordam que realmente deveria ter os equipamentos, pois vários/as alunos/as apresentaram hematomas no dia seguinte, e talvez o uso do equipamento teria evitado hematomas e acidentes mais graves como ocorreu com uma aluna que machucou o joelho durante a aula.

Para Assis, Pinto e Pimentel (2021) é imprescindível realizar a gestão de riscos ao desenvolver atividades de aventura, o que inclui uma organização cuidadosa dos materiais a serem utilizados, visando a realização eficaz de um estudo dos riscos envolvidos. Para conduzir a gestão de riscos em uma atividade, é fundamental dominar as técnicas e os procedimentos específicos de cada modalidade, com intuito de proporcionar nos estudantes o reconhecimento dos perigos.

A gestão de riscos está intrinsecamente ligada às habilidades, experiência e compreensão individual em relação à atividade. O risco pode ser entendido como a probabilidade de algo acontecer, e é fundamental, na prática de atividades ao ar livre e de aventura, exigir um planejamento cuidadoso dos equipamentos utilizados e um sólido conhecimento estatístico para realizar uma análise de risco eficaz. Dominar os métodos e procedimentos específicos de cada modalidade é essencial para gerenciar o risco durante a prática, incentivando os estudantes a reconhecerem-nos (Assis; Pinto; Pimentel, 2021).

Contrapondo à necessidade de equipamentos de segurança, para alguns/mas estudantes, esse material não seria tão necessário:

apesar de a gente não ter o equipamento necessário, a cotoveleira, caneleira e tal, a senhora pelo menos deu uma aula de como a gente deveria cair, ou então pelo menos tentar. A senhora disse que nos patins, se a gente fosse cair, a gente botava a mão no joelho, se agachava um pouco, esperava ficar, entre aspas, equilibrado. Então, apesar de a gente não ter uma questão de equipamento de segurança, a senhora forneceu uma instrução bem útil, que até muitas pessoas usaram para aprender a andar em si. (E5)

Para E5, apesar da falta de equipamento de segurança, houve orientações de como eles/as deveriam cair e no momento da aula, percebeu vários/as colegas colocando em prática o que foi ensinado em sala.

O estudante procura superar o medo seguindo a orientação do professor e utilizando os equipamentos de segurança corretamente. Dessa maneira, ele emprega a ideia de risco calculado ao reconhecer a probabilidade de acidentes, mas consegue superar essa ameaça de acidente com base nas informações técnicas que adquiriu (Martins, 2016).

todos os esportes que a senhora botou para a gente fazer tinha uma questão de risco, porque é aventura e aventura corre risco. E assim, no skate, até os mais profissionais caem uma hora ou outra. Então é normal essa queda. A questão é saber cair como eles mesmo falaram. (E6)

Já para E6, qualquer atividade de aventura envolve riscos, e que até profissionais do esporte estão sujeitos a acidentes, e que é importante aprender a cair para evitar acidentes.

Mas para Martins (2016) é imprescindível compreender que o uso da coragem e da transgressão do espaço demanda um controle aprimorado das técnicas e dos protocolos de segurança necessários, na prática do esporte de aventura, não admitindo desatenção, falta de habilidade técnica ou descuido. Não quer dizer que nesse tipo de prática não existam imprevistos e incertezas, mas é importante destacar a realização de um planejamento criterioso e avaliar cuidadosamente as possibilidades de acidentes.

Na vivência de *parkour*, foram identificadas dificuldades por falta de habilidade motora em mostrar os movimentos para os/as alunos/as e um incidente crítico (quadro 19), conforme reflexão a seguir.

Por ser uma prática que nunca tinha feito, durante o planejamento da aula, experimentei todos os obstáculos e movimentos que seriam propostos. Em razão de ser uma prática que eu não domino e não tenho habilidade, por diversas vezes durante a aula tive que pedir para os próprios alunos demonstrarem. Essa minha dificuldade possibilitou exemplificar para os/as alunos/as que não precisavam se preocupar em fazer o movimento correto.

Com frequência, os professores enfrentam obstáculos relacionadas à falta de infraestrutura adequada e de formação profissional continuada. Isso dificulta a transformação das atividades, com finalidade de distanciar-se de práticas tecnicistas de treinamento esportivo, que não estão alinhadas com os objetivos pedagógicos das escolas (Silva, 2021).

Acerca do incidente crítico capturado por mim (quadro 19), observei que a maioria dos/as estudantes mudaram a postura, passando a elogiar e bater palmas para aqueles/as que tinham mais dificuldade.

(continua)

Quadro 19 – Incidente crítico 6

Observação: Aula prática <i>parkour</i> .			
Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.		Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, que faz o curso técnico em petróleo e gás. A aula era sobre <i>parkour</i> .	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.

(conclusão)

Durante os exercícios de <i>parkour</i> , alunos/as com mais habilidades estavam rindo dos/as alunos que tinham mais dificuldades ou que faziam o movimento incorretamente.	Interrompi a aula e chamei atenção daqueles/as que estavam rindo, enfatizando que ninguém era atleta, e todos/as estavam aprendendo.	Após minha intervenção eles/as pararam de rir, e começaram a bater palmas, elogiando quando os/as alunos cumpriam a atividade proposta.	bullying com os/as menos habilidosos/as.
---	--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Seguindo a sequência didática proposta, após a aula sobre *parkour*, foi abordado em sala os aspectos históricos/culturais, equipamentos utilizados e movimentos básicos do surfe e *kitesurf* (quadro 20), onde surgiram vários incidentes críticos como será apresentado a seguir.

Quadro 20 – Plano de aula 8

PLANO DE AULA - AULA 8 – ASPECTOS HISTÓRICOS E EQUIPAMENTOS DO SURFE E <i>KITESURF</i>	
<u>SÉRIE:</u>	2° ano.
<u>CONTEÚDO:</u>	Práticas corporais de aventura.
<u>OBJETIVO:</u>	Compreender aspectos históricos e culturais relacionados ao surfe e <i>kitesurf</i> .
<u>METODOLOGIA:</u>	A aula será iniciada com a solicitação ficha de inscrição e autorização dos/as responsáveis. Depois, será apresentado <i>slide</i> sobre a história do surfe e <i>kitesurf</i> , mostrando também os equipamentos de segurança e tipos de pranchas utilizado nas duas práticas. Após isso, será exibido vídeos de como fazer os movimentos básicos no surfe e no <i>kitesurf</i> .
<u>RECURSOS NECESSÁRIOS:</u>	<i>Notebook</i> , projetos de imagens, caixa de som.
<u>AValiação:</u>	Observação da participação e envolvimento na aula

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O primeiro ponto observado nessa aula, foi a não autorização dos/as responsáveis, problemática recorrente nas aulas de PCA, pois muitas pessoas têm

uma opinião preconcebida de que atividades de aventura são perigosas. Como aconteceram muitos tombos na aula de patins, os/as responsáveis ficaram mais receosos como relatou E3: “Eu acho que na minha sala o pessoal não foi mais por causa do medo mesmo. Porque tinha medo de sair da escola ou também tinha medo de cair. “Ah, vou cair e vou me quebrar”.

Outra questão que envolveu essa decisão da não autorização para participar da aula, deu-se, segundo relato dos/as estudantes, pelo local da realização da aula (cerca de 3km de distância da escola), pois eles/as teriam que fazer esse deslocamento por conta própria, e muitos responsáveis tinham medo desse deslocamento sozinho/a, conforma E1: “Muita gente que não gostou por ser um local distante para alguns. Tipo, não era a ideia de rachar o *uber* ou ir de ônibus para facilitar. Era mais pela distância mesmo.”

Nessa aula, ocorreram três incidentes críticos relacionados a estereótipos relativos ao surfe (Quadro 21 – Incidente crítico 7), questões de gênero (Quadro 22 – Incidente crítico 8) e invisibilidade de atletas negras (Quadro 23 – Incidente crítico 9), relacionados abaixo. Esses incidentes e outros capturados no semestre anterior me fizeram refletir sobre a necessidade de ampliar as discussões sobre as PCA, deixando mais claro os temas que deveriam ser abordados nos trabalhos posteriormente, conforme quadros abaixo:

(continua)

Quadro 21 – Incidente crítico 7

Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.		Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, que faz o curso técnico em informática. A aula era sobre surfe e <i>kitesurf</i> .	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.

Durante a aula em sala, ao explicar sobre a cultura do surfe, alguns alunos tiveram falas relacionando o surfe ao uso de drogas.	expliquei que a fala deles eram preconceituosas e que muitas vezes os surfistas são colocados como vagabundos, que não trabalham e usam drogas por conta desses estereótipos que são reforçados.	Alguns riram do comentário feito. Após minha intervenção alguns concordaram com minha fala.	estereótipos no surfe.
--	--	---	------------------------

Fonte: Adaptado de Philpot *et al.*, 2021.

Essa situação que ocorreu durante a aula na sala foi percebida por um/a estudante como uma mudança de concepção após participar da aula na praia, como fala E5:

Acho que até a forma de enxergar, tipo o esporte de uma maneira diferente. Por exemplo, a grande maioria das pessoas que não conhecem o surfe e disse que o surfe é esporte de maconheiro ou algo assim, e tipo, quando a pessoa está lá sabendo, quando está na prática, quando vê o que está acontecendo, sim, é uma opinião totalmente diferente. (E5)

É recorrente a associação de praticantes de surfe ao uso de drogas; por isso, faz-se necessário inserir cada vez mais essa prática na escola para esclarecer e debater sobre esses estereótipos.

(continua)

Quadro 22 – Incidente crítico 8

Observação: Aula sobre aspectos históricos do surfe e <i>kitesurf</i> .			
Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.		Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, que faz o curso técnico em informática. A aula era sobre surfe e <i>kitesurf</i> .	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.

(conclusão)

Durante a aula que estava falando sobre o surfe, ao passar os slides, com imagens de mulheres surfando, ao perguntar se sabiam quem eram aquelas mulheres, algum aluno falou: “bruna surfistinha”.	não ouvi o momento da fala na aula, mas depois, na aula sobre gênero no surfe, resgatei a fala do aluno, e debati sobre o tema, do porquê os alunos associam as mulheres no surfe à prostituição.	na hora da fala, alguns alunos riram. Após o debate do tema alguns entenderam e refletiram sobre o peso daquela fala.	gênero no surfe.
--	---	---	------------------

Adaptado de Philpot *et al.*, 2021.

As falas sexistas estão presentes na maioria das práticas corporais, e como não ouvi no momento da aula, preferi tratar sobre esse tema no momento posterior que teríamos sobre essa temática. Essa situação não foi percebida pelos/as estudantes que participaram do grupo focal, mas considerei trazer para discussão, pois foi algo recorrente e relevante durante as aulas.

Quadro 23 – Incidente crítico 9

Observação: Aula sobre aspectos históricos surfe e *kitesurf*.

Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.		Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, que faz o curso técnico em informática. A aula era sobre surfe e <i>kitesurf</i> .	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
Após apresentação da aula sobre o surfe, uma aluna me questionou o motivo de não ter mulheres negras na apresentação que fiz.	Fiquei envergonhada e constrangida com a pergunta, mas disse que iríamos falar sobre esse assunto em outra aula.	Como a aluna fez a pergunta de forma reservada, outros/as alunos/as não perceberam o questionamento levantado.	invisibilidade de atletas negras.

Adaptado de Philpot *et al.*, 2021.

Já o incidente sobre invisibilidade de atletas negras foi abordado também na última aula, pois foi um tema que gerou reflexões com os/as estudantes participantes da pesquisa.

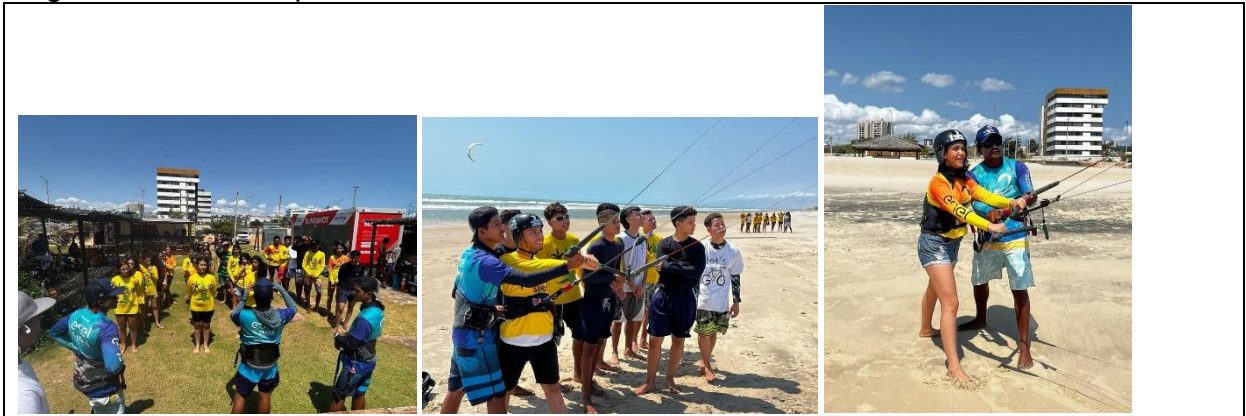
Na aula de vivência do *kitesurf*, foi percebido a dificuldade de desenvolver uma aula com muitos alunos, conforme apresentado a seguir:

Quadro 24 – Plano de aula 9

PLANO DE AULA – AULA 9 – VIVÊNCIA DE <i>KITESURF</i> .	
<u>SÉRIE:</u>	2º ano.
<u>CONTEÚDO:</u>	Práticas corporais de aventura.
<u>OBJETIVO:</u>	Experimentar o manejo do equipamento de <i>kitesurf</i> .
<u>METODOLOGIA:</u>	Essa aula será realizada em uma barraca de praia próximo da escola (aproximadamente 3km de distância), e os/as alunos/as foram orientados/as a chegar 10 minutos antes do início da aula para preparação da aula (assinar lista de frequência e pegar colete de proteção UV). Em filas (figura 3), a turma irá receber informações gerais sobre a segurança e manuseio do equipamento, e depois serão divididos em grupos (figura 3), e cada grupo irá ficar acompanhado de um instrutor que irá orientar e acompanhar o manuseio do equipamento na areia. https://drive.google.com/file/d/173JYpCwdv5KkXCzd73x7LJHPo1LIAmho/view?usp=drive_link (vídeo da vivência de <i>kitesurf</i>).
<u>RECURSOS NECESSÁRIOS:</u>	Blusa de proteção UV, <i>kite</i> , trapézio, capacete, prancha
<u>AVALIAÇÃO:</u>	Observação da participação e envolvimento na aula

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 3 - Vivência prática de kitesurf



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Nessa aula, a maior dificuldade foi a quantidade de alunos para a quantidade de instrutores e de materiais disponíveis. Mesmo tendo o apoio e parceria de um projeto social que dispõe de profissionais e materiais adequados para a prática, as turmas são muito numerosas.

Sobre o material de segurança, diferente da aula de patins e *skate*, nessa aula, teve todo o equipamento necessário fornecido pelo projeto que desenvolveu a aula, como foi percebido pelo/a estudante E5:

No *kite* eu não vi nada de errado porque, até então, tinha um instrutor segurando a gente, tinha um cinto que ele prendeu, que estava bem preso e ele estava querendo ou não ali, sempre no controle do *kite*. Então a gente não tinha tipo total controle sobre o *kite* de dar algum perigo nem nada do tipo, então no *kitesurf* eu senti mais segurança do que no surfe. (E5)

Já sobre a dificuldade de desenvolver a aula com uma quantidade elevada de estudantes, no estudo de Silva (2021) foi possível identificar através da fala dos professores envolvidos na pesquisa, a dificuldade em lecionar de acordo com o planejamento elaborado devido à quantidade elevada de alunos, por diversos motivos, expondo o descaso com a educação pública.

Outra observação feita sobre esse quesito, foi a falta de *expertise* dos instrutores em trabalhar com um número elevado de estudantes e com tempo reduzido. Percebi que os instrutores tiveram dificuldade em adaptar a aula que já são acostumados a ministrar para um grupo menor e com mais tempo disponível, mesmo tendo conversado antes sobre a quantidade elevada de estudantes e tempo reduzido de aula. Muitos estudantes não puderam vivenciar a prática, pois os instrutores passavam muito tempo explicando sobre as normas de segurança, que são

importantes, mas que poderiam ser feitas de forma reduzida para que todos/as estudante pudessem manusear o equipamento, e essa dificuldade foi observada pelos/as estudantes:

A grande maioria dos alunos e até da minha sala também disse que queriam ter mais tempo, tipo, ah, eu queria ter mais tempo para ir no *kite*, porque no *kite* não foi todo mundo. Foi só algumas pessoas, e elas disseram que queriam ir mais. Porque se todo mundo tivesse a oportunidade, por exemplo, eu fui, a sensação que assim, tipo, foi diferente. Foi algo realmente legal, porque eu senti a pegada do *kite*. (E5)

mas teve as pessoas que não gostaram, foi mais porque não conseguiram ir como a do *kite*. Teve uma 5 ou foi 6 pessoas que não conseguiram ir também, mas muita gente gostou. Queria mais de novo, porque só podia uma vez, né por cada pessoa. E quanto mais tempo tivesse lá na hora, mais a gente teria ido. (E1)

“Em questão de participação, eu falo mais realmente sobre o surfe e sobre o *kite*, porque realmente foi quando tinham mais pessoas que queriam e não foram.” (E5)

O medo e sua superação novamente surgiram como ponto citado por um/a estudante durante o grupo focal: “No *kite* teve muita gente que perdeu o medo até de segurar, porque teve gente que ficou com medo de segurar e sair voando. Muita gente ficou assim, mas na hora de começar a aprender e o cara segurando para apoiar, aí foi só sucesso.” (E1)

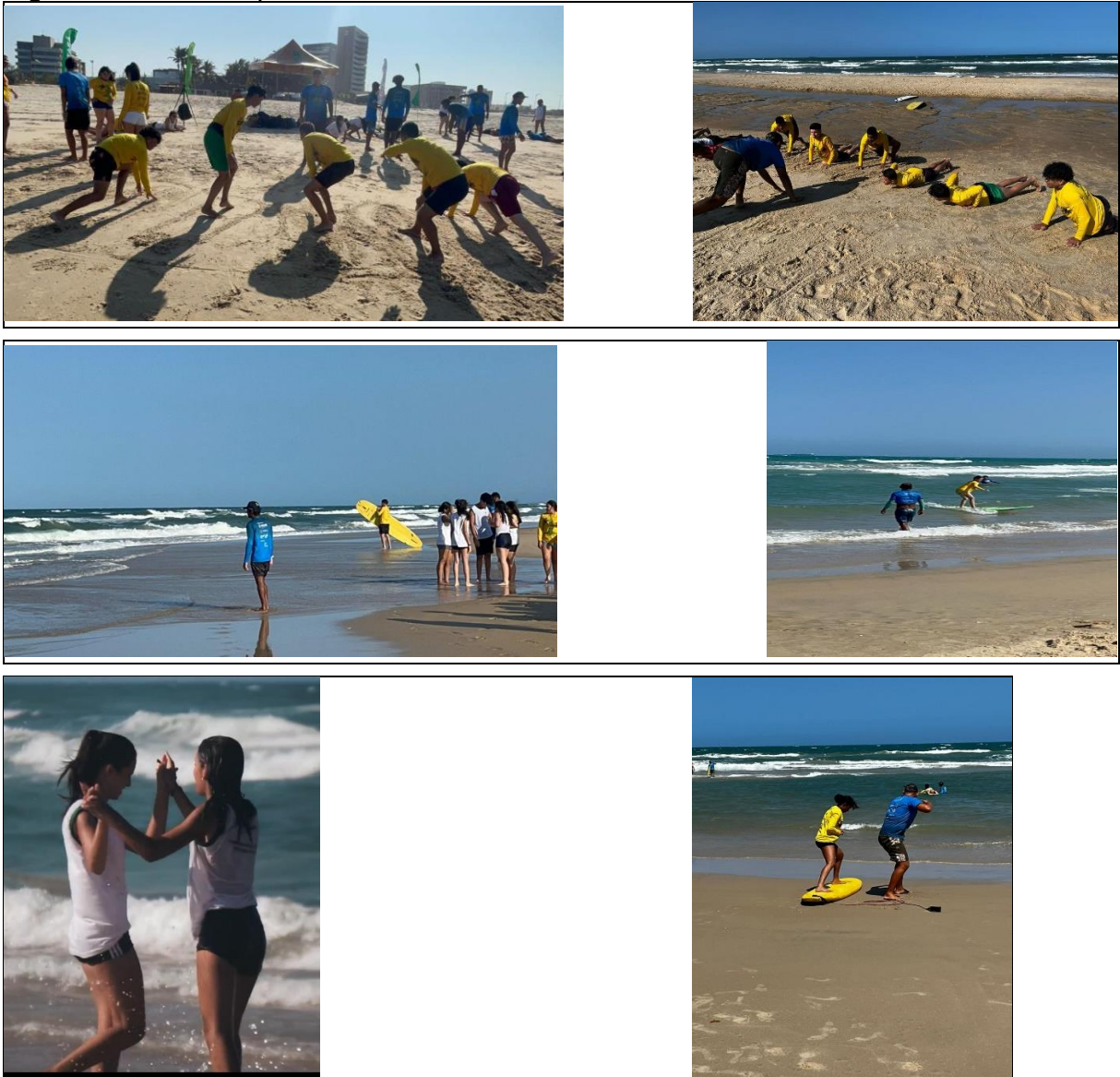
Dando continuidade à sequência didática, a aula seguinte foi a mais esperada por todos/as (eu e os/as alunos/as) – o surfe na praia. Alguns dias antes, foi reforçado os combinados (não se atrasar, ir para casa após a aula e comportamento durante a atividade) e a aula aconteceu conforme quadro 23 e figura 4, a seguir:

Quadro 25 – Plano de aula 10

PLANO DE AULA – AULA 10 – VIVÊNCIA DE SURFE.	
<u>SÉRIE:</u>	2º ano.
<u>CONTEÚDO:</u>	Práticas corporais de aventura.
<u>OBJETIVO:</u>	Experimentar os movimentos básicos do surfe.
<u>METODOLOGIA:</u>	Essa aula será realizada em uma barraca de praia próximo da escola (aproximadamente 650 m. de distância), e os/as alunos/as foram orientados/as a chegar 10 minutos ante do início da aula para preparação da aula (assinar lista de frequência e pegar colete de proteção UV). Em círculo (figura 4), a turma irá receber informações gerais sobre a subida na prancha, e depois serão divididos

	<p>em grupos (figura 4), e cada grupo irá ficar acompanhado de um instrutor que irá orientar e acompanhar o momento na água. O momento na areia todos devem participar. O momento na água, fica a critério do/a aluno/a participar.</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1AqfKyLavCICEzY6xCL9r7uRNAqCEV_iV/view?usp=drive_link (vídeo vivência de surfe).</p>
RECURSOS NECESSÁRIOS:	Blusa de proteção UV, prancha.
AVALIAÇÃO:	Observação da participação e envolvimento na aula.
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.	

Figura 4 - Vivência prática de surfe



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Apesar de todo planejamento anterior, imprevistos sempre acontecem, como o atraso dos instrutores e estudantes, o que implica diretamente no tempo de aula para a vivência. A alternativa que encontrei para minimizar esse problema foi iniciar a aula na areia enquanto aguardava a chegada dos instrutores. O ponto positivo desse momento, foi a utilização da estratégia de pedir para os/as alunos/as lembrarem do movimento mostrado em sala para repetir naquele momento, e ao perceber aqueles/as com mais facilidade em fazer o movimento correto, utilizei como exemplo para os/as demais.

Algo que me chamou atenção nessa aula, foi a vontade dos/as alunos/as de jogar futebol, mesmo não sendo a proposta da aula, fazendo que eu me questionasse se os/as estudantes estavam realmente interessados e com vontade de fazer aquela prática. Ao questionar os/as estudantes em outro momento, do porquê eles/as estavam querendo jogar bola, mesmo eu trazendo uma atividade diferente. A resposta dada foi que a demora para entrar no mar, associado com a paixão pelo futebol impulsionou esse desejo. Como demorava muito esperando a hora de entrar no mar, queriam aproveitar o momento para se distrair com algo que eles/as gostam muito que é o futebol.

Tal afirmativa levantou outra problemática que foi a quantidade de instrutores e materiais disponíveis, mesma problemática que ocorreu na aula de *kitesurf*. Novamente a quantidade de instrutores e materiais disponíveis pelo projeto parceiro foi insuficiente para a quantidade de estudantes. Isso resultou em pouco tempo dos/as estudantes no mar. E mais uma vez percebi a falta de habilidade dos instrutores em adaptar a aula que eram acostumados a fazer com poucos/as alunos/as, para muitos/as. Mesmo tendo orientado e conversado antes, tiveram dificuldades nessas adaptações. Coube a mim intervir quando um dos instrutores mudou a disposição dos/as estudantes na aula. A limitação quanto ao tempo de aula também foi observada pelos/as estudantes:

Por causa do tempo e também do tempo de a gente aproveitar mais o esporte, porque na questão do surfe a gente tinha que descer e já dá para outra pessoa, para todo mundo poder ir. Tinha algumas pessoas que passavam na frente, via algumas pessoas que não foram porque tinha gente lá e não deu tempo. (E6)

“O surfe foi todo mundo, mas certeza que todo mundo ia querer tipo ir uma segunda vez ou uma terceira. Então eu acho que é só a questão do tempo.” (E5)

No estudo de Dias *et al.* (2018), os/as participantes da pesquisa relataram que os principais obstáculos e desafios enfrentados ao introduzir essas atividades na escola estão a escassez de materiais, a falta de um local apropriado, preocupações com a segurança, a necessidade de obter consentimento dos responsáveis e da direção da escola, insegurança na elaboração das atividades, restrições de tempo durante as aulas, entre outros. Porém, é perceptível que todos reconhecem os benefícios da prática dessas atividades no contexto escolar, abrangendo aspectos físicos, cognitivos, sociais e pedagógicos.

5.3 Limitações

Na aula seguinte à vivência de patins e *skate* (quadro 26), fiz uma avaliação com os estudantes, e foi unânime em todas as turmas a vontade de fazer novamente essa aula, ou que tivesse mais tempo para eles/as aproveitarem mais o momento.

Quadro 26 – Plano de aula 6

PLANO DE AULA – AULA 6 - AVALIAÇÃO DA AULA ANTERIOR/ ORGANIZAÇÃO DAS PRÓXIMAS AULAS.	
<u>SÉRIE:</u>	2º ano.
<u>CONTEÚDO:</u>	Práticas corporais de aventura.
<u>OBJETIVO:</u>	Avaliar a aula anterior. Planejar e organizar as próximas aulas.
<u>METODOLOGIA:</u>	No primeiro momento será feita uma avaliação da aula anterior, pontuando o que foi de positivo e o que pode melhorar. No segundo momento será feito alguns combinados com os/as estudantes como: preenchimento da ficha de inscrição para participar da aula de <i>kitesurf</i> , autorização dos/as responsáveis e ir para casa após aula de <i>kitesurf</i> na praia.
<u>RECURSOS NECESSÁRIOS:</u>	Ficha de cadastro para participar da aula de <i>kitesurf</i> , que foi enviada via <i>whatsapp</i> .
<u>AVALIAÇÃO:</u>	Observação da participação e comprometimento em seguir os combinados para as próximas aulas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Uma fala constante dos/as estudantes sobre essas aulas é o pouco tempo de vivência, como disse o/a estudante E6 durante grupo focal: “Eu acho que o que falta é o tempo, precisava de mais tempo para ter essas aulas, por exemplo, usar o dia todo para fazer.”

Por um lado, é um ponto negativo, pois gostaria de proporcionar e aprofundar mais momentos de experimentação para eles/as, mas, por outro lado, demonstra que eles/as realmente gostaram da atividade e considero que meu objetivo foi atingido nessas aulas, pois além deles terem se divertido, aprendido algo sobre aquela prática, ainda deixa uma motivação para que eles/as busquem aquela atividade fora do ambiente escolar.

Qualquer atividade feita fora da escola requer muita organização e responsabilidade, e dividir essa responsabilidade com os/as estudantes é essencial para o êxito da aula. O apoio da gestão e professores/as da escola também é primordial, já que essas aulas acabam mexendo muito com a rotina da escola, pois é preciso trocar e modificar o horário das aulas, do lanche, alterando a rotina de todos/as.

A quantidade de materiais disponíveis para as aulas de educação física é uma problemática constante, e nas PCA não seria diferente. Mesmo com o apoio de um projeto social para desenvolver as atividades, o número elevado de estudantes por turma (aproximadamente 45), dificulta qualquer atividade, e o professor/a precisa sempre buscar alternativas para diminuir essa dificuldade.

Para Silva (2021), uma condição limitadora é a falta de estrutura e de recursos nas escolas, especialmente nas públicas. Isso é consequência da negligência do governo em relação à educação pública em nosso país.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver as práticas corporais de aventura na escola é de extrema importância para o desenvolvimento integral dos alunos. A inclusão dessas atividades no currículo escolar estimula o trabalho em equipe, a superação de desafios e o desenvolvimento da autoconfiança. As PCA proporcionam experiências únicas que incentivam os alunos a saírem da zona de conforto, enfrentarem seus medos e aprenderem a lidar com situações adversas.

Portanto, é fundamental que a comunidade escolar reconheça a importância dessas práticas e as incorporem ao seu programa curricular, proporcionando aos alunos vivências enriquecedoras que contribuirão para sua formação pessoal e acadêmica.

A diversificação das práticas corporais nas aulas de Educação Física desempenha um papel fundamental no engajamento dos alunos e na promoção de aprendizagens significativas. Ao oferecer uma variedade de atividades, os educadores podem atender às diferentes habilidades, interesses e necessidades dos estudantes, criando um ambiente inclusivo e estimulante, a partir de uma escuta sensível e olhar atento à realidade em que a escola está inserida.

Através da ampliação na abordagem de diferentes práticas, os alunos têm a oportunidade de experimentar e se envolver em diferentes práticas corporais, expandindo assim seu repertório motor e promovendo o desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas e sociais. Além disso, a diversidade de práticas corporais contribui para a construção de uma cultura de respeito à pluralidade de corpos e expressões corporais, fomentando a valorização da diversidade.

Ao reconhecer a importância dessas práticas na formação integral dos alunos, é possível promover um ambiente educacional mais inclusivo, dinâmico e propício ao desenvolvimento pessoal e social.

Após reflexão desse processo investigativo, relatei minha prática pedagógica com o estudo de Pimentel (2008), que traz reflexões profundas sobre os riscos do voo livre na percepção dos praticantes, com a presença de rituais carregados de símbolos e emoções em cada etapa. Conforme o autor, o voo livre apresenta um ritual dividido em três momentos. E comparando essas sensações do voo livre com a aplicação das aulas de PCA na escola, passo e sinto por sentimentos semelhantes ao voo livre.

Primeiro Ritual – decolagem: preparação do equipamento, condições de vento, checagem de todas as etapas de segurança, tensão da separação entre terra e ar, medo, adrenalina. Comparando esse ritual com a aula, seria o momento de planejamento e organização das aulas, verificando as condições possíveis para realização das aulas, materiais necessários, espaços adequados, condições climáticas e ambientais (vento e tábua de marés), autorização de responsáveis, etc., carregado de tensão, adrenalina e medo que tudo seja feito de maneira a garantir a segurança necessária para realização da aula.

Segundo ritual – suspensão/voo: ápice do ritual. Encantamento. Sensação de liberdade. Em comparação com a aula, seria o momento da atividade proposta acontecendo. Estudantes se divertindo, rindo, aprendendo, se surpreendendo, superando os medos. Seria o ápice da satisfação de estar proporcionando momentos significativos para os/as estudantes.

Terceiro ritual - aterrissagem: novo momento de tensão. Medo de quedas. Retorno ao solo com segurança. Alívio de superar os desafios. Em analogia, seria a finalização da aula sem acidentes, ocorrendo a atividade até o final conforme o planejado. Assim como no pouso do voo livre acontecem tombos e pousos em locais impróprios, na aula de educação física envolvendo as PCA também ocorrem imprevistos e acidentes por falta de experiência, cansaço, falhas de cálculos de risco e checagem de todas as etapas de segurança. Mas apesar disso, está presente o alívio de concluir as atividades sem grandes problemas.

Ao refletir sobre as dificuldades observadas nas aulas, fica evidente que a falta de equipamento de segurança compromete a realização das atividades de forma segura. Além disso, a escassez de material para as aulas e o pouco tempo disponível para as vivências também representam obstáculos significativos. A não autorização dos responsáveis para a participação nas aulas também são problemáticas recorrentes ao desenvolver as PCA na escola.

Acerca dos incidentes críticos, nem todos foram percebidos pelos/as estudantes, levantando uma alerta de que a falta de percepção dos estudantes em relação às questões relacionadas com justiça social precisam ser melhor desenvolvidas com os/as estudantes, não só durante as PCA, mas em todos os momentos dentro e fora de sala de aula. Pude observar que, quando percebi o incidente crítico e fiz imediatamente a intervenção, os/as alunos/as mudaram seus comportamentos diante da situação. Por isso, faz-se necessário um olhar mais atento

durante as aulas, para conseguir obter melhor percepção dos/as estudantes com essas questões.

Por outro lado, as possibilidades observadas nas aulas apontam para caminhos promissores. A busca por parcerias com estudantes, gestão e comunidade é palavra-chave para conseguir desenvolver não somente as PCA, mas qualquer atividade que vá além dos esportes tradicionais. Podemos enriquecer essas parcerias ao utilizar o planejamento participativo e uma avaliação diagnóstica como metodologia para verificar o interesse dos estudantes e buscar alternativas em conjunto. A atribuição de nota pode estimular o engajamento e a elaboração de trabalhos para aqueles que não participaram, são estratégias que podem contribuir para um maior envolvimento dos alunos. Além disso, a técnica do incidente crítico pode auxiliar na percepção das injustiças que ocorrem nas aulas e na elaboração de temáticas para discussões mais profundas com os/as estudantes.

No entanto, é importante reconhecer as limitações impostas pelo tempo de aula e pela quantidade de estudantes por turma, o que dificulta a realização das atividades e o pleno aproveitamento pedagógico dos/as alunos/as na experimentação das atividades.

Quanto às lacunas da pesquisa, é crucial ressaltar que nem tudo pôde ser analisado das aulas desenvolvidas, deixando espaço para reflexões futuras. Nesse sentido, buscar um amigo crítico, que tem o papel de oferecer feedback ao professor com objetivo de auxiliar na avaliação da prática docente e deve ser um apoiador do êxito desse trabalho (Costa; Kallick, 1993), para apontar questões não observadas ou pouco debatidas nesta pesquisa pode enriquecer ainda mais o trabalho e contribuir para ampliação dessas práticas na escola.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. da S. R.; CORSINO, L. N. O Parkour como possibilidade para a educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 25, n. 41, p. 247-257, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p247>. Acesso em 4 jun. 2023.
- ASSIS, J.; PINTO, B.; PIMENTEL, G. G. A. Estado da arte sobre gestão de riscos em aventura esportiva no lazer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 11., 2021, Goiânia, GO. **Anais eletrônicos**. Goiânia. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1KQxYZkOTPXbiGCnx25Teg38CrOuW9sC> 1. Acesso em: 16 abr. 2024.
- BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 157-202.
- BOCCHINI, D.; MALDONADO, D. T. Andando sobre rodas nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, v. 26, n. 43, p. 277-286. Dez. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/32231-Texto%20do%20Artigo-120527-1-10-20141202.pdf>; <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/32231-Texto%20do%20Artigo-120527-1-10-20141202.pdf>. Acesso em: 18 Jun. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf (competência 5- ensino médio fala da ed física). Acesso em: 18 Jun. 2022.
- BRASIL. Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, n. 120, seção 1, p. 4-5, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7219.htm. Acesso em: 10 set. 2023.
- BRASIL. Resolução nº. 466 do Conselho Nacional de Saúde, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, v. 13, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução 510 de 7 de abril de 2016**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2016a.
- CAMPOS, T. M. da S. **Práticas corporais de aventura**: Proposta de unidade didática para anos finais do Ensino Fundamental. 2020. 50 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade de Pernambuco, Escola Superior de Educação Física, Recife, 2020. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/docs/Produtos%20ProEF%20-%20Turma%201/5%20-%20UPE/Tulio%20Magno%20Da%20Silva%20Campos.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2023.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **Metodologias de Apoio**: matrizes curriculares para ensino médio. – Fortaleza: SEDUC, 2009. (Coleção Escola Aprendiz - Volume 1). Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/37/2010/05/livro_matrizes_curriculares.pdf. Acesso em: 18 Jun. 2022.

COSTA, A. L.; KALLICK, B. Through the lens of a critical friend. **Educational Leadership**, 51(2), 49-51, 1993.

CUNHA, N. V. S. et al. **Diálogos acerca da formação de professores em educação física**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

DIAS, C. A. G.; MELO, V. A. de; ALVES JUNIOR, E.D. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Porto, v.7, n.3, p. 358367, dez. 2007. Disponível em https://rpcd.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/vol.7_nr.3/1-09.pdf. Acesso em: 7 set. 2023.

DIAS, C. A. G. Por um programa investigativo para os esportes na natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 1-23, abr. 2008.

DIAS, V. K. *et al.* Atividades de aventura como conteúdo da educação física escolar: visão de estudantes de educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 10.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 4., 2018, Diamantina, MG. **Anais eletrônicos**. Diamantina. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1KQxYZkOTPXbiGCnx25Teg38CrOuW9sC> 1. Acesso em: 16 abr. 2024.

FERNANDES LOPES, S. Os desafios de ser mulher no cenário dos esportes de aventura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 11.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 5., 2021, Goiânia, GO. **Anais eletrônicos**. Goiânia. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1KQxYZkOTPXbiGCnx25Teg38CrOuW9sC> 1. Acesso em: 16 abr. 2024.

FERREIRA, H. S (org). **Educação Física Escolar**: possibilidades metodológicas. Fortaleza: EdUECE, 2015.

FERREIRA, H. S. (org). **Abordagens da Educação Física escolar**: da teoria à prática. Fortaleza: Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, EdUECE, 2019.

Flanagan JC. A técnica do incidente crítico. **Boletim Psicológico**, v. 51, n. 4, p. 327–358, 1954.

FLOR, B. J. M. S.; SOUZA, R. V. O.; GONÇALVES, Y.; SILVA, J.P.; LOPES, F. J. C; RIBEIRO, M. C. M.; VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L. Explorando a técnica de incidentes críticos sobre temas de justiça social com professores-pesquisadores de

educação física brasileiros. **Frontiers in Education**. 2024. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/feduc.2023.1231010/full>. Acesso em: 20 mai. 2024.

FRANCO, L. C. P. Atividades Físicas de Aventura: possibilidades no contexto escolar. In: DARIDO, Suraya Cristina (Org.). **Educação física escolar: compartilhando experiências**. São Paulo: Phorte, 2011. p. 265-285.

FRANCO, L. C. P.; TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura nas propostas curriculares estaduais de educação física: relações com a base nacional comum curricular. **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 66–76, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/6022>. Acesso em: 7 set. 2023.

FRANCO, L. C. P. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo**. 134f. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/96064>. Acesso em: 4 jun. 2023.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Iutas, Capoeira e Práticas corporais de aventura: práticas corporais e a organização do conhecimento**. Maringá: Eduem, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/publicacoes-1/esporte/arquivos/lutascapoeirapraticascorporais.pdf>. Acesso em: 18 Jun. 2022.

FRANÇA, D. L. DE; ROCHA, A. J. P. DA; DE OLIVEIRA, V.; VAGETTI, G. C. As práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar: uma revisão de escopo. **Educação: Teoria e Prática**, v. 33, n. 66, p. e33, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/16988>. Acesso em 14 jul. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GUIMARÃES, W. G. C. **Cultura da infância e educação física: um estudo a partir das práticas corporais de aventura**. 2020. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020. Disponível em: <https://cms.ufmt.br/files/galleries/210/W7a38044b8df5ed903b596b6be34efb0f6111e54e.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2023.

INÁCIO, H. L. D. et.al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 168-187, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p168>. Acesso em: 4 jun. 2023.

LIMA, J. F. de. **Educação Física Escolar e Educação Ambiental**: o saber da experiência em uma unidade didática transdisciplinar de práticas corporais de aventura. 2020. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar) – Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional em Educação Física, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2020. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/7084>. Acesso em: 4 jun. 2023.

MARTINS, C. **A prática de esportes de aventura na escola e o risco calculado**: manual sobre as normas de segurança. Volta Redonda: UniFOA, 2016. Dissertação (Mestrado) – UniFOA / Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, 2016.

MATTER, P. C. R.; RASTELLI, G.; MANCHEIN, L. G. M.; CUSTÓDIO, N. G.; ALMEIDA, S. R.; FARIAS, G. O. PIBID Educação Física: experiências na formação de professores. **Motrivivência**, v. 31, n. 60, p. 01-18, outubro/dezembro, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e59669>. Acesso em: 10 set. 2023.

MINAYO, C de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 12 ed. São Paulo: Hucitec; 2010.

MINAYO, C. de S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MORAIS, G. G. **Práticas corporais de aventura na Educação Física escolar**: uma proposta de ensino com base na metodologia crítico-superadora. 2020. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física em Rede) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10607>. Acesso em: 4 jun. 2023.

NASCIMENTO-CARDOSO, A. M.; RODRIGUES, N. H. R.; FUKUSHIMA, R. L. M. Estados emocionais e atividades de aventura: aspectos motivacionais envolvidos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 10.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 4., 2018, Diamantina, MG. **Anais eletrônicos**. Diamantina. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1KQxYZkOTPXbiGCnx25Teg38CrOuW9sC1>. Acesso em: 16 abr. 2024.

NEPOMUCENO, L. B.; MONTEIRO, N. S. Desigualdades de gênero no esporte: Narrativas Sobre o Lugar da Mulher no Surfe. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 9, n. 2, jul. 2019. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbpe/article/view/10175>. Acesso em: 16 abr. 2024.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí: Fontoura, 2010.

PEREIRA, Dimitri Wu; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. 3.ed. Jundiaí: Fontoura, 2023.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. Manifeste-se a respeito da aventura. Pereira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 11.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 5., 2021, Goiânia, GO. **Anais eletrônicos**. Goiânia. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1KQxYZkOTPXbiGCnx25Teg38CrOuW9sC> 1. Acesso em: 16 abr. 2024.

PIMENTEL, G. Ritos e risco na prática do vôo livre. **Movimento**; Porto Alegre, jan. 2008, p. 13-32.

PIMENTEL, G. G. DE A. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 3, p. 687–700, jul. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/w4WmkyJMtPrGCYCbmhSkcyP/?lang=pt#>. Acesso em: 7 set. 2023.

PHILPOT, R., *et al.* Exploring social justice pedagogies in health and physical education through critical incident technique methodology. **European Physical Education Review**, v. 27, n. 1, p. 57-75, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1356336X20921541>. Acesso em 24 jun. 2023.

ROCHA, L. L. **Surfando para a vida**: um estudo sobre o papel do surfe como prática pedagógica libertadora. 2017. 236 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/26479>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ROCHA, L. L. **"Respeita as mina"**: o ensino do skate na educação física escolar. 2023. 191 f. Tese (doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/74455>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ROSA, H. J. G.; SOUZA, A. C.; SILVA, A. K.S.; FERNANDES, C. T. Práticas corporais de aventura em escolas brasileiras: revisão sistemática. **Research, Society and Development.**, v. 8, p. 21861043, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560662197021/560662197021.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2023.

SANTOS, M. A. B.; RIBEIRO, M. C. R. Trabalho docente do professor de educação física: reflexões a partir da vivência no PIBID. In: Stela Lopes Soares; Douglas Prado Araújo (Org.). **Educação física e produções do conhecimento**: debates e perspectivas. Curitiba: CRV. 2017, v.1, p. 15-28.

SCHITTLER, A. F.; *et al.* Atividade física de aventura na natureza e sua relação com a educação física escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 6., 2011, Pelotas, RS. **Anais eletrônicos**. Pelotas: Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1KQxYZkOTPXbiGCnx25Teg38CrOuW9sC> 1. Acesso em: 16 abr. 2024.

SILVA, M. C. **Aplicabilidade da Prática Corporal “Esporte Orientação” no Espaço Escolar**. 2020a. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/193132/silva_mc_me_prud.pdf?sequence=6&isAllowed=y. Acesso em: 4 jun. 2023.

SILVA, H. C. A. **O parkour como prática corporal contemporânea: uma proposta de sistematização didática na educação física escolar**. 2020b. 223f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/204132>. Acesso em: 4 jun. 2023.

SILVA, J.M.M.F.L. **A avaliação diagnóstica como aliada na construção da aprendizagem significativa**. [20--?]. Disponível em: <https://www.uni7.edu.br/ic2011/36.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2024.

SILVA, C. C. da. **Práticas corporais de aventura nos anos iniciais: a organização e a sistematização curricular nas aulas de Educação Física**. 2020. 179f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020c. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29609>. Acesso em: 4 jun. 2023.

SILVA, A. S. Atividades de aventura no âmbito escolar: algumas dificuldades para a abordagem pedagógica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 10.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 5., 2021, Goiânia, GO. **Anais eletrônicos**. Goiânia. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1KQxYZkOTPXbiGCnx25Teg38CrOuW9sC> 1. Acesso em: 16 abr. 2024.

SOUSA, D. Q. de O. **Esporte de aventura na escola: possibilidades de diálogo com a mídia-educação**. 2016. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/21343>. Acesso em: 4 jun. 2023.

TAHARA, A. K. **Aderência às Atividades Físicas de Aventura na Natureza, no Âmbito do Lazer**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro, 2004.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. **Conexões**, v. 14, n. 2, p. 113–136, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v14i2.8646059>. Acesso em 4 jun. 2023.

TAHARA, A. K. **Práticas corporais de aventura**: construção coletiva de um material didático digital. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e tecnologias) - Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro, 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/tahara_ak_dr_rcla.pdf. Acesso em: 18 jun. 2022.

TOMIO, B. W.; DASCAGNÉ, G.; TAHARA, A. K. Atividades de aventura: relato de experiência sobre as possibilidades para sua inserção no âmbito escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 10.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 6., 2018, Diamantina, MG. **Anais eletrônicos**. Diamantina. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1KQxYZkOTPXbiGCnx25Teg38CrOuW9sC> 1. Acesso em: 16 abr. 2024.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. São Paulo: Manole, 2001.

VENÂNCIO, L. *et al.* Temas e desafios (auto)formativos para professoras de educação física à luz da didática e da justiça social. **Cenas Educacionais**, v. 4, p. 1-40, 2021.

VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L. Tornar-se professor(a)-pesquisador(a) de educação física. In: LEITÃO, Arnaldo Sifuentes Pinheiro; PEREIRA, Mateus Camargo (Orgs.). **Educações físicas**: temas emergentes para mundos (im)possíveis. Curitiba: CRV, 2022, v. 1, p. 39-52. Disponível em: <https://doi.org/10.24824/978652512446.9>.

ZACCARON, R.; D'ELY, R. C. de S. F.; XHAF AJ, D. C. P. Estudo piloto: um processo importante de adaptação e refinamento para uma pesquisa quase experimental em aquisição de l2. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 30-41, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/13201>. Acesso em: 15 set. 2023.

APÊNDICE A - DIÁRIO DE CAMPO

DIÁRIO DE CAMPO:

AULA 1 - FEV/23

TURMA: 2 ANOS

DURAÇÃO: 50 MIN

TEMA: Escolha dos conteúdos

No primeiro dia de aula, expliquei para os alunos os conteúdos que seriam vistos durante o ano, e que eles poderiam escolher os conteúdos do segundo e terceiro bimestre. Coloquei na lousa as seguintes opções: jogos e brincadeiras, lutas, ginástica, dança, práticas corporais de aventura, vôlei, basquete, futsal, handebol. Após escrever na lousa, expliquei como poderíamos trabalhar esses conteúdos nas aulas. Feito isso, pedi para que cada aluno pegasse um pedaço de papel do seu caderno, escolhesse um conteúdo, e eu iria passar recolhendo o papel colocando em uma caixa. Os dois conteúdos mais votados seriam os escolhidos para serem desenvolvidos no segundo e terceiro bimestre. Por conseguinte, passei recolhendo os papéis, e depois pedi ajuda de um aluno para me auxiliar na contagem dos votos. A escolha das turmas foi a seguinte: 2º administração escolheu jogos e brincadeiras e práticas corporais de aventura. A turma de 2º informática escolheu vôlei e práticas corporais de aventura. Na turma de 2º portos, definiu jogos e brincadeiras e práticas corporais de aventura como conteúdo. Já na turma de 2º petróleo e gás houve uma situação inusitada. Durante a contagem dos votos, estava sendo escolhido o conteúdo de futsal e vôlei, com larga vantagem para o futsal, e ao terminar a votação, alguns alunos perceberam e falaram que a votação estava errada, pois tinha muito mais votos do que pessoas, alegando que alguns alunos teriam fraudado a votação, colocando mais de um papel com o conteúdo futsal. Por conta do tempo de aula, naquele momento decidi manter a votação, e encerrei a aula. Apenas desabafei com eles minha insatisfação por terem escolhido conteúdos que eles já conheciam. Após a aula, alguns alunos me procuraram para relatar que tinham visto alunos colocando mais de um papel na caixa. Diante dessa informação, fiquei bem chateada com a atitude

desonesta de alguns, e primeiro pensei em anular a votação, e eu mesma decidir os conteúdos. Mas após me acalmar e refletir, decidi dar mais uma chance para a turma.

AULA 2 - FEV/23

TURMA: 2 ANOS

DURAÇÃO: 50 MIN

TEMA: Aplicação de questionário sobre as práticas corporais de aventura

Diante da escolha das práticas corporais de aventura por todas as turmas (com exceção da turma de petróleo e gás, que explicarei em seguida), a segunda aula foi destinada a fazer uma investigação dos conhecimentos prévios dos alunos sobre essa temática, além de verificar as práticas que eles conheciam, tinham mais interesse em fazer, e sugestões de como poderíamos fazer na escola. Escrevi na lousa as perguntas, expliquei como deveriam responder a cada pergunta e pedi para que eles copiassem e escrevessem com o máximo de sinceridade o questionário com as seguintes perguntas:

- 1- O QUE VOCÊ ACHA QUE SÃO AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA?
- 2- QUE MODALIDADES VOCÊ CONHECE OU OUVIU FALAR QUE SÃO PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA?
- 3- JÁ PRATICOU ALGUMA DESSAS MODALIDADES? QUAIS? COMO FOI A EXPERIÊNCIA? SE NUNCA PRATICOU, EXPLIQUE O PORQUÊ.
- 4- VOCÊ GOSTARIA DE PRATICAR ALGUMA DESSAS MODALIDADES? QUAL? POR QUÊ?
- 5- COMO VOCÊ SUGERE VIVENCIAR ESSA PRÁTICA NA ESCOLA?
- 6- O QUE VOCÊ ESPERA APRENDER COM ESSAS AULAS?

Durante a aplicação do questionário, alguns alunos se mostraram impacientes, não querendo responder, ou responder de forma rápida pois queriam ir para quadra jogar bola. Percebendo isso, disse que eles não iriam para a quadra naquele dia, que deveriam responder o questionário de forma tranquila e honesta para que eu pudesse identificar o interesse, conhecimento, vivências, possibilidades e perspectivas dos alunos quanto ao conteúdo das práticas corporais de aventura no

ensino médio. Mesmo assim, ainda percebi alguns alunos que não responderam às perguntas de forma correta. No decorrer da aplicação do questionário, alguns alunos ficaram com dúvidas se a prática que eles conheciam era de aventura ou não. No começo, só respondia que eles deveriam colocar o que eles achassem que era de aventura, mas depois que vários alunos perguntaram, dei alguns exemplos, dizendo por exemplo, que a modalidade que eu queria muito fazer um dia seria o paraquedas. Talvez por isso, tenha aparecido com frequência essa modalidade nos resultados.

Na turma de petróleo e gás que houve o ato desonesto na escolha do conteúdo (**incidente crítico capturado pelo bolsista do PIBID**), iniciei a aula dizendo que foi confirmado a fraude, que estava muito decepcionada com eles, pois estava dando a oportunidade de ouvi-los sobre aquilo que queriam estudar, e não fizeram bom uso dessa ação. Perguntei se outros professores já tinham dado essa possibilidade, responderam que não. Pedi para que eles refletissem sobre aquela atitude, pois muitas vezes reclamamos dos políticos que roubam, são desonestos, e estavam fazendo o mesmo, em algo bem mais simples. Questionei se os alunos que tiveram aquela atitude não seriam os mesmos que também questionavam a lisura do processo eleitoral do nosso país. Após essa conversa inicial disse que iria dar uma nova chance para que pudessem escolher os conteúdos dos bimestres de forma honesta, e fiz novamente o processo da votação. Em seguida, fiz a contagem, e saíram como mais votados as práticas corporais de aventura e vôlei. Logo em seguida, já apliquei o mesmo questionário. Por conta do tempo, essa aula ficou com pouco tempo para responder o questionário. Alguns alunos não conseguiram terminar no tempo da aula e ficaram de entregar depois.

Quadro 27 – Incidente crítico 11.

Observação: Organização do bimestre.

Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.		Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, e que faz o curso técnico em petróleo e gás. A aula era sobre as escolhas dos conteúdos que seriam trabalhados durante o ano letivo.	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.

<p>Durante a votação para escolha dos conteúdos que seriam desenvolvidos durante o ano letivo, alguns alunos colocaram na urna mais de um papel com a opção de futsal, ocasionando uma quantidade expressiva de votos para o conteúdo futsal, sendo a modalidade mais votada.</p>	<p>Iniciei a aula dizendo que foi confirmado a fraude, que estava muito decepcionada com eles, pois estava dando a oportunidade de ouvi-los sobre aquilo que queriam estudar, e não fizeram bom uso dessa ação. Perguntei se outros professores já tinham dado essa possibilidade, responderam que não. Pedi para que eles refletissem sobre aquela atitude. Após essa conversa inicial disse que iria dar uma nova chance para que pudessem escolher os conteúdos dos bimestres de forma honesta, e fiz novamente o processo da votação.</p>	<p>Alguns alunos perceberam a movimentação desonesta desses alunos, e me comunicaram. Um grupo de alunos me procurou após a aula para dizer que tinha visto colegas colocando mais de um papel na urna, e ao contar a quantidade de votos, os próprios alunos alertaram que havia mais votos do que pessoas na sala.</p>	<p>Desonestidade.</p>
---	---	--	-----------------------

Adaptado de Philpot *et al.*, 2021

AULA 3 - AGO/23

TURMA: 2 ANOS

DURAÇÃO: 50 MIN

TEMA: Organização do bimestre

Após essas duas aulas da escolha do conteúdo e conhecimento prévio dos interesses dos alunos no começo do ano, segui o conteúdo programado do primeiro semestre, ficando as práticas corporais de aventura planejadas para o terceiro bimestre. Defini no começo do ano, que nas turmas de segundos anos iria priorizar as práticas de aventura no meio urbano: patins ou skate, bicicleta, parkour e surfe. Apesar do surfe não ser uma prática do meio urbano, foi uma modalidade que apareceu como a mais esperada pelos alunos no questionário feito no começo do ano, então decidi incluir, por perceber esse interesse deles.

No final do semestre, também surgiu a possibilidade da prática de *kitesurf*, em parceria com um projeto social sob a responsabilidade da mesma amiga que desenvolve o projeto do surfe. Perguntei de maneira informal se os alunos queriam fazer o *kitesurf* ou o surfe, após explicar que eu não tinha condições de desenvolver várias práticas que fossem fora da escola, pois isso demandava muito tempo de organização, e foi unânime em todas as turmas que eles preferiam fazer o surfe. Nos últimos dias de aula antes das férias tentei começar a explicar como seriam as aulas do segundo semestre e organizar quem iria alugar os patins e bicicleta. Mas devido a várias atividades de final do semestre como provas, interclasse, reuniões, não consegui organizar tudo antes das férias.

Dessa forma, no último dia das férias, resolvi criar um formulário no *forms*, perguntando quem iria alugar patins/skate, bicicleta, número do calçado, e se iria dividir o material com alguém e com quem iria dividir. Também neste questionário perguntei se eles queriam fazer o *kitesurf* ou a bicicleta. Tive a ideia dessa proposta durante as férias após conversar com minha amiga. Como minha dificuldade era fazer várias práticas fora da escola, a sugestão era colocar a bicicleta para o próximo ano. Dessa forma também diminuiria os custos de aluguel de material dos alunos. Enviei o formulário via *WhatsApp*, no grupo de monitores pedindo para responderem de forma mais breve possível. Meio receio era de os alunos não entenderem as questões, e responderem de forma errada. Mostrei o questionário para os bolsistas do PIBID, para ver se estava bem explicado o formulário.

Já esperava também que muitos alunos não iriam responder, então no primeiro dia de aula de retorno das férias dediquei a que todos os alunos respondessem o formulário. Em todas as turmas que entrei na primeira semana eu expliquei o formulário, para ter certeza de que eles tinham entendido, falei que aqueles que tinham entendido e respondido errado, poderiam responder novamente e passei a aula cobrando que todos respondessem. Os alunos estavam ansiosos querendo ir para a quadra, mas falei que só iríamos para quadra após todos os alunos respondessem o questionário. Peguei uma lista de frequência da turma, e fiquei anotando os alunos que tinham respondido o formulário. Uma problemática que apareceu nessa aula, foi a falta de muitos alunos no dia. Na tentativa de chegar mais próximo do 100% de respostas, fiquei chamando aluno por aluno, para saber por que não tinha respondido, e aqueles que estavam ausentes, eu pedi para que os presentes tentassem entrar em contato para responder de forma imediata, e fiquei insistindo que só iríamos para a quadra, após todos respondesse, até os que estavam ausentes. Na vontade de ir para a quadra, começaram a ligar para os colegas, mandar mensagem, para cobrar respostas dos ausentes também.

Na maioria das turmas, não deu tempo de ir para a quadra, mas ficou faltando poucos alunos responderem. Só aqueles que estavam sem celular, ou viajando que ficaram totalmente incomunicáveis que não responderam. Também aproveitei essa primeira aula para explicar como estava pensando em organizar o bimestre. Falei que a proposta era dar uma aula teórica antes de cada prática que fossemos desenvolver, que para fazer as aulas práticas eles deveriam trazer a autorização assinada pelos pais. Expliquei que a nota parcial deles seria a participação nas práticas. Os alunos que não fizessem aula, independente do motivo, iriam fazer um trabalho no final do bimestre para não serem prejudicados quanto a nota. Fui bem enfática que queria saber o motivo real da não participação na aula. Se o motivo fosse falta de dinheiro para alugar o material, eu precisava saber para poder ajudar, que não queria que nenhum aluno deixasse de fazer a aula por não ter o dinheiro para alugar o material. Se o motivo da não participação fosse por medo, disse que o objetivo da aula era encorajá-los a enfrentar os medos. Não iria obrigá-los a enfrentar o medo, mas iria incentivar a tentar superar. Meu desejo era que pelo menos tentasse superar o medo. Se o motivo da não participação fosse a não autorização dos pais, falei que estaria à disposição para explicar aos pais como seriam as aulas, para deixá-los mais seguros em autorizar a participação. Também preparei um vídeo

curto para enviar aos pais via *WhatsApp* explicando como seriam as aulas, colocando meu contato para esclarecer qualquer dúvida que surgisse. Se mesmo assim o responsável não autorizasse a participação do aluno, ele faria o trabalho no final do bimestre.

AULA 4 - AGO/23 (09 A 14 DE AGOSTO)

TURMA: 2 ANOS

DURAÇÃO: 50 MIN

TEMA: Aula teórica sobre as Práticas corporais de aventura

A aula teórica aconteceu com uma apresentação de slide e vídeos sobre as PCA. Iniciei a aula perguntando se eles lembravam do questionário que havia aplicado no começo do ano. Alguns falaram que lembravam, mas não acreditei muito nessa afirmativa. Relembrei algumas perguntas que tinha feito no questionário, e alguns foram relembrando e comentando o que tinham respondido.

O início da explicação da aula era para apresentar os resultados do que eles responderam. Sobre o que eles entendiam sobre as PCA, falei que as respostas deles estavam corretas, e em seguida apresentei o conceito da BNCC, explicando que iríamos usar esse conceito por se tratar de um documento oficial. Em seguida falei da classificação da BNCC sobre as PCA e que iria utilizar essa classificação também para organizar as aulas. Com exceção do surfe, que por ser uma modalidade muito esperada pelos alunos, decidi fazer logo no 2 ano também. Segui apresentando os resultados do questionário, e quando chegou na questão em que os alunos responderam que nunca fizeram tal prática por medo, expliquei que esse era também um dos objetivos dessas aulas: incentivar os alunos a enfrentar os medos. Sobre o medo de se machucar, falei que eles também podiam se machucar jogando voleibol, futsal. Ao apresentar o resultado da questão sobre o que eles esperavam aprender com essas aulas, falei que achei bem interessante que eu tinha as mesmas expectativas que eles, que foi: ter novas experiências, conhecer um novo esporte, enfrentar o medo (essas foram as respostas que mais apareceram). Em seguida, apresentei a proposta do que iríamos desenvolver nesse bimestre: patins/*skate*, *parkour*, bicicleta ou *kitesurf* (ainda não tinha apresentado o resultado da pesquisa que fiz na volta às aulas), e surfe. Logo após apresentei imagens de patins antigos, e imagens de outras aulas de patins que já tinha desenvolvido na escola. Apresentei

três vídeos curtos relacionados aos patins. Um era sobre a história dos patins, outro com depoimento de patinadores sobre sua relação de vida com os patins, e o último vídeo era com algumas instruções sobre a prática de patins, com alguns exercícios e movimentos que eles deveriam fazer no dia da aula prática. Apresentei também um vídeo sobre a história do skate e do parkour e finalizei a apresentação mostrando uns vídeos que tinha feito com os bolsistas do PIBID sobre como iriam fazer o parkour, uns vídeos meus surfando e o resultado da escolha do kitesurf como prática a ser feita nesse bimestre. Percebi que durante a apresentação dos vídeos os alunos ficaram mais dispersos, dormindo. Mesmo sendo vídeos curtos, acho que acabei colocando muitos, e isso foi cansando-os.

AULA 5 - AGO/23 (21/08)

TURMA: 2 ANOS

DURAÇÃO: 50 MIN

TEMA: Aula PRÁTICA PATINS/ *SKATE*

Após a aula anterior até o dia da aula prática de patins, ainda tive que várias vezes cobrar os alunos sobre o número do calçado, se iriam dividir ou não o equipamento, a autorização dos pais e o dinheiro do aluguel dos patins. Esse processo é muito cansativo e desgastante, pois eles o tempo todo mudam de ideia, e demoram a cumprir essas tarefas. Estabeleci um prazo final, e aqueles que não cumprissem todos os requisitos não poderiam participar da aula. Nesse processo, dois alunos me procuraram para falar que não teriam o dinheiro para aluguel do material, então disse que eles não precisariam se preocupar, pois no dia da aula iria levar o *skate* de uma amiga para que eles fizessem a prática. Uma aluna praticante de *skate* também se disponibilizou em levar seu *skate* no dia da aula, para emprestar a quem precisasse. No dia da aula, alguns alunos não estavam aptos a participar da aula por falta de autorização dos pais. Alguns disseram que o pai não autorizou, outros disseram que não tinham interesse em participar da aula. Também teve a falta de alguns alunos no dia. A aula aconteceu no turno da tarde, mas já pela manhã os alunos se mostraram bem ansiosos e animados para a aula da tarde. Pela manhã, ao conversar com o rapaz que iria alugar os equipamentos me avisou que não teria *skate* para alugar. Isso causou uma grande preocupação para mim, pois alguns alunos só queriam alugar se

fosse o *skate*. Tentei intermediar com os alunos a troca pelos patins. Alguns aceitaram, outros não. Quem não aceitou, eu devolvi o dinheiro, e indiquei que dividisse o *skate* com algum aluno que tinha trazido de casa, para não ficar sem fazer a aula. Eu não consegui levar o *skate* da minha amiga, mas a aluna que já havia se comprometido em levar seu *skate* emprestou seu material para todas as turmas. Dessa forma, nenhum aluno que queria fazer a prática ficou sem fazer.

A aula aconteceu no horário de aula, na quadra da escola. Cada turma teve 1h/aula (50 min) para a prática. Precisei negociar a troca de aulas com duas professoras, para conseguir fazer a aula com as quatro turmas no turno da tarde, e o rapaz que alugou os patins não precisar vir na escola mais de uma vez. Combinei com o rapaz do aluguel dos patins para chegar na escola mais cedo, para que a gente organizasse todo o material na sala que tem na quadra, para que os alunos não perdessem tempo de aula.

A primeira turma que fez a prática foi a turma de portos. Eles são bem animados, e estavam bem ansiosos. Fiz a chamada, anotei quem faltou (somente uma aluna faltou, e toda a turma participou da aula), e descemos para a quadra, e lá eles já se dirigiram para pegar os patins. Eu ficava na porta anotando quem estava pegando patins, e o rapaz ia entregando de acordo com a numeração dita por eles. Após a entrega de todos os patins, o rapaz do aluguel foi auxiliar os alunos a calçarem e ajudar nas primeiras instruções. Alguns patins tiveram que ser trocados pois estavam com fivelas ou rodas quebradas. Os alunos que trouxeram os patins ou *skate* de casa, rapidamente estavam prontos e andando pela quadra. Eu fui ajudar os alunos que eu percebia que estavam sentados com medo de dar os primeiros passos. Segurando o braço, ajudei vários alunos até se sentirem mais confiantes de tentar andar sozinhos. No decorrer da aula, percebi os colegas ajudando uns aos outros. Aqueles que já sabiam andar estavam ajudando quem não sabia. Aqueles que estavam dividindo o aluguel do material também estavam ajudando enquanto não era sua vez de trocar. Alunos que já sabiam andar de *skate* também estavam ensinando aos colegas que não sabiam andar de *skate*. Aconteceram várias quedas e tombos na aula, mas nada com gravidade. Foi legal ver também a criatividade dos alunos, que em um dado momento, estavam andando no *skate* em dupla, sentados no equipamento. Também percebi alguns alunos fazendo os movimentos que foram explicados na aula teórica. Eles estavam se divertindo com os tombos deles e dos colegas. Eu também me diverti com as quedas, mas em alguns momentos fiquei

apreensiva com medo deles se machucarem. No final da aula juntei a turma toda para tirar uma foto, e depois encerrei a aula pedindo para devolver o equipamento e voltar para sala. Essas observações foram comuns em todas as turmas, mas em cada turma teve algumas particularidades.

Na turma de administração (um aluno faltou, duas alunas não fizeram a aula e nem explicaram o motivo, e uma aluna não participou por estar gestante), que foi a segunda turma a fazer a prática, houve um acidente mais grave. Eu estava mais relaxada depois da primeira aula, e resolvi colocar os patins no pé para andar um pouquinho junto com os alunos, mas após colocar os patins nos pés, aconteceu o acidente. Até demorei para entender que tinha acontecido um acidente, pois estava distraída tentando me equilibrar nos patins. Ao perceber que o acidente da aluna era mais grave, me aproximei e perguntei como ela tinha se machucado, e ela relatou que sentiu o joelho sair e voltar para o lugar. Com a gravidade do acidente, tive que pedir ajuda dos colegas de sala, para levar a aluna no colo para a coordenação. Tiramos os patins dos pés dela, e dois alunos mais fortes carregaram a aluna para a coordenação. A aula continuou, mas depois desse acidente, tirei os patins dos pés e fiquei mais preocupada e atenta aos alunos.

A terceira aula foi com a turma de informática (um aluno faltou, e duas alunas não quiseram participar da aula, mas não relataram o motivo). Já estava mais tensa e preocupada com medo que acontecesse mais algum acidente. Nessa turma, tive uma atenção especial com uma aluna, pois a mãe foi na escola perguntar como seria a aula, mostrando-se bem preocupada com a filha. Essa mãe já é conhecida na escola por ser superprotetora ao extremo com a filha. Fiquei bastante tempo da aula ajudando essa aluna para que ela não se machucasse, mas a menina se mostrou com muita vontade de andar sozinha, queria o tempo todo que eu a soltasse, mas como a mãe tinha me procurado, estava receosa em deixá-la sozinha. Mas depois de um tempo, resolvi deixar ela sozinha e fui ajudar outros alunos. Nessa aula, também houve a participação de uma professora da escola. Essa professora sempre gosta de participar dessas aulas de aventura que faço. Nessa aula ela colocou os patins, mas estava com bastante medo de cair, e um bolsista do PIBID ficou o tempo todo da aula ao lado dela, segurando e auxiliando. Mesmo com dificuldades, ela relatou que conseguiu dar alguns passos sozinha sem cair e gostou bastante da aula.

A quarta aula foi com a turma de petróleo e gás (três alunas e um aluno faltaram, o restante da turma toda participou da aula). Já estava bem cansada e ainda

tensa com o acidente que tinha acontecido na aula. Entre uma aula e outra passei na coordenação para saber como a aluna estava. Com o joelho bem inchado e sentindo dor, a coordenação ligou para os pais e encaminhou ela para o hospital para fazer exames. Nessa aula também teve a participação do professor de filosofia e sociologia que também gosta de participar das minhas aulas relacionadas às PCA. Ele tinha mais habilidade, e andava super bem nos patins. Não precisou de ajuda, e se divertiu muito junto aos alunos. Os alunos adoram quando os professores participam junto deles nas aulas. Nessa turma, minha atenção especial foi para uma aluna que desde o primeiro ano fala que tem pavor de bola, que não gosta da aula de educação física porque tem medo de levar bolada. No começo do bimestre ela falou que não iria participar das aulas práticas por medo. A própria turma, toda vez que eu perguntava quem faltava preencher formulário, entregar autorização etc., já dizia logo que ela não iria participar de nenhuma prática. Mas para minha surpresa, ela entregou a autorização, e deu o número do calçado para alugar os patins. Quando estava chegando o momento da aula, ela estava bem nervosa, dizendo que iria chorar. Tentei acalmar, dizendo que iria ficar o tempo todo do lado dela, que não teria problema se ela chorasse, e quem iria chorar era eu, vendo-a participar da aula. Ela foi uma das últimas a pegar os patins, e ficou dizendo que não ia andar. pedi para ela se sentar na arquibancada, que o rapaz ia ajudá-la a calçar os patins, e que eu iria ajudar ela. Ela estava bem nervosa. Mas ficou em pé com os patins e começou a dar os primeiros passos. Em pouco tempo ela já estava cansada, disse para ela se sentar e descansar um pouco. Eu aproveitei o descanso dela para ajudar outros alunos. Depois de um tempo, quando olhei ela estava tentando com a ajuda de um colega e depois estava tentando sozinha. Quando prestei atenção de novo nela, vi que estava sentada novamente, e pedi para um bolsista tentar convencer ela a andar mais um pouco, e ela andou mais um pouco com ajuda do bolsista. Fiquei muito feliz com o progresso dela.

AULA 6 - AGO/23 (23 A 25 DE AGOSTO)

TURMA: 2 ANOS

DURAÇÃO: 50 MIN

TEMA: AVALIAÇÃO DA AULA ANTERIOR/ ORGANIZAÇÃO DAS PRÓXIMAS
AULAS

Na aula seguinte, perguntei a todas as turmas se tinham gostado da aula, responderam bem animados que sim, que queriam outra aula de patins. Perguntei se mais alguém tinha se machucado na aula, e relataram somente hematomas roxos devido a diversos tombos durante a aula. Aproveitei o momento para explicar que a próxima aula seria de *parkour*, que também iria acontecer na escola e como seria a aula prática de surfe e *kitesurf*. Falei que eles teriam que preencher um formulário de inscrição do projeto que iria realizar a aula de surfe e *kitesurf* com eles. Perguntaram se teriam que pagar para participar da aula, respondi que não. Que essa aula seria realizada em parceria com um projeto social que uma amiga minha desenvolve. Expliquei que a aula de *kitesurf* e surfe iria acontecer em uma barraca de praia, e que eles iriam sozinhos me encontrar lá no momento marcado pra aula, e que teríamos que fazer alguns combinados para essas aulas acontecerem. O primeiro combinado era o preenchimento da ficha de inscrição do projeto. Sem essa inscrição feita, eles não poderiam participar da aula. Pedi que eles não demorassem a responder o formulário como fizeram no formulário sobre os patins. O segundo combinado foi a autorização dos pais assinado. O terceiro combinado era que ao finalizar a aula, eles fossem para casa, e não ficassem na praia. Frisei bem esse ponto. Expliquei que apesar de eles estarem sempre na praia, se acontecesse alguma coisa enquanto eles estivessem na aula, os pais iriam me responsabilizar. Muitos alunos não se comunicam com os pais, e se ele resolve ficar na praia, os pais ficam preocupados achando que aconteceu alguma coisa na aula e de novo eu seria responsabilizada. Alguns alunos perguntaram que se falasse com os pais e eles autorizassem ficar na praia, se podia. Pedi para que não fizessem isso, pois mesmo os pais sabendo, se acontecesse alguma coisa naquele dia, mesmo que fosse fora do horário de aula, também iriam me responsabilizar, pois o filho tinha saído para uma aula de educação física na praia. Perguntei se podia contar com eles pra irem pra casa após a aula. Responderam positivamente, mas percebi que alguns alunos não iriam manter o combinado. Na turma de petróleo e gás, que considero uma turma mais imatura, reforcei ainda mais os combinados, falando que estava dando um voto de confiança para eles. Que iria precisar que eles fossem muito responsáveis com o comportamento deles em cumprir os combinados. Repeti várias vezes com eles as palavras: maturidade, responsabilidade, autonomia, confiança. Achei que eles estavam bem comprometidos em fazer tudo conforme o combinado. Na turma de informática eles perguntaram se poderiam levar bola de futebol. Falei que não podia.

Posteriormente esse momento de avaliação com os estudantes, me reuni com o núcleo gestor para definir como seriam as aulas de surfe e *kitesurf*, pois seriam aulas fora da escola, e precisava maior articulação junto com a gestão. A aula de *kitesurf* teria que acontecer em um único dia, pois o projeto social parceiro que iria desenvolver a aula fica localizado no cumbuco, e seria feito o deslocamento de toda equipe para Fortaleza para desenvolver a atividade, ficando inviável fazer esse deslocamento por vários dias. A prática também deveria ser feita no turno da manhã, pois segundo os profissionais e praticantes de *kitesurf*, esse é o horário com mais vento propício à prática.

Dito isto junto a coordenação, chegou-se ao consenso que o melhor dia para a aula seria terça-feira, pois é meu dia de planejamento, que não tenho aulas, não precisando fazer muitas alterações nas aulas. Também ficou acordado com a gestão que os alunos não voltariam para a escola após essa aula, pois na nossa experiência os alunos voltam muito cansados, e não se concentram nas aulas posteriores. Dessa forma, definimos uma hora de aula para cada turma, iniciando a primeira turma às 8h da manhã e encerrando a última turma às 12h. O combinado com os estudantes é que eles não viriam para a escola nesse dia, devendo se deslocar para a aula na praia com 15 minutos de antecedência do horário marcado para sua turma e retornando para casa após encerramento da aula.

Para a aula de surf foi feito mais ou menos a mesma organização do *kitesurf*, sendo modificado o horário para o turno da tarde pois dessa forma os alunos teriam aula na escola de manhã e à tarde iriam para a praia ter a aula de surfe. Em anos anteriores as aulas de surfe aconteciam uma turma por dia, e nesse bimestre estou experimentando mudar essa organização pois uma reclamação recorrente dos alunos é o pouco tempo que eles têm para a prática, pois o projeto que desenvolve a aula não consegue disponibilizar muitos instrutores e pranchas por vários dias seguidos. Conversando com minha amiga que é responsável pelo projeto, perguntei se ela conseguiria disponibilizar mais instrutores e pranchas fazendo as aulas em um único dia, que me respondeu positivamente.

Dessa forma, a aula de surfe ficou organizada da seguinte forma: os alunos assistem aula na escola pela manhã, e à tarde vão saindo de acordo com o horário combinado para a sua turma. Um receio meu exposto na reunião com a gestão, é o deslocamento para a praia. Ficou definido que eles irão sozinhos e isso me causa preocupação, pois apesar de ser próximo da escola, tenho medo de acidentes como

atropelamentos na via. Em anos anteriores eu fazia esse deslocamento junto com os estudantes e mais um professor da escola. Mas como as aulas serão todas no turno da tarde, fica inviável eu fazer esse deslocamento de ida e volta junto aos estudantes, pois iríamos perder muito tempo com o deslocamento, prejudicando o tempo de aula. Mesmo com receio, decidimos dar essa responsabilidade e autonomia para os alunos.

AULA 7 - AGO/23 (28 DE AGOSTO)

TURMA: 2 ANOS

DURAÇÃO: 50 MIN

TEMA: AULA PRÁTICA *PARKOUR*

Durante a semana que antecedeu essa aula, me reuni com os bolsistas do PIBID para planejar a aula de *parkour*. Baseado no livro didático disponível na escola, decidimos os movimentos que seriam possíveis dos alunos executarem, e percorremos toda a escola para pensar que espaços poderíamos utilizar. Definimos o percurso e os movimentos e eu mesma testei todos os movimentos e percurso para sentir o nível de dificuldade que estava propondo.

No turno da manhã do dia da aula de *parkour* a coordenação me chamou para relatar que alguns pais ligaram para reclamar da aula de patins, pois seus filhos chegaram cheios de hematomas roxos das quedas que aconteceram na aula. A gestão disse que na conversa com os pais, argumentou que eles tinham autorizado a participação dos filhos mediante assinatura. Imediatamente me arrependi de não ter feito um comunicado de autorização para a aula de *parkour* também. Pensei que não seria necessário já que seria uma atividade simples feita na própria escola. Mas essa reclamação me deixou preocupada e arrependida de não ter feito o comunicado de autorização também para essa aula. Passei em sala para conversar com as turmas sobre isso, reforçando que deveríamos ter cuidado para ninguém se machucar, que eu escolhi movimentos simples para evitar acidentes e aqueles que não se sentissem à vontade para fazer a prática poderiam fazer o trabalho posteriormente. Mesmo assim percebi que os alunos estavam bem entusiasmados em fazer a prática.

No turno da tarde iniciamos a aula com a turma de portos, sempre muito animados. Fiz a chamada na sala e pedi para eles me encontrarem no pátio da escola. Alguns alunos trocaram de roupa para fazer a prática (já tinha orientado que eles

conseguiriam executar os movimentos melhor se estivessem com roupa apropriada), perguntaram se poderiam fazer a prática descalços. Orientei que seria melhor calçado, mas deixei a critério deles. Após todos chegarem no pátio, conferi na chamada se todos estavam realmente presentes no momento. Uma situação chamou minha atenção nessa turma, pois 2 alunas e 2 alunos me procuraram para dizer que não iriam participar da aula pois teriam uma reunião com a comissão de formatura. Ainda questionei: na hora da minha aula? Por que não marcaram para outro momento? Justificaram dizendo que a reunião foi marcada pela empresa que iriam apresentar o orçamento da festa de formatura. Mesmo chateada, anotei o nome deles para fazerem o trabalho depois. Fora esses 4 estudantes, mais 3 também faltaram no dia.

Iniciei a aula com uma roda, explicando que iríamos nos deslocar por vários espaços da escola. O primeiro percurso era ali no pátio, onde tem uns bancos fixos rodeando um gramado e uma planta no centro. Entre esses bancos fixos, posicionei dois bancos de cimento que coloquei antes de iniciar a aula. Os alunos deveriam passar pelos bancos fixos pulando utilizando o apoio dos braços. Depois tinham que pular e passar pelos 2 bancos de cimento e repetir o movimento do outro lado fazendo o mesmo percurso voltando, depois pedi para que se posicionasse na lateral do pátio, pois dessa forma eu conseguia identificar quem tinha feito ou não o percurso. Demonstrei para eles como seria o movimento. Eu não conseguia fazer o movimento exatamente como deveria ser, então pedi para um aluno que já sabia que tinha mais habilidade fazer o movimento da forma correta para que todos vissem como era. Falei que eles não se importassem tanto em fazer o movimento correto. O mais importante era tentar fazer o movimento, pelo menos utilizando os braços para passar pelo banco fixo. Eu fiquei posicionada próxima ao banco de cimento para ajudar quem tivesse medo, e autorizei os alunos a começarem a prática. Percebi que no começo alguns estavam com medo e com vergonha. Mas fizeram. Alguns fizeram com muita facilidade, outros com muita dificuldade, mas todos cumpriram essa etapa. Partimos então para outro espaço da escola. Um anfiteatro que não é utilizado e está sempre cheio de matos. Os alunos deveriam pular entre os bancos do anfiteatro, depois fazer um rolamento no palco (coloquei alguns tatames empilhados para isso), e fazer outro salto para fora do palco. Também demonstrei como deveriam fazer os movimentos, e na hora de demonstrar o rolamento, também fiz de forma errada e pedi para um aluno demonstrar. E novamente disse que eles não precisavam se preocupar em fazer o

movimento da forma correta. Percebi nessa parte do percurso maior resistência dos alunos em fazer o rolamento, pois vários não sabiam fazer o movimento. Por diversas vezes eu tinha que demonstrar novamente. Após aqueles mais habilidosos iniciarem a atividade, os outros foram começando a ficar com mais vergonha de fazer. Em um dado momento, percebi os alunos que já tinham concluído o percurso rindo e fazendo chacota dos alunos que tinham dificuldade em fazer o rolamento (**incidente crítico capturado por mim**). Parei a atividade e repreendi os alunos. Pedi para pararem de rir e fazer chacota, pois ninguém ali era atleta. Todos estavam aprendendo e tentando fazer da melhor forma possível. Percebi que ficou para o final, meninas que tinham menos habilidades ou que estavam com vergonha. Insisti um pouco e todas concluíram essa etapa.

A próxima parte do percurso era no corrimão da rampa próximo da quadra. Pedi para os alunos se deslocarem para próximo da caixa d'água da escola, e antes de chegar no local avistei de longe que os alunos já estavam fazendo o movimento proposto antes mesmo da explicação. Após todos se posicionarem próximo do corrimão, expliquei que o movimento que os colegas já estavam fazendo era o proposto. Pedi para que fizesse novamente para todos observarem. Nesse momento vários alunos disseram que não iriam fazer porque não iriam conseguir. Novamente falei que eu também não conseguia fazer o movimento correto e demonstrei algumas maneiras possíveis que eles poderiam fazer, e que estaria do lado para auxiliar. Tive que insistir um pouco mais para algumas meninas que estavam com medo e vergonha de fazer, mas todos concluíram essa etapa.

A última etapa do percurso foi próximo do auditório. Eles tinham que passar novamente por um corrimão (esse era mais fácil, pois era mais baixo) e depois subir em uma mureta e pular para o outro lado da mureta. Tinha um batente que ajudava no apoio para subir a mureta, mesmo assim eu me posicionei próximo da mureta e fiquei auxiliando aqueles que tinham mais dificuldade. Brinquei com eles dizendo que estava ensinando-os a pular o muro da escola. Todos ficaram bem animados com a piada. Como aconteceu em todo o percurso, sempre ficava para o final as meninas e aqueles com menos habilidades, que demonstravam medo e vergonha. Mas após eu insistir, todos concluíram. Reuni todos para tirar uma foto e encerrei a aula. Em todas as turmas aconteceram mais ou menos as mesmas coisas. Mas em cada turma teve detalhes que me chamaram atenção.

Na turma de administração, nove alunos faltaram no dia da aula, sendo duas faltas justificadas (A aluna gestante e a aluna que se machucou na aula anterior de patins). Me chamou atenção nessa turma o interesse em participar da aula do grupo de alunos que fazem parte da comissão de formatura. A mesma reunião que quatro alunos da turma de portos se ausentou na minha aula. Sendo que na turma de administração, os alunos queriam tanto participar da minha aula que pediram para sair da reunião na hora da minha aula. Fiquei bem feliz com a atitude deles, inclusive comentei com um dos alunos de portos que não fez minha aula sobre essa atitude. Pois tudo depende do interesse de cada um.

Na turma de informática, seis alunos faltaram no dia da aula, e duas alunas acompanharam todo o percurso, mas não quiseram participar de forma alguma, mesmo eu insistindo muito. Me chamou atenção também nessa turma a aluna que a mãe é superprotetora (foi uma das mães que reclamou que a filha chegou cheia de roxos). No começo da aula perguntei se ela realmente iria fazer a aula, pois a mãe dela tinha reclamado da aula de patins. A aluna disse que iria fazer a aula. Que queria muito participar. Mas sempre na vez dela eu ficava mais atenta e preocupada com medo dela se machucar. Ela se mostrava muito confiante, com muita vontade de fazer os movimentos da forma correta, mas não tinha muita habilidade. O que me deixava mais preocupada. No momento do percurso que tinha que pular o corrimão, vi que ela vinha correndo, mas quando ela chegou próximo do pulo, pedi para ela parar e passar o corrimão devagar. Fui até repreendida pela professora de inglês que estava participando da aula, pois eu impedi a aluna de fazer o movimento de forma rápida com medo dela se machucar. A professora achou que eu devia ter deixado ela tentar pular de forma rápida. Mas como já tinha percebido que ela não tinha muita habilidade, não permiti. Mas ela participou e executou todos os movimentos propostos na aula, mesmo eu ficando com medo toda vez que ela ia fazer o movimento.

Durante a aula da turma de informática aconteceu um acidente grave. Esse acidente aconteceu com a professora de inglês que sempre participa dessas minhas aulas. O acidente aconteceu justamente no corrimão. A professora estava receosa em fazer esse trecho do percurso, eu fiquei insistindo muito para ela fazer. Pedi para fazer devagar, que eu iria ajudá-la a passar. Demonstrei para ela como deveria fazer. Mas na hora de passar o corrimão a professora decidiu tentar fazer o movimento pulando como os outros alunos, e na hora que ela passou do corrimão, se desequilibrou e caiu de mal jeito. Mesmo estando do lado e segurando ela, eu não consegui evitar o

acidente. Na mesma hora me arrependi de ter insistido para ela tentar fazer. Percebi no momento que o pé dela tinha virado no momento da queda. Rapidamente os alunos se aproximaram e demonstraram preocupação com a professora. Como ela estava reclamando de muita dor, pedi para os bolsistas do PIBID levarem a professora para coordenação, para poder continuar com a aula. Segui o restante da aula, mas fiquei bem preocupada com a professora. Ao terminar a aula, os bolsistas do PIBID me relataram que quando estavam na sala dos professores com a professora machucada, alguns colegas de trabalho repreenderam a professora, que ela não deveria estar fazendo aquelas atividades pois ela não tinha mais idade para aquilo (**incidente crítico capturado pelos bolsistas do PIBID**).

Na turma de petróleo e gás, quatro alunos faltaram no dia da aula. E o fato que me chamou atenção nessa aula, foi a participação daquela aluna que tem medo e diz não gostar da aula de educação física (começo a desconfiar que ela não desgosta tanto assim da aula). Essa aluna sempre ficava para o final e demonstrava muito medo em fazer os movimentos. Eu tinha que repetir o movimento várias vezes para ela fazer junto comigo. Mesmo assim ela concluiu todo o trajeto. Fiquei bem feliz com a participação e superação dela. Outra situação que me chamou atenção, é que toda vez que essa aluna concluía um trecho, a turma toda vibrava e aplaudia muito. Acho que por saber do medo dela. E acho que essa atitude da turma também foi incentivando a participação dela, mesmo que ela demonstrasse vergonha pelos colegas estarem aplaudindo e comemorando que ela concluía a atividade.

Quadro 28 – Incidente crítico 12.

Observação: Aula prática *parkour*.

Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.		Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, e que faz o curso técnico em petróleo e gás. A aula era sobre <i>parkour</i> .	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
Durante os exercícios de parkour, alunos/as com mais habilidades estavam rindo dos/as alunos que tinham mais dificuldades ou que faziam o movimento incorretamente.	Interrompi a aula e chamei atenção daqueles/as que estavam rindo, enfatizando que ninguém era atleta, e todos/as estavam aprendendo.	Após minha intervenção eles/as pararam de rir, e começaram a bater palmas, elogiando quando os/as alunos cumpriam a atividade proposta.	bullying com os/as menos habilidosos/as.
Adaptado de Philpot <i>et al.</i> , 2021.			

Quadro 29 – Incidente crítico 13.

Observação: Aula prática <i>parkour</i> .			
Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.		Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, e que faz o curso técnico em petróleo e gás. A aula era sobre <i>parkour</i> .	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
A professora de inglês da escola, que costumava participar das aulas de aventura, se acidentou durante a aula. Ao ser socorrida e levada para a sala dos professores, escutou comentários de que ela não deveria participar dessas aulas, pois não tinha mais idade para isso.	Ao saber dessas falas, conversei com os/as estudantes sobre esse tema em sala de aula.	Após o acidente, os/as alunos se mostraram bem preocupados/as com a professora machucada, e ajudaram no socorro. Ao conversar com os/as estudantes sobre o tema em sala, os alunos ficaram em silêncio.	Etarismo.
Adaptado de Philpot <i>et al.</i> , 2021			

AULA 8 - SET/23 (04 A 06 DE SETEMBRO)

TURMA: 2 ANOS

DURAÇÃO: 50 MIN

TEMA: AULA TEÓRICA SOBRE SURFE E *KITESURF*

Nessa semana, passei vários dias cobrando dos alunos para preencher o formulário eletrônico de inscrição do projeto para participar da aula de *kitesurf*. Novamente aquele desgaste. Cobrando todo dia o formulário e autorização dos pais

assinado. A autorização até que eles entregaram de forma mais rápida. Alguns alunos falaram que os pais não autorizaram a participação na aula de *kitesurf* e surfe após os hematomas na aula de patins.

Durante o planejamento e elaboração do *slide* para aula teórica de surfe e *kitesurf* uma situação me chamou atenção. Estava com uma bolsista do PIBID elaborando o *slide* a partir de um modelo já existente na internet e percebi que em todas as imagens que já estavam disponíveis, só apareciam surfistas homens. Questionei a bolsista, que disse que era um modelo pré-pronto, mas que podíamos mudar. Então solicitei que ela mudasse. Durante o processo, sugeri que ela buscasse imagens de surfistas cearenses, e logo em seguida surgiu a ideia de buscar atletas de destaque no bairro próximo da escola (praia do titanzinho). Meu objetivo além de colocar em destaque atletas mulheres da região, era de saber se os alunos as conheciam e reconheciam. Além de ser também uma forma de valorizar o que temos de melhor no bairro.

No momento da aula, aproveitei para cobrar novamente o preenchimento do formulário, e perguntei se tinham gostado da aula de *parkour*. Sobre a aula de *parkour* demonstraram de forma bem animada que gostaram.

Iniciei a apresentação dos slides falando da história do surfe e da cultura do surfe que pregava um estilo mais livre, com roupas leves, cuidado com a natureza, uma *vibe* paz e amor etc. Ao falar isso, alguns alunos associaram ao uso de drogas **(incidente crítico capturado por mim)** e falei que as pessoas criaram esse estereótipo dos surfistas por conta desse estilo de vida. Muitas vezes os surfistas são colocados como vagabundos, que não trabalham e usam drogas. Expliquei que por isso era importante a gente disseminar cada vez mais o surfe para quebrar com esses preconceitos. Seguindo os *slides*, expliquei sobre diversas modalidades e tipos de pranchas no surfe. Falei também sobre preservação ambiental e que era um pouco contraditório o surfista dizer que se preocupa com meio ambiente e utilizar pranchas, parafinas e protetores solares que agredem o meio ambiente. Em seguida mostrei os equipamentos de segurança do surfe e os principais fundamentos. Apresentei também dois vídeos curtos mostrando como era o fundamento de subir na prancha que eles iriam fazer na praia. Um dos vídeos era um jovem. No outro vídeo, fiz questão de selecionar um vídeo de um homem bem mais velho e que estava acima do peso.

Aproveitei para mostrar para eles que para surfar não tinha idade nem corpo padrão. No vídeo destaquei a dificuldade do homem em conseguir ficar em pé

na prancha, mas que mesmo assim ele conseguiu surfar. Fiz essa observação para rebater os comentários preconceituosos que a professora de inglês sofreu após seu acidente na aula (apesar de não ter ouvido esses comentários dos alunos). Os alunos ficaram em silêncio.

Prossigui a aula falando da história do *kitesurf*, os equipamentos e fundamentos presentes na prática. Também mostrei um vídeo de uma pessoa manuseando o equipamento e falei que nossa aula prática seria dessa maneira. Os alunos se mostraram insatisfeitos ao descobrir que não iriam entrar na água (limitação) (apesar de já ter dito antes). Expliquei que ninguém entra na água nas primeiras aulas de aprendizagem do *kitesurf*. Que as primeiras aulas são todas na areia, para aprender a manusear o equipamento com segurança. Alguns alunos estavam preocupados se existia a possibilidade de eles voarem presos ao equipamento. Falei que isso não iria acontecer, pois além do instrutor ficar o tempo todo segurando-os, o material utilizado era de um tamanho menor, o que dificultaria esse voo.

Algumas coisas me chamaram atenção nessa aula. A primeira situação foi que ao perguntar se eles conheciam as mulheres surfistas que coloquei no slide, somente um aluno da turma de informática sabia quem eram as mulheres das imagens apresentadas (nas outras turmas, ninguém sabia). Mostrando o desconhecimento dos estudantes sobre atletas de destaque nacional vindo da região em que eles moram. Na turma de petróleo e gás aconteceram dois incidentes críticos nessa aula. Em um dado momento, ao mostrar a imagem de uma surfista australiana e perguntar se eles sabiam quem era, algum aluno disse: “Bruna surfistinha” **(incidente crítico capturado pelo bolsista do PIBID)**. Eu não escutei esse comentário, soube após a aula, relatado pelo bolsista. Tal comentário na minha percepção faz uma alusão a associação das mulheres à prostituição, demonstrando como os alunos naquele momento associaram a imagem de uma mulher que surfa.

O outro incidente crítico foi capturado quando no final da aula, quando já estava guardando o material da aula, uma aluna chegou perto de mim e perguntou por que no slide não tinha nenhuma pessoa negra surfando **(incidente crítico capturado por mim)**. Me senti constrangida e envergonhada por esse esquecimento. Respondi para a aluna que ela tinha feito uma excelente pergunta, e que mais na frente iremos falar sobre isso na aula. Já está planejado que o tema de racismo no surfe será um dos temas de trabalho para os alunos que não fizeram a prática, mesmo

assim me senti muito mal de ter pensado em colocar mulheres no *slide*, mas não lembrei de colocar pessoas negras.

Quadro 30 – Incidente crítico 14.

Observação: Aula teórica sobre surfe e <i>kitesurf</i> .			
Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.		Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, e que faz o curso técnico em informática. A aula era sobre surfe e <i>kitesurf</i> .	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
Durante a aula em sala, ao explicar sobre a cultura do surfe, alguns alunos tiveram falas relacionando o surfe ao uso de drogas.	expliquei que a fala deles eram preconceituosas e que muitas vezes os surfistas são colocados como vagabundos, que não trabalham e usam drogas por conta desses estereótipos que são reforçados.	Alguns riram do comentário feito. Após minha intervenção alguns concordaram com minha fala.	estereótipos no surfe.
Adaptado de Philpot <i>et al.</i> , 2021			

Quadro 31 – Incidente crítico 15.

Observação: Aula teórica sobre surfe e <i>kitesurf</i> .

<p>Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.</p>			
<p>Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.</p>		<p>Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, e que faz o curso técnico em informática. A aula era sobre surfe e <i>kitesurf</i>.</p>	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
<p>Durante a aula que estava falando sobre o surfe, ao passar os slides, com imagens de mulheres surfando, ao perguntar se sabiam quem eram aquelas mulheres, algum aluno falou: “bruna surfistinha”.</p>	<p>não ouvi o momento da fala na aula, mas depois, na aula sobre gênero no surfe, resgatei a fala do aluno, e debati sobre o tema, do porquê os alunos associam as mulheres no surfe à prostituição.</p>	<p>na hora da fala, alguns alunos riram. Após o debate do tema alguns entenderam e refletiram sobre o peso daquela fala.</p>	<p>gênero no surfe.</p>
<p>Adaptado de Philpot <i>et al.</i>, 2021.</p>			

Quadro 32 – Incidente crítico 16.

Observação: Aula teórica sobre surfe e *kitesurf*.

Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.		Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, e que faz o curso técnico em informática. A aula era sobre surfe e <i>kitesurf</i> .	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
Após apresentação da aula sobre o surfe, uma aluna me questionou o motivo de não ter mulheres negras na apresentação que fiz.	Fiquei envergonhada e constrangida com a pergunta, mas disse que iríamos falar sobre esse assunto em outra aula.	Como a aluna fez a pergunta de forma reservada, outros/as alunos/as não perceberam o questionamento levantado.	invisibilidade de atletas negras.
Adaptado de Philpot <i>et al.</i> , 2021			

AULA 9 - SET/23 (12 DE SETEMBRO)

TURMA: 2 ANOS

DURAÇÃO: 50 MIN

TEMA: AULA PRÁTICA *KITESURF*

Um dia antes da aula prática de *kitesurf* passei em todas as turmas para reforçar os combinados como chegar dentro do horário e ir para casa depois da aula. Enfatizei para não esquecerem de levar água e protetor solar e irem de blusa da farda para serem identificados como estudantes da escola. Falei que tinha conseguido alguns brindes como bonés, garrafinhas e bolsas para sortear no final da aula prática. Alertei que talvez nem todos os alunos iriam conseguir manusear o equipamento pois tinham poucos instrutores para muitos alunos. Que lá eles seriam divididos em grupos

e que eu contava com o comportamento e organização deles para não perder tempo de aula.

No dia da aula, cheguei um pouco mais cedo na praia. Os instrutores chegaram praticamente junto comigo. Aproveitei para conversar com o professor responsável para combinar como iríamos conduzir a aula. Falei que já tinha conversado um pouco com os alunos sobre o *kitesurf* em uma aula teórica. O professor achou interessante e disse que iria iniciar a aula perguntando o que eles já sabiam sobre o *kitesurf* que eu já tinha falado em sala. Falei que eram muitos alunos, e que a gente não passasse tanto tempo falando da teoria para os alunos terem mais tempo de prática.

A primeira aula do dia foi com a turma de informática (nove alunos não participaram dessa aula) e eles foram chegando aos poucos dentro do horário combinado. Pedi para eles assinarem a lista de frequência e colocassem a blusa de manga com proteção UV do projeto. Enquanto esperavam todos chegarem para começar a aula, os alunos ficaram jogando futebol na areia (mesmo eu tendo dito que eles não deveriam levar a bola). Deixei porque não vi problema naquele momento. Começamos a aula pontualmente as 8h. O professor começou a aula como havíamos combinado, e depois de muito perguntar, um aluno falou sobre um material de segurança presente do *kitesurf*. Fiquei aliviada que alguém prestou atenção em alguma coisa que falei em sala. Esse aluno falou também um pouco sobre a história do *kitesurf* que também falei em sala. Fiquei feliz e aliviada de alguém lembrar de alguma coisa. Achei que o instrutor passou tempo demais falando sobre a parte teórica, o que implicou em menos tempo de prática que resultou em vários alunos que não conseguiram experimentar a prática.

Após esse momento, o instrutor pediu para formar duas filas em ordem de tamanho do menor para o maior. Ele disse que isso era necessário pois os equipamentos seriam separados de acordo com os tamanhos parecidos. Demorou um pouco essa organização pelo tamanho. Em seguida, cada grupo desceu para a praia acompanhado de um instrutor. Na praia o instrutor deu algumas informações sobre segurança e como manusear o equipamento, em seguida foi colocando o equipamento nos alunos e auxiliando o manuseio junto. Passei observando todos os grupos, e no geral estavam bem atentos e querendo participar. Alguns alunos estavam receosos e não quiseram participar. Depois o instrutor me relatou que conseguiu que alguns alunos que estavam com medo participassem.

Após dar uma passada por todos os grupos e ver que estava tudo ocorrendo como o planejado, subi para a barraca para começar a organização da próxima turma que iria chegar. Deixei um professor da escola que veio para me ajudar, responsável por pegar frequência dos alunos que estavam chegando da outra turma. Estava inquieta com o tempo de aula, pois percebi que pouquíssimos alunos iriam conseguir experimentar a prática. Faltando 10 minutos para acabar a aula que estava acontecendo e conseqüentemente começar a próxima, pedi para os instrutores encerrarem e mandarem os alunos subirem. Mesmo sabendo que muitos alunos não tinham ainda feito a prática. Queria otimizar o tempo para que a próxima turma não perdesse tanto tempo de aula também. Pedi para os alunos subirem e não tirarem a blusa do projeto para que a gente fizesse uma foto com todos juntos e fardados. Enquanto os alunos subiam e se organizavam, a próxima turma já tinha assinado a frequência, e pedi para pegar as blusas da turma anterior e já formar duas filas de acordo com o tamanho. Rapidamente conversei com o instrutor responsável que as próximas turmas teriam que ser mais rápidas no momento teórico. Aquela primeira turma era a menor. Esse momento de troca de aulas foi o momento mais conturbado. Pois eram muitos alunos no mesmo espaço trocando de roupa, se organizando para ir embora ou ir para a aula.

A segunda turma que fez a aula de *kitesurf* foi a turma de petróleo e gás (três alunos não participaram da aula). E novamente me surpreendi com aquela aluna que em teoria não iria participar de nenhuma aula. Um dos colegas disse que ela não iria pois não estava bem (essa aluna tem transtornos de ansiedade). Para minha surpresa, ela chegou na aula. Estava bem nervosa e ansiosa. Disse que não tinha perigo de ir para a aula de surfe. Dizendo que estava arrependida de ter ido, porque estava muito cansada, com muito calor. Pedi para ela se sentar e descansar que ainda ia demorar um pouco para começar a aula. Conversando com ela, descobri que ela tinha vindo a pé da escola até a barraca de praia junto com os colegas da sala (a distância da escola para a barraca de praia é de cerca de 2,5km). Perguntei por que ela não tinha vindo de ônibus. Ela disse que não tinha dinheiro. Pedi para ela descansar e só ir ficar em pé na fila quando o professor fosse começar a explicação.

Durante o momento prático, passei pelos grupos para ver se estava tudo bem, e ao passar no grupo que essa aluna estava ela se mostrou chateada, dizendo que não queria estar ali, que queria subir pois o sol estava incomodando-a. Perguntei se ela já tinha participado da prática e me respondeu que não. Pedi para ele participar

do momento prático para depois subir, mas ela disse que não iria participar de forma alguma. Questionei por que, e ela disse que já tinha percebido que não iria gostar. Insisti que ela deveria sentir o equipamento no corpo. Ela disse que o que ela tinha visto já era o suficiente. Não insisti mais porque tinha outros alunos que queriam muito ir. Disse que ela esperasse mais um pouco e depois ela podia subir.

Na aula da turma de administração (sete alunos não participaram da aula, sendo duas justificadas) e na turma de portos (não houve faltas. 100% de participação) as aulas aconteceram de forma tranquila da mesma forma das duas primeiras turmas. Com o decorrer das aulas os instrutores foram conseguindo otimizar mais o tempo. Mesmo assim ainda ficou aluno sem conseguir fazer a parte prática.

AULA 10 - SET/23 (19 DE SETEMBRO)

TURMA: 2 ANOS

DURAÇÃO: 50 MIN

TEMA: AULA PRÁTICA SURFE

Como combinado anteriormente com gestão e estudantes, a aula de surfe aconteceu em um único dia no turno da tarde, uma hora de aula para cada turma. Eles assistiram aula pela manhã, e no turno da tarde foram liberados de acordo com o horário da aula de cada turma. Todas as turmas foram liberadas com meia hora de antecedência para início da aula. Esse tempo foi necessário para dar tempo de eles trocarem de roupa e se deslocar até a praia. O local combinado para a aula era próximo da escola. Os alunos foram a pé. E esse deslocamento a pé até o local da aula era meu grande medo. Medo de acontecer algum atropelamento durante o trajeto, pois a avenida próxima da escola é muito movimentada.

Vale ressaltar que no dia da aula, eu não estava na escola pois estava participando de um congresso. Isso me deixou um pouco angustiada, pois tinha receio de as coisas não acontecerem como havia planejado. Mas estava o tempo todo conversando com os monitores das turmas via *whatsapp*. Na sexta-feira anterior à aula, eu passei em todas as turmas reforçando os combinados, pedindo para terem cuidado ao atravessar a avenida. Também nesse dia, coloquei no meu carro o material que iria utilizar no dia da aula (tatame de EVA).

No dia da aula, fui surfar de manhã cedo para já pegar logo as pranchas que seriam utilizadas na aula. Com ajuda do instrutor de surfe, coloquei 3 pranchas (as outras pranchas foram levadas por outros instrutores) em cima do meu carro. Fui para casa almoçar e me arrumar para a aula da tarde. Cheguei no local da aula às 12:30. Quando comecei a tirar o material do carro, alguns alunos começaram a chegar também, e pedi ajuda deles para levar tudo para a praia. Quando cheguei na praia, já tinha uma pessoa responsável pelo projeto me esperando, mas os professores que iriam dar a aula ainda não tinham chegado. Comecei a ficar preocupada com esse atraso, e pensando em adiantar o andamento da aula, já fui logo entregando os coletes e pedindo para os estudantes assinarem a lista de frequência. Finalizado a frequência e entrega dos coletes os instrutores ainda não haviam chegado, me deixando mais preocupada com o tempo da aula.

Quando avistei que os instrutores haviam chegado, já fui logo descendo para a praia com a turma, montei o tatame na areia para que os alunos colocassem seus materiais em cima, e já fui logo organizando a turma em círculo. Além das pranchas, esses instrutores que chegaram depois também trouxeram uma tenda, que tinha como objetivo divulgar a marca do projeto e fazer um pouco de sombra para estudantes e professores. Enquanto eles montavam a tenda, eu ainda angustiada, tomei a iniciativa de ir começando a aula. Com os alunos em círculo, perguntei a eles se lembravam do vídeo que tinha mostrado em sala de como seria o movimento de subida na prancha. Alguns alunos lembraram, e percebi um aluno que parecia ter entendido o movimento e pedi para que ele demonstrasse na areia para todos. Precisei fazer algumas correções, e depois ele já estava fazendo o movimento correto. Pedi para o restante da turma deitar-se na areia e repetir o movimento que o colega estava fazendo. Pouco depois desse início, os instrutores estavam prontos e se posicionaram no círculo. Apresentei-os, disse que eles também são meus instrutores de surfe, em seguida eles se dividiram e ficaram ensinando e corrigindo a subida na prancha na areia. Após esse momento, a turma foi dividida entre os 6 professores que estavam presentes. Esse formato de fazer todas as turmas no mesmo dia foi positivo no sentido de ter mais professores e pranchas disponíveis.

A primeira turma a participar da aula foi a de informática. No segundo momento da aula, que foi no mar, os alunos não eram obrigados a participar, mas a maioria quis participar. Um momento que me deixou apreensiva foi o início do momento no mar dessa turma, pois a maré ainda estava secando, formando uma

piscininha antes de chegar ao local que as ondas estavam adequadas para a prática, fazendo com que os alunos tivessem que se deslocar pelo meio dessa piscininha. Estava raso, mesmo assim fiquei apreensiva, com medo de algum aluno que não soubesse nadar se desesperasse. Toda vez que um novo aluno ia para o mar, perguntava se ele sabia nadar. Quando não sabia nadar, pedia para o instrutor que estava com a prancha vir buscar o aluno. Mas como eram muitos instrutores e alunos indo ao mesmo tempo, não conseguia controlar isso. Um professor da escola que já tinha combinado anteriormente para me acompanhar na aula chegou atrasado, mas logo na sua chegada, ele se colocou à disposição de ficar no meio do caminho dessa piscininha auxiliando e dando suporte aos alunos. Ele estava se divertindo com a situação, aproveitou para ficar tomando banho de mar. Outra situação que me deixou angustiada, é que nesse dia, nenhum bolsista do PIBID teve disponibilidade para acompanhar a aula. Apesar de estar acostumada a fazer essas aulas sozinha, me sinto mais confiante e segura com a presença deles, pois sei que é mais alguém para me ajudar a olhar os alunos. Passado esse primeiro momento de angústia, comecei a ficar mais tranquila, após ver os alunos conseguindo ficar em pé na prancha, voltando para a areia sorrindo, contando para os amigos como tinha sido sua experiência e perguntando se poderiam ir novamente. Os alunos também estavam o tempo todo pedindo para tomar banho de mar. Como estava a piscininha formada, deixei que ficassem no raso, sem entrar muito na piscininha.

Outro momento de tensão foi a chegada da segunda turma da tarde, que foi a turma de petróleo e gás. A tensão era porque tinha que organizar a chegada dos alunos, mas também tinha que ficar de olho na turma que ainda estava na aula. Pedi ajuda do professor da escola que estava presente. Pedi para que ele ficasse responsável pela organização da próxima turma, pedindo que os alunos assinassem a frequência e aguardasse a saída da turma que estava na aula. A turma de petróleo e gás chegou com bastante antecedência. O professor da escola ficou organizando essa turma, enquanto eu organizava a finalização da primeira turma. Reuni a primeira turma, tiramos uma fotografia todos juntos, e pedi para que eles entregassem os coletes para os alunos da próxima turma, em seguida pegassem as coisas e fossem para casa como havíamos combinado.

No início da segunda turma, um dos instrutores de surfe decidiu mudar a forma de organização dos alunos, pedindo para eles ficarem em filas. Não gostei dessa forma de organização, pois quem estava no final da fila não conseguia ver e

entender a explicação, mas não intervir naquele momento na decisão dele. Deixei a aula acontecer daquela maneira. Ele também optou por não fazer o momento coletivo em que todos faziam o movimento na areia junto. Ele pegou o primeiro de cada fila para fazer, e em seguida direcionou esses alunos para a água. Essa mudança foi legal pois adiantou a ida à água, mas ao mesmo tempo, aqueles que não queriam fazer o momento na água, iriam ficar sem fazer nada. Depois que ele enviou o primeiro grupo para a água, rapidamente dei a ideia de ele pegar dois instrutores de surfe que não estavam na água, para já ir passando o momento da subida na prancha na areia. Dessa forma, todos os alunos fizeram o momento na areia, e a ida para água foi mais rápida. Isso fez com que a aula dessa turma acabasse antes da hora prevista. Alguns alunos pediram para repetir, eu disse para pedir dos instrutores na água, porque na verdade eu estava com vergonha de pedir para os alunos repetirem, pois sabia que esse momento é muito desgastante para quem está na água, e seria um momento para que eles descansassem. Alguns alunos pediram e conseguiram repetir, mas quando avistei a próxima turma chegando, encerrei a aula e pedi para que eles se organizassem para ir para casa. Seguimos a organização da outra aula: o professor da escola ficou organizando a turma que estava chegando, e eu organizando a turma que estava saindo.

Um fato que me chamou atenção nessa turma, foi aquela aluna que eu achava que não iria participar de nada. Ela chegou na aula reclamando do calor, do sol, da areia. Pedi para ela ficar na sombra, se acalmar, e que fosse para a fila na hora que fosse começar a explicação. Dessa forma, ela acabou sendo a primeira de uma das filas. O instrutor de surfe não sabia do medo dela, e conseguiu convencê-la a fazer o momento inicial na areia. Por um momento me animei, achando que ele conseguiria levar ela para a água, mas quando chegou no momento de ir para a água, ela não quis.

A terceira turma a chegar na praia foi a de administração. Essa turma demorou um pouco para chegar, me deixando novamente angustiada quanto ao tempo da aula. O cansaço do sol foi também me deixando sem paciência. Quando os alunos foram chegando, eu mesma que organizei a questão da frequência, pois a outra turma já tinha sido finalizada. Alguns alunos dessa turma, após assinar a frequência, queriam ficar jogando bola. Não deixei, e briguei com os alunos. Pois eles já estavam chegando atrasado, e ainda queriam ficar brincando. Nessa turma, me posicionei e determinei que iriam fazer o momento na areia em círculo. Nessa turma

eu já estava mais cansada, e deixei os instrutores de surfe controlando o momento na água. Como já era a terceira turma, eles já tinham entendido como organizar melhor os alunos. Então fiquei mais tempo sentada na sombra da tenda, acompanhando de longe o movimento da aula.

Na última turma, portos, algo diferente aconteceu. Os alunos não chegaram todos juntos. Chegou uma parte da turma, e muitos foram chegar só depois. Não quis nem ouvir a justificativa de terem chegado depois, pois já estava bem irritada e cansada. Um dos instrutores de surfe acho que percebeu minha irritação e começou a brincar com os alunos, jogando bola, enquanto esperávamos o restante da turma. Como a turma de portos é muito animada, rapidamente o instrutor envolveu todos os presentes na atividade.

Com a demora do restante da turma em chegar, decidi começar logo com quem estava presente. Quando o restante da turma chegou, briguei com eles por conta da demora, mas não quis nem ouvir o motivo da demora. Uma parte da turma já tinha ido para o momento na água, e peguei dois instrutores que não estavam na água, para passar o momento da areia para os atrasados. No fim deu tudo certo, todos participaram. Do meio para o fim da aula já estava mais calma, mas ainda muito cansada, querendo logo terminar a aula. Alguns alunos e os instrutores começaram a me chamar para fazer o momento na água também, mas disse que não iria pois depois da aula iria ainda para a universidade participar do congresso que ainda estava acontecendo, não queria me sujar muito.

Ao encerrar o momento na água, reuni os alunos para fazer a fotografia, e pedi ajuda dos alunos para subir com o material. Nesse momento de organização do encerramento da aula, tive outra situação preocupante. Me distrai um pouco, e em seguida percebi alguns alunos que tinham ido tomar banho de mar, mesmo eu já tendo encerrado esse momento. Fiquei bem nervosa e irritada, além de preocupada. Utilizei um apito para chamar atenção deles, e ordenei que saíssem imediatamente do mar. Após alguns gritos eles saíram do mar. Fiquei bem irritada com essa situação. Após essa situação, subi com os alunos e as coisas de volta para o carro. Os alunos também me ajudaram a limpar o material antes de colocar no carro. Eles são bem prestativos, e ajudam sempre que eu peço. Dessa forma, encerrei o dia de surfe na escola.

AULA 11 - SET/23 (25 A 29 DE SETEMBRO)

TURMA: 2 ANOS

DURAÇÃO: 50 MIN

TEMA: ORGANIZAÇÃO DAS APRESENTAÇÕES DE TRABALHOS PARA QUEM NÃO FEZ AS AULAS PRÁTICAS

Após a finalização das aulas teóricas e práticas, destinei essa aula para organizar os trabalhos para os alunos que faltaram ou deixaram de fazer alguma aula prática, para composição da nota parcial. Ao fazer o levantamento da quantidade de alunos que teriam que fazer trabalho, me surpreendi negativamente. Achei que teria menos alunos que não participariam das aulas práticas. A ideia inicial era que eles deveriam apresentar o trabalho de forma individual, mas devido a quantidade elevada de alunos para fazer a atividade, tive que reorganizar o planejamento e formar grupos. Defini os temas anteriormente, sendo alguns temas escolhidos a partir dos incidentes críticos observados durante as aulas. Os temas definidos foram: 1- surf e gênero, 2- surf e racismo, 3- custos e possibilidades de onde praticar (surfe, *kitesurf*, patins/*skate*, *parkour*), 4- preservação ambiental, 5- expectativa x realidade do *parkour* (com imagens de como é o movimento correto, e como foi feito na escola), 6- marginalização do *skate*, 7- práticas corporais de aventura são para todos?, 8- surfe e localismo.

Ao iniciar a aula, pedi para os alunos formarem as equipes com até 3 integrantes para distribuir os temas. Vale destacar, que as turmas não apresentaram todos os temas, pois tiveram quantidades diferentes de alunos para fazer o trabalho. Alunos que faltaram mais de uma aula prática, tiveram que apresentar mais de um trabalho. Após as equipes definidas, ia falando a temática do trabalho, e quem se interessasse pelo tema, levantava a mão para apontar o interesse naquele tema. Se mais de uma equipe quisesse o mesmo tema, eles deveriam definir em comum acordo ou na sorte (zero ou um), após escolha dos temas, definimos em comum acordo a data para a apresentação. Somente na turma de informática tive dificuldade em definir os temas e datas para apresentação. Eu perguntava quem queria o tema, e ninguém levantava a mão. Perguntava sobre o próximo tema, e novamente ninguém levantava a mão. Percebi um desprezo, apatia e má vontade dos alunos em escolher os temas. Me chateei, e chamei atenção deles que estava dando oportunidade para eles fazerem as escolhas deles por afinidade com o tema. Um aluno respondeu que eu

poderia escolher o tema de todos, que não teria problema. Me chateei novamente, pois percebi que essa falta de vontade em escolher era devido a vontade de acabar logo esse momento para que eles pudessem ir para a quadra. Falei que não iria escolher o tema por eles, e que eles não iriam mais para a quadra de forma alguma naquele dia, devido a esse comportamento apático deles. Outra situação que aconteceu nessa aula, foi que os alunos estavam tendo que sair da aula para ir receber o tablet fornecido pelo Governo do Estado. Quando voltavam para a sala, não me davam muita atenção, pois estavam mais preocupados em ligar e configurar o equipamento. Tive que pedir para todos guardarem o equipamento, para conseguir finalizar a escolha dos temas e definir as datas. Eles também não queriam definir a data de forma coletiva comigo, queriam que eu decidisse sozinha. Mia uma vez me chateei na aula, pois queria que eles participassem das decisões de escolha da aula, mas definitivamente naquela aula, eles não estavam interessados em participar de nada. Após muito insistir, chamar atenção e brigar com eles foi que consegui concluir a divisão das equipes, definição do tema e data da apresentação.

AULA 12 - SET/23 (25 A 29 DE SETEMBRO)

TURMA: 2 ANOS

DURAÇÃO: 50 MIN

TEMA: APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS PARA QUEM NÃO FEZ AS AULAS PRÁTICAS

Nessa aula, para otimizar o tempo, pedi para que os alunos me enviassem um dia antes, o slide com a apresentação, pois dessa forma eu já baixava o arquivo no computador, tornando o momento para a apresentação mais rápido.

Na turma de administração, os temas apresentados foram: 1- surfe e gênero, 2- surfe e localismo, 3- impactos ambientais, 4- custos e onde praticar o *kitesurf*, 5- marginalização do *skate*, 6- expectativa x realidade (*parkour*), 7- PCA são para todos?

A equipe que apresentou o tema relacionado ao gênero, falou de forma geral sobre as desigualdades, apresentaram algumas surfistas mulheres. Achei que falaram de forma bem superficial sobre o tema, então questionei como a turma achava que era a premiação nas competições de surfe. Eles não sabiam que havia essa

diferença. Questionei se eles conseguiriam adivinhar em que momento as mulheres entravam no mar em uma competição de surfe, pois na maioria das vezes as competições femininas de surfe acontecem em horário que a maré não está nas melhores condições para o surfe, trazendo uma falsa ideia de que as mulheres não surfam tão bem como os homens. Mais uma vez os alunos demonstraram não conhecer essas diferenças. Após essa minha fala, nenhum aluno quis comentar nada, e segui as apresentações para a próxima equipe.

A segunda equipe apresentou sobre a temática do localismo no surfe. Começaram explicando brevemente sobre a história do surfe, e depois falaram o que era o localismo, termo desconhecido pela maioria da turma. Achei interessante que os alunos apresentaram várias estratégias de como combater o localismo. Após a explicação, perguntei a eles quem realmente eram os “locais” do mar. Ficaram sem entender minha pergunta, alguns falaram que eram as pessoas que moravam próximo da praia. Falei que os verdadeiros locais eram os animais marinhos. Caíram na gargalhada, mas no final concordaram comigo. Também questionei sobre a opinião deles sobre esse tema, e um dos alunos, de forma bem sincera e com vários palavrões disse que achava uma grande besteira. Concordei com ele, e seguimos para a apresentação da próxima equipe.

A equipe que ficou responsável sobre a apresentação do tema sobre os impactos ambientais iniciou apresentando algumas práticas corporais de aventura, em seguida trouxe exemplos de como essas práticas podem interferir de forma negativa no meio ambiente como por exemplo o lixo deixado na natureza e perturbação da vida selvagem presente. Também trouxeram questões de educação e conscientização para utilizar esses espaços tendo o cuidado necessário para uma boa prática. Achei que a equipe apresentou muito bem a temática, não havendo necessidade de fazer perguntas ou complementar o que foi dito.

Sobre a temática dos custos para a prática do *kitesurf*, a equipe falou brevemente sobre o *kitesurf*, em seguida apresentou os equipamentos e custos de cada material. Os alunos ficaram bem surpresos com os valores apresentados. A equipe também trouxe os valores das aulas, além de locais que os alunos poderiam buscar para prática de *kitesurf*.

Referente ao tema de marginalização do *skate*, a equipe apresentou um pouco sobre a história do *skate* e depois alguns possíveis motivos para esse preconceito, encerrando a apresentação com alguns skatistas mais conhecidos no

âmbito nacional. Achei que essa equipe apresentou o tema de forma muito superficial, e fiquei questionando sobre os motivos dessa marginalização, e como tornar o *skate* em uma modalidade olímpica tem contribuído para quebrar um pouco desses estigmas. A turma já estava cansada e dispersa. Alguns alunos de cabeça baixa ou mexendo no celular, dessa forma, não houve muita participação na minha tentativa de debate.

Sobre o tema: “expectativa x realidade” a proposta era os alunos trazerem fotos dos movimentos de *parkour* feito na aula e comparasse com imagens disponíveis na internet, além de trazer o nome do movimento. Essa equipe não trouxe as imagens da aula, então no decorrer da apresentação deles, fiquei questionando a turma se eles haviam feito aqueles movimentos, e em que momento. Os alunos foram lembrando da aula, associando as imagens apresentadas com o que foi feito na aula. Foi um momento bem participativo da turma, em que vários alunos falaram, demonstrando entender bem os movimentos que tínhamos feito no começo do bimestre.

Em relação à temática: “PCA são para todos?”, quando pensei nesse tema, estava pensando nas questões financeiras que interferem na prática dessas modalidades, mas como não expliquei isso para os alunos, eles fizeram uma apresentação relacionado às pessoas com deficiência. Apesar de eles terem abordado sobre uma perspectiva bem interessante e inusitada para mim (não esperava que eles fossem abordar o tema dessa forma), a apresentação se limitou a falar sobre inclusão, sem fazer relação direta com as PCA. Ainda questionei se eles sabiam como as pessoas com deficiência poderiam participar dessas práticas, mas eles não souberam responder. Falei da existência de um projeto de surf próximo da escola que ensinava surf para pessoas com deficiência. Citei mais alguns exemplos de como adaptar, e encerrei a aula.

Na turma de petróleo e gás, os temas dos trabalhos foram: 1- surfe e gênero, 2- custos para prática de *kitesurf*, 3- marginalização do *skate*, 4- racismo no surfe, 5- PCA são para todos?

A forma de abordar o tema foi bem semelhante em todas as turmas, mas algumas coisas que chamaram atenção em cada turma. Nessa turma, um detalhe importante foi a apresentação do tema de gênero por um aluno conhecido por ter falas machistas, e durante sua apresentação ele soltou algumas dessas falas, como: “mulher não sabe mesmo jogar, tem que ficar é na cozinha” (**incidente crítico capturado por mim**). Eu percebi que ele estava falando aquilo de forma proposital

para gerar incômodo e revolta na turma, e conseguiu. Vários alunos riram durante a apresentação, alunas me olhavam como quem dizia: “a senhora vai deixá-lo falar isso?”. Deixei-o encerrar a apresentação, e depois passei a questioná-lo sobre suas falas. Aparentemente ele se mostrou arrependido, dizendo que estava brincando, mas aproveitei as falas dele para trazer os mesmos questionamentos que fiz na outra turma, como a questão de premiações, competições. Essa turma participou de forma bem calorosa do debate, talvez motivados pelas falas machistas que ocorreram durante a apresentação.

A equipe que apresentou sobre o racismo no surfe, trouxe um trecho de uma série do canal off: “Janaínas: Deusas do mar”. O trecho apresentado, traz questionamentos sobre a falta de patrocínios para mulheres negras surfistas, a falta de visibilidade dessas mulheres. Achei sensacional a ideia da aluna de trazer esses depoimentos, pois trouxe para o debate, temas que nem eu imaginava que existiam. Eu trouxe esse tema para essa turma de forma proposital, pois foi nessa turma que eu fui questionada na aula teórica de porque não tinha imagem de mulheres negras surfistas na minha apresentação de slide. Aproveitei o momento para falar sobre isso, pois no dia que a aluna me fez esse questionamento, ela fez de maneira particular, e eu nesse momento da aula, aproveitei para falar sobre essa importância de se questionar onde estão essas pessoas. Porque elas não aparecem no *slide* na aula de educação física, na revista sobre surfe, nas propagandas de pequenas e grandes marcas relacionadas ao surfe. Foi um momento bastante participativo, onde vários alunos falaram sobre a invisibilidade de pessoas negras.

A equipe que apresentou sobre “PCA são para todos?” também trouxe a temática de uma forma que me surpreendeu. A equipe gravou um vídeo com o depoimento de um aluno cadeirante da escola, para que ele falasse sobre as possibilidades de as pessoas com deficiência praticarem as PCA. A equipe disse que a ideia de colher esse depoimento veio, pois viram a apresentação desse aluno na feira de ciências, em que ele confeccionou com os colegas um *skate* adaptado. No vídeo, uma aluna faz várias perguntas sobre as dificuldades e se ele achava possível todos praticarem. Eu fiquei tão surpresa e emocionada, que nem consegui falar muito depois. Sai dessa aula muito satisfeita e emocionada com o nível dos trabalhos apresentados, com as falas dos alunos durante as apresentações, com a certeza de que naquela aula, eu finalmente consegui proporcionar o tipo de debate que queria trazer sobre as práticas corporais de aventura.

Na turma de informática, tive algumas boas surpresas, mas também algumas decepções. As temáticas foram as mesmas, incluindo nessa turma a temática de etarismo, pois foi na aula dessa turma que a professora de inglês participou da aula de *parkour*, se machucou e surgiram vários comentários sobre a idade dela. Mas infelizmente a equipe responsável por esse tema não fez o trabalho, e eu falei de maneira geral sobre isso. Me chamou atenção nessa turma, o trabalho sobre “expectativa x realidade” do *parkour*, pois os alunos trouxeram as imagens da aula, comparando com imagens encontradas na internet, mostrando que conseguiram fazer bem uma associação dos movimentos. Outra situação que me chamou atenção, foi no final da aula, que um aluno me procurou para falar sobre as questões de racismo no surfe, e esse aluno me disse que muitos desses surfistas negros, por não conseguir patrocínio e oportunidades de se tornarem atletas de alto rendimento, acabam se tornando instrutores de surfe, as vezes criando suas próprias escolinhas de surfe como forma de trabalho. Achei sensacional a fala dele, elogiei por essa observação e questionei por que não disse isso no momento da aula. Me respondeu que ficou com vergonha.

Já na turma de portos, o que mais me chamou atenção nas apresentações foi na temática sobre marginalização do *skate*, pois uma das meninas que estava apresentando sobre o tema é skatista, e o tempo todo ficou falando sobre os preconceitos que ela e amigos sofrem todos os dias. Além da contextualização histórica, ela também trouxe seus próprios depoimentos e fez questão de trazer imagens de amigos skatistas que são muito bons, mas que infelizmente não tem condições financeiras para comprar equipamento melhor, participar de competições em outros estados, mostrando como o *skate* ainda é muito marginalizado, apesar da visibilidade maior após as olimpíadas. Fiquei novamente bem emocionada com a fala dela, e não consegui falar muito depois. E novamente sai de sala com a sensação de dever cumprido, de ter conseguido trazer o debate sobre as práticas corporais de aventura para um outro patamar.

Quadro 33 – Incidente crítico 17.

Observação: Apresentação de trabalhos sobre temas relacionados à justiça social.

Descrição da escola: Escola pública da Rede Estadual do Ceará. Nível: Ensino Médio profissionalizante.			
Descrição da professora: Professora titular: professora de educação física, 38 anos. 14 anos de experiência.		Descrição da classe: Turma do ensino médio (15-17 anos) de uma escola pública estadual de educação profissional do Ceará, que faz o curso técnico em petróleo e gás.	
O incidente capturado.	Descrição das ações da professora.	Ação dos estudantes.	Questão de justiça social.
Aluno estava apresentando o trabalho sobre gênero no surfe e teve fala machistas durante a apresentação.	Deixei a apresentação terminar, para em seguida estimular um debate e reflexão sobre o tema.	Alguns/as riram das falas. Várias alunas mostraram-se incomodadas com a fala, esperando minha intervenção.	Machismo.
Adaptado de Philpot <i>et al.</i> , 2021			

APÊNDICE B - ROTEIRO GRUPO FOCAL

Roteiro Semiestruturado para Grupo Focal

1- **Recepção:** lanche para acolher os/as participantes;

2- **Apresentação pesquisadores/as:** com os/as participantes sentados/as em círculo, moderadora e observadores se apresentam e explicam: (1) objetivos da pesquisa e do grupo focal; (2) detalhes sobre o funcionamento do grupo, com destaque para a preservação da identidade dos/as participantes; (3) necessidade de gravação em aplicativo de gravador de voz digital.

3- **Momento de Discussão**

- Ao pensar nas aulas de PCA, que palavra representa o que essas aulas significaram para você?
- O que você sentiu ao participar dessas aulas?
- O que você aprendeu com essas aulas?
- Qual sua opinião sobre as atividades práticas valerem ponto/nota?
- O que mais gostaram em cada aula (pontos positivos)?
- O que não gostaram (pontos negativos)?
- Houve dificuldades (na organização da aula, e execução da aula)?
- Engajamento e participação (pessoal e da turma): todos participaram? Sabe os motivos da não participação? O que acham que pode ser feito para maior participação?
- O que acharam das aulas finais (trabalhos apresentados pelos colegas). Que tema mais gostou? Por quê? Que tema achou mais importante? Por quê?
- Manter ou retirar esse tema nos próximos anos? Por quê?
- Sugestões para os próximos anos. O que fazer de diferente? O que pode dificultar a realização dessas aulas (limitações)

APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Eu, Manoela de Castro Marques Ribeiro, estudante do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF, no polo Universidade Federal do Ceará – IEFES/UFC, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Sanches Neto da Universidade Federal do Ceará – IEFES/UFC, gostaria de convidar você para participar de uma pesquisa referente a minha dissertação de mestrado, intitulada “Práticas Corporais de Aventura na escola: Uma proposta para a Educação Física no Ensino Médio”.

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, tem por objetivo analisar minha prática docente acerca das Práticas Corporais de Aventura, identificando as limitações, dificuldades e possibilidades para realização das aulas de maneira mais apropriada, além de fomentar discussões críticas sobre as Práticas Corporais de Aventura. A pesquisa terá duração de um semestre letivo, e será desenvolvida na escola Maria Ângela da Silveira Borges, durante o período regular das aulas de Educação Física pela própria professora-pesquisadora. A proposta de análise da minha prática docente contará com sua participação e colaboração através da avaliação das aulas que serão realizados por meio de uma reunião em grupo, com diálogo entre os estudantes, por seguinte, analisados pela professora-pesquisadora. Este estudo é importante para inspirar outros professores a trabalhar essa temática nas aulas, buscando diversificar cada vez mais os conteúdos da Educação Física Escolar. Essa pesquisa trará para os participantes da pesquisa benefícios como aulas melhores, levando em consideração a opinião dos estudantes. O benefício sobre a avaliação da prática docente reside na oportunidade de adquirir novas abordagens avaliativas por meio da análise crítica dos eventos ocorridos na aula. O benefício sobre as práticas corporais de aventura consiste na ampliação de repertório didático e metodológico de como abordar essa temática na escola. Já o benefício acerca de estudos colaborativos desrespeito sobre desenvolver uma escuta sensível que possibilita participação ativa dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os riscos da pesquisa são mínimos e estão relacionados à confidencialidade, ocupação do tempo para avaliação das aulas. Para que isto não ocorra, será destinado um horário reservado para este fim, sendo facultativo sua participação sem qualquer tipo de penalização. Os resultados obtidos pela pesquisa poderão ser publicados em revistas e apresentados em eventos científicos, sendo que os dados pessoais dos participantes serão mantidos em sigilo. Caso haja menção a nomes de sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Caso seja da sua vontade esclarecerei possíveis dúvidas sobre participação e uso de suas respostas/opiniões/considerações para fins de pesquisa, remarcarei a coleta, aceitarei a solicitação de interrupção da gravação de áudio ou imagem, caso assim desejar o(a) participante. A qualquer momento, antes, durante ou após a sua participação, coloco-me à disposição para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que possam surgir em relação à pesquisa.

A sua participação é voluntária e sua recusa em participar não lhe provocará nenhum dano ou punição. Você poderá recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. A sua observação tem fins didáticos, portanto, se você não aceitar disponibilizar o material para fins de pesquisa, os registros serão desconsiderados. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhuma das estratégias que serão utilizadas oferecem riscos a sua dignidade.

Serão garantidos o seu sigilo e a privacidade. Os dados coletados são confidenciais e serão utilizados unicamente para fins de pesquisa. Para participar você não terá nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração. Ressalta-se que, os resultados obtidos na pesquisa poderão ser

publicados em revistas e apresentados em eventos científicos, sendo que os seus dados pessoais serão mantidos em sigilo. Caso haja menção a nomes de sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação. Após as explicações e leitura deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, se persistir alguma dúvida ou julgar necessário informações adicionais sobre o projeto de pesquisa e a sua participação poderá comunicar-se, a qualquer momento, com a professora-pesquisadora através do telefone/WhatsApp: (85) 998490570, e/ou pelo e-mail: manolaribeiro86@hotmail.com.

Se você se sentir esclarecido(a) sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará em sua posse e a outra com a professora-pesquisadora.

Eu, _____, portador(a) do documento de identidade _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação na pesquisa e concordo com a sua participação.

Fortaleza, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do(a) menor

Manoela de Castro Marques Ribeiro
Professora-pesquisadora

Prof. Dr. Luiz Sanches Neto
Orientador

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Manoela de Castro Marques Ribeiro
Instituição: Universidade Federal do Ceará– IEFES/UFC
Endereço: Rua Tabebuia, 71 – Lagoa Redonda, CEP 60851-550 – Fortaleza – CE
Contatos: (85) 988120117.

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).
O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Eu, Manoela de Castro Marques Ribeiro, estudante do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF, no polo Universidade Federal do Ceará – IEFES/UFC, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Sanches Neto da Universidade Federal do Ceará – IEFES/UFC, gostaria de convidá-lo(a) para participar de uma pesquisa referente a minha dissertação de mestrado, intitulada “Práticas Corporais de Aventura na escola: Uma proposta para a Educação Física no Ensino Médio”.

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, tem por objetivo analisar minha prática docente acerca das Práticas Corporais de Aventura, identificando as limitações, dificuldades e possibilidades para realização das aulas de maneira mais apropriada, além de fomentar discussões críticas sobre as Práticas Corporais de Aventura. A pesquisa terá duração de um semestre letivo, e será desenvolvida na escola Maria Ângela da Silveira Borges, durante o período regular das aulas de Educação Física pela própria professora-pesquisadora. A proposta de análise da minha prática docente contará com a sua participação e colaboração através da observação das aulas e dos registros que serão realizados por meio do diário de campo e, por seguinte, analisados pela professora-pesquisadora. Este estudo é importante para inspirar outros professores a trabalhar essa temática nas aulas, buscando diversificar cada vez mais os conteúdos da Educação Física Escolar. Essa pesquisa trará para os participantes da pesquisa benefícios como aprender a fazer uma melhor avaliação da prática docente, além de ampliar seus conhecimentos sobre as práticas corporais de aventura e estudo colaborativo. O benefício sobre a avaliação da prática docente reside na oportunidade de adquirir novas abordagens avaliativas por meio da análise crítica dos eventos ocorridos na aula. O benefício sobre as práticas corporais de aventura consiste na ampliação de repertório didático e metodológico de como abordar essa temática na escola. Já o benefício acerca de estudos colaborativos desrespeito sobre desenvolver uma escuta sensível que possibilita participação ativa dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os riscos da pesquisa são mínimos e estão relacionados à confidencialidade, ocupação do tempo ao elaborar os diários de campo e participação nas observações críticas das aulas. Para que isto não ocorra, será destinado um horário reservado para este fim, sendo facultativo elaborar ou não os diários de campo, sem qualquer tipo de penalização. Os resultados obtidos pela pesquisa poderão ser publicados em revistas e apresentados em eventos científicos, sendo que os dados pessoais dos participantes serão mantidos em sigilo. Caso haja menção a nomes de sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Caso seja da sua vontade esclarecerei possíveis dúvidas sobre a participação e uso de suas respostas/opiniões/considerações para fins de pesquisa, remarcarei a coleta, aceitarei a solicitação de interrupção da gravação de áudio ou imagem, caso assim desejar o(a) participante. A qualquer momento, antes, durante ou após a sua participação, coloco-me à disposição para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que possam surgir em relação à pesquisa.

A sua participação é voluntária e sua recusa em participar não lhe provocará nenhum dano ou punição. Você poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. A sua observação tem fins didáticos, portanto, se você não aceitar disponibilizar o material para fins de pesquisa, os registros serão desconsiderados. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhuma das estratégias que serão utilizadas oferecem riscos a sua dignidade.

Serão garantidos o seu sigilo e a privacidade. Os dados coletados são confidenciais e serão utilizados unicamente para fins de pesquisa. Para participar você não terá nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração. Ressalta-se que, os resultados obtidos na pesquisa poderão ser

publicados em revistas e apresentados em eventos científicos, sendo que os seus dados pessoais serão mantidos em sigilo. Caso haja menção a nomes de sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação. Após as explicações e leitura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, se persistir alguma dúvida ou julgar necessário informações adicionais sobre o projeto de pesquisa e a sua participação poderá comunicar-se, a qualquer momento, com a professora-pesquisadora através do telefone/WhatsApp: (85) 998490570, e/ou pelo e-mail: manolaribeiro86@hotmail.com.

Se o(a) senhor(a) se sentir esclarecido(a) sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará em sua posse e a outra com a professora-pesquisadora.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo com a participação.

Fortaleza, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante

Manoela de Castro Marques Ribeiro
Professora-pesquisadora

Prof. Dr. Luiz Sanches Neto
Orientador

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade (RG): _____ Sexo: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Contato: _____

Endereço: _____

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Manoela de Castro Marques Ribeiro

Instituição: Universidade Federal do Ceará– IEFES/UFC

Endereço: Rua Tabebuia, 71 – Lagoa Redonda, CEP 60851-550 – Fortaleza – CE

Contatos: (85) 988120117.

pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

APENDICE E - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM (MENOR DE IDADE)

Pelo presente instrumento,

eu _____, nacionalidade _____, menor de idade, neste ato devidamente representado por seu (sua) (responsável legal),

_____, nacionalidade _____, estado civil _____ portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua _____, nº. _____, município de _____/Ceará. AUTORIZO o uso de imagem em

todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em Dissertação de Mestrado e todos os demais produtos deste trabalho, desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará - UFC sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas:

(I) busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (II) folder de apresentação; (III) em revistas e jornais em geral; (IV) home page; (V) cartazes; (VI) back-light; (VII) mídia eletrônica, artigos e demais produtos oriundos do presente estudo. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

(assinatura)

Nome da criança:

Por seu Responsável Legal:

Telefone p/ contato:

Fortaleza, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do(a) menor

Manoela de Castro Marques Ribeiro
Professora-pesquisadora

Prof. Dr. Luiz Sanches Neto
Orientador

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Manoela de Castro Marques Ribeiro

Instituição: Universidade Federal do Ceará– IEFES/UFC

Endereço: Rua Tabebuia, 71 – Lagoa Redonda, CEP 60851-550 – Fortaleza – CE

Contatos: (85) 988120117.

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.